

LÚCIA MARIA DE JESUS PARCERO

**FAZENDA MARACUJÁ: SUA GENTE, SUA LÍNGUA, SUAS  
CRENÇAS**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Lingüística da Universidade Estadual de Campinas  
como requisito parcial para obtenção do título de Doutor  
em Lingüística.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Tânia Maria Alkmim.**

**UNICAMP**  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

P213f Parceros, Lúcia Maria de Jesus.  
Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças / Lúcia Maria de Jesus Parceros. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Tânia Maria Alkmim.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociolinguística. 2. Atitudes. 3. Língua portuguesa - Variação. 4. Comunidade. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: Maracujá Farm: its people, its language, its beliefs.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sociolinguistics; Attitudes; Portuguese language – variation; Community.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim (orientadora), Prof. Dr. Rodolfo Ilari, Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo, Profa. Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro e Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva.

Data da defesa: 26/02/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

Banca examinadora

  
Tânia Maria Alkmim (orientadora)

  
Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

  
Jonas de Araújo Romualdo

  
Rodolfo Ilari

  
Maria da Conceição Fonseca Silva

João Wanderley Geraldi

Maria Irma Hadler Coudry

Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson

A

Wilson, Leonardo e Samira, meus filhos e a Samara,  
minha neta.

Ao

Grupo Corporificando a Consciência, representado  
por Aída Gláucia, pelo suporte energético nessa  
caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, de maneira especial, aos informantes que participaram do processo deste trabalho: em seu modo simples de ser pela abertura ao diálogo e pela presteza com que atenderam às minhas solicitações; aos coordenadores do Curso e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística do IEL, pelo apoio obtido; a Tânia Alkmim pela efetiva orientação e rica contribuição para o desenvolvimento deste trabalho; aos professores Ilza Ribeiro e Sírio Possenti, pelas discussões no exame de qualificação das quais resultaram sugestões valiosas para as minhas reflexões; ao Professor Wanderley Geraldi, por questionar as minhas certezas e apontar novos caminhos; ao Professor Jonas Romualdo, pelas interlocuções que muito acrescentaram a este trabalho; a Norma Lopes, pelas discussões e pelo auxílio indispensável na revisão do texto final; a César Vitorino, pela orientação metodológica, pelo apoio, pelo conforto nos momentos de tensão e também por todos os livros ou cópias de materiais que chegavam às minhas mãos, vindos das mais distantes bibliotecas ou sebos deste país; a direção e aos colegas do *Campus XIV* pelo apoio; a Laerte, motorista do *Campus*, pela atenção com que sempre atendia os meus pedidos para ir à comunidade fosse sábados, domingos ou feriados; aos colegas, companheiros desta jornada, agradeço as trocas de informações e apoio tão necessários para que cada barreira fosse transposta; a UNEB, por ter permitido a minha saída para este curso, pelo apoio à pesquisa na comunidade e pelo auxílio financeiro PAC concedido através da PPG. A FAPESB, também pelo apoio financeiro. Enfim, um agradecimento carinhoso à minha família (meus filhos, minha neta, meus irmãos) pela compreensão pelos momentos em que fiquei ausente, assim como por todos ‘não posso’ ditos, tão envolvida estava na elaboração deste trabalho.

DEDICATÓRIA  
AGRADECIMENTOS  
SUMÁRIO  
RELAÇÃO DE QUADROS  
RESUMO  
ABSTRACT

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - UMA COMUNIDADE AFRODESCENDENTE NO SERTÃO DOS TOCÓS</b>	<b>17</b>
1. 1 – Contexto sócio-histórico	17
1.2 – O município de Conceição do Coité	22
1.3 – Caracterização da comunidade	25
<b>CAPÍTULO II - ANTECEDENTES TEÓRICOS</b>	<b>33</b>
2. 1 – Panorama atual dos estudos sociolingüísticos	33
2.2 – Atitudes lingüísticas	36
2. 3 – Representações sociais <i>versus</i> representações sociolingüísticas	43
<b>CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>49</b>
3.1 - Objetivo e hipóteses	49
3.2 - Considerações metodológicas e coleta de dados	
3.3 - Convenções utilizadas	
<b>CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>61</b>
4.1 – Considerações iniciais	61
4.2 - A dinâmica de uso da língua.	62
4.2.1 – aspectos fonológicos	63
4.2.2 - aspectos lexicais incluindo as expressões	76
4.2.3 – aspectos morfo-sintáticos.	95

<b>CAPÍTULO V – ATITUDES LINGÜÍSTICAS: AVALIAÇÃO DA LÍNGUA POR SEUS USUÁRIOS</b>	<b>115</b>
5.1 – GR1 – A escola é a enxada	116
5.2 - GR2 – As palavras fracas e as palavras fortes	126
5.3 - GR3 – Eles dizem que ...	156
5.4 – Considerações	
<b>VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>175</b>
<b>VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>177</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>187</b>
Anexo 1 – Ficha - dados do informante	188
Anexo 2 – Guia de Pesquisa 1	189
Anexo 3 – Guia de Pesquisa 2	190

## RELAÇÃO DOS QUADROS

1. Inventário do Conde da Ponte
2. GR1 – Informantes sem relacionamento regular fora da comunidade
3. GR2 – Informantes que mantêm algum tipo de atividade regular fora da comunidade
4. GR3 – Informantes da sede do município
5. Paradigma pronominal do português clássico
6. Paradigma pronominal do português brasileiro
7. Pronomes da variante rural da FM
8. GR1' Informantes sem relacionamento regular fora da comunidade
9. GR2' Informantes que mantêm algum tipo de atividade regular fora da comunidade
10. GR3' Informantes da sede do município

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo depreender as crenças, valores, e atitudes sobre a língua de uma comunidade afrodescendente a partir de duas perspectivas: dos próprios moradores da fazenda bem como dos moradores da sede do município, com base em um corpus constituído de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas aliado a outros mecanismos de coleta de dados. A comunidade denominada Fazenda Maracujá está situada no Município de Conceição do Coité, na região sisaleira do semi-árido baiano. Os estudos são desenvolvidos a partir dos pressupostos metodológicos da sociolingüística que estuda a língua não só no seu aspecto lingüístico, mas também na sua relação com questões sociais, portanto no extralingüístico. Assim, considerando-se que as atitudes lingüísticas e, portanto, as representações da língua e de suas variantes fazem parte do objeto da sociolingüística, acrescenta-se à concepção teórica mencionada a abordagem das representações sociais, segundo a qual uma atitude advém das representações que se fazem de um objeto (a língua). Desse modo, são essas teorias que, através das noções de conflito e contradição, dão suporte para justificar as crenças e julgamentos, nos discursos dos informantes a respeito da variante local. Em primeiro lugar, aborda-se o conjunto de variações lingüísticas que ocorrem nos níveis fonológico e morfossintático da comunidade, com o objetivo de fundamentar a discussão desenvolvida sobre as atitudes lingüísticas dos falantes e separam-se as variações mais gerais já incorporadas ao português brasileiro, daquelas que caracterizam o falar rural, sobretudo, nas regiões mais isoladas. Comparam-se estes resultados a estudos sobre outras variantes regionais, a fim de observar se há algum traço específico do português rural e/ou alguma construção ou palavras de origem africana em uso entre aquelas que são estigmatizadas na fala da comunidade. Com base na concepção de que uma variante lingüística carrega um conjunto de valores socioculturais agregados às formas lingüísticas, o segundo aspecto a ser considerado refere-se à análise da língua do ponto de vista das relações sociais. Para isso, analisam-se os trechos sobre as atitudes e a avaliação da língua de acordo com o objetivo proposto, tomando-se o grupo GR1 (de informantes não escolarizados e que pouco saem da comunidade) como uma espécie de contraponto, confrontando-se seus discursos aos do GR2 (de informantes escolarizados que mantêm algum tipo de relação regular fora da comunidade) e do GR3 (de informantes da sede do município). A partir daí, observam-se as crenças, as atitudes preconceituosas materializadas na linguagem, produzidas dentro e fora da comunidade e que, de certo modo, podem contribuir para a estigmatização daquela comunidade.

Palavras-chave: Sociolingüística; Atitudes; Língua portuguesa – variação; Comunidade.

## ABSTRACT

This thesis aims at depicting the beliefs, values, and attitudes towards language in an Afro-American community, from two perspectives: the farm inhabitants themselves', together with the municipality inhabitants'. The corpus is composed of structured and semi-structured interviews, as well as other mechanisms of data collection. The Fazenda Maracujá community is located at the Conceição do Coité municipality, in the sisal producer region from Bahia's semiarid. The studies were developed from the methodological background of sociolinguistics, which conceives language in terms of both its linguistic aspects and in its relation with social issues, hence in the extra-linguistic domain. Thus, considering that the linguistic attitudes and, therefore, the representations of language and its variants are part of the object of sociolinguistics, we add to the abovementioned theoretical conception the social representation approach, according to which an attitude derives from the representations that are part of an object (language). Thus, these theories are the ones which, through the notions of conflict and contradiction, support the justification of beliefs and judgments in the informants' discourses concerning the local variant. Firstly, we approach the set of linguistic variations occurring in the phonological, morphological and syntactical levels of the community, so as to support the discussion on the linguistic attitudes of the speakers. Then we separate the most general variations, already incorporated into the Brazilian Portuguese, from those characterizing rural speech, mainly in the further regions. We compare such results with studies on other regional variants, in order to observe whether there is any specific feature of rural Portuguese and/or any construction or words with African origin being used amidst those stigmatized in the community speech. Based on the conception that a linguistic variant conveys a set of socio-cultural values attached to the linguistic forms, the second aspect to be considered refers to the analysis of language from the point of view of social relations. Thus, we analyze excerpts on attitudes and language evaluation according to the proposed objective, taking the GR1 group (composed of illiterate informants, who spend most of their time in the community) as a type of parameter, comparing its discourses to GR2 (composed of literate informants, who keep a certain kind of regular relation to the outside of the community) and to GR3 (composed of informants from the seat of the municipality). From this, we observe the beliefs, the prejudiced attitudes materialized in language, produced inside and outside the community, which, somehow, may contribute to the stigmatization of such community.

Keywords: Sociolinguistics; Attitudes; Portuguese language - variation; Community.



## INTRODUÇÃO

No semi-árido baiano é comum encontrar, em seus diversos municípios, comunidades afrodescendentes semi-isoladas, sobre as quais pouco ainda se sabe sobre sua formação sócio-histórica, bem como das características da escravidão a que foram submetidas. Uma dessas comunidades, na qual se desenvolve esta pesquisa é a Fazenda Maracujá (FM), situada acerca de 20km da sede de Conceição do Coité, município que foi ponto de comércio de escravos, como pode ser atestado pela documentação de compra e venda de escravos, assim como por cartas de alforria arquivadas no cartório local. Fatos da escravidão estão, ainda hoje, na memória dos mais velhos.

A localidade tem uma população remanescente de quilombo<sup>1</sup> formada inicialmente por quatro irmãos que adquiriram a terra, seus descendentes constituíram famílias casando-se entre si e, até então os habitantes guardam um tipo de relação fechada. De passado escravo, o local conta hoje com aproximadamente quatrocentos moradores em sua maioria lavradores, analfabetos que vivem em pobreza extrema.

Sabe-se que no período da escravidão, nos grandes centros urbanos, alguns escravos originários das mesmas nações<sup>2</sup> (*jeje, nagôs, haussas, congos, angolas, moçambicanos*, entre outros), aos poucos foram se organizando em terreiros de candomblé; outros criaram irmandades religiosas junto à igreja católica, como estratégias para preservarem suas

---

<sup>1</sup> A constituição brasileira promulgada em 1988 determinou que a expressão “remanescente de quilombo” fosse estendida a todos os grupos afrodescendentes.

<sup>2</sup> Em etnografia, nação significa o conjunto de rituais que cada um desses grupos de origem distinta trouxe para o Brasil, determinante dos diversos tipos de candomblé e seitas existentes, dele derivadas (HOUAISS, 1988)

tradições, desenvolvendo uma *consciência racial*<sup>3</sup>. Ainda hoje, continuam se organizando não mais em irmandades, embora estas ainda existam, mas através da música, de expressões artísticas e, principalmente, do candomblé, o que tem influenciado favoravelmente intelectuais, artistas, empresários e políticos. Em algumas regiões do país, a cultura ‘afro’ vem conquistando espaço, contribuindo, dessa forma, para mudar o quadro de discriminação étnica muito presente em nossos dias.

Embora até recentemente a prática do candomblé fosse perseguida, sua resistência tem contribuído para uma mudança de atitudes e, nos últimos anos, iniciados do candomblé já não hesitam em divulgar ao mundo exterior certos conhecimentos, contos ou mitos relacionados ao divino. Essa mudança de atitude tem levado os afrodescendentes a buscarem ações afirmativas<sup>4</sup> junto à sociedade, em diferentes áreas sociais, para a reversão das desigualdades ainda presentes.

Por outro lado, a zona rural, em particular a comunidade este estudo, não parece estar passando pelo mesmo processo — o desenvolvimento da consciência racial — pois pouco se sabe ainda sobre as suas tradições religiosas e culturais. As atividades exercidas no candomblé não são assumidas fora de seus grupos, já que são ainda muito estigmatizadas pela sociedade circundante.

---

<sup>3</sup> Vale precisar que se entende ‘raça’ como uma construção histórica e não como um dado da biologia; assim, não é a cor da pele nem os demais traços fenótipos de um grupo que vai determinar a sua identidade.

<sup>4</sup> Por ações afirmativas entendem-se medidas especiais e temporais, tomadas pelo Estado e/ou pela iniciativa privada, espontânea ou compulsivamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo igualdade de oportunidades e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, por motivos sociais, étnicos, religiosos, de gêneros e outros.

Assim, dada a escassez de estudos sociolingüísticos que visem analisar, com base no discurso dos sujeitos, a relação entre a língua, a sociedade e a cultura, em particular, no que se refere às atitudes sobre a língua de sua expressão cultural por seus moradores, bem como a respeito das atitudes dos sujeitos em seu entorno, esta pesquisa pretende acrescentar novos dados aos demais trabalhos realizados nessa área, contribuindo com o estudo da linguagem de grupos minoritários no país.

Além do mais, o presente trabalho pode fornecer subsídios a futuros projetos que visem à melhoria das condições de vida dos moradores da localidade e, conseqüentemente, a uma mudança de atitude em relação a suas tradições socioculturais, incluindo variante lingüística.

Desenvolvido com base em um *corpus* constituído de gravação de entrevistas com os moradores do local e com moradores da sede do município, e de gravações de alguns eventos, pretende-se, com este trabalho, confrontar as atitudes advindas das representações sociolingüísticas entre os diferentes grupos entrevistados sobre a variante lingüística da FM, tomando-se o discurso dos moradores da sede do município como “matriz de sentido” ou de contraponto, para se verificar até onde tais atitudes contribuem para a estigmatização e isolamento da comunidade.

Os estudos têm como abordagem teórica os pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística, com base nas concepções postuladas por Fasold (1984), Fishman (1972), Gumperz e Dell Hymes (1972a , 1972b), Saville-Troike (1989). Ademais, como se entende que as atitudes lingüísticas e, portanto, as representações da língua e de suas variantes, fazem parte do objeto da sociolingüística, a concepção teórica mencionada articula-se à abordagem das representações sociolingüísticas com base nos trabalhos desenvolvidos por

Bakhtin (1929), Boyer (1990) e, principalmente, pelo sociólogo Bourdieu (1983, 1998). Assim, a pesquisa ultrapassa a simples categorização de fatos e estende o entendimento do sistema cultural para a língua, já que, ao mesmo tempo, relaciona língua e organização social, papéis de relacionamentos de valores e crenças e outros padrões de comportamentos partilhados, que são transmitidos de geração, a geração no processo de socialização e de aculturação.

Dentro da abordagem da sociolingüística, um conceito importante para o desenvolvimento desta pesquisa diz respeito às dimensões micro e macro da sociolingüística. Fishman (1972) e Fasold (1984) fazem distinção entre o contexto da microsociolingüística e da macrosociolingüística. A dimensão micro inclui temas tais como etnografia da comunicação, linguagem e sexismo, pragmática lingüística e implicaturas conversacionais, línguas *pidgns* e crioulas, variação lingüística e, finalmente, as aplicações sociolingüísticas da língua. Já a dimensão macro trata de questões relacionadas ao multilingüismo e bilingüismo, diglossia, atitudes lingüísticas, planejamento lingüístico e padronização educacional e educação em língua vernácula. De um modo geral, as atitudes lingüísticas e, portanto, as representações da língua e suas variações são parte do objeto da sociolingüística.

A esta pesquisa, portanto, interessam, principalmente, os aspectos macro da sociolingüística, com ênfase nos conteúdos atitudinais e na ideologia a eles subjacente. Assim, combina-se o estudo da situação comunicativa com a análise de ideologias, enquanto componentes do contexto sócio-cultural, envolvendo crenças e comportamentos.

Não obstante aspectos da dimensão micro, etnografia da comunicação, discurso, linguagem e variação lingüística e aplicações sociolingüísticas também fazem parte deste estudo.

É, portanto, com base nos pressupostos apresentados, que se pretende estender a análise dos dados da pesquisa à análise detalhada de comportamentos e de seus significados no dia-a-dia da interação social, em um contexto social mais amplo em que os comportamentos estão inseridos.

Com o objetivo de tornar a exposição mais clara, o presente trabalho divide-se em quatro capítulos. O primeiro apresenta os antecedentes sócio-históricos da escravidão, em particular desse fenômeno no sertão da Bahia, como elementos necessários à compreensão da estigmatização e isolamento da comunidade no contexto social atual. Na segunda parte desse capítulo, apresenta-se a caracterização dos aspectos culturais da comunidade.

No segundo capítulo, com o objetivo de delinear o panorama atual dos estudos sociolingüísticos que possam dar sustentação à pesquisa e à análise das atitudes lingüísticas, esboçam-se o quadro teórico e concepções afins para explicar as crenças e os valores socialmente atribuídos às manifestações culturais do grupo.

No terceiro capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos e metodológicos que orientam a pesquisa, assim como se examinam os dados referentes ao grupo de base da pesquisa, constituído pelos informantes da comunidade.

No quarto capítulo, comparam-se as características específicas das variantes lingüísticas como procedimento necessário à compreensão das atitudes e representações sociolingüísticas dos dados analisados. Sintetizam-se, posteriormente, os resultados da pesquisa.



## CAPÍTULO I – UMA COMUNIDADE AFRODESCENDENTE NO SERTÃO DOS TOCÓS<sup>5</sup>

### 1.1 – Contexto sócio-histórico

Tendo em vista a carência de pesquisas na área de sociolinguística, principalmente, sobre a região sisaleira do semi-árido baiano em geral e sobre as comunidades negras em particular, pretende-se trazer à compreensão fatos de interação sócio-cultural: os ritos religiosos, o trato com a terra, as tradições orais, a formação das identidades, enfim, os contatos sociais estabelecidos e nos quais a linguagem atua como organizadora de um espaço social remanescente da cultura afro. Atenção especial, entretanto, é dada aos detalhes nas descrições físico-sociais, aspectos mais diretamente relacionados a este trabalho. Para tanto, torna-se fundamental a compreensão de como se deu a constituição da comunidade.

A região do semi-árido baiano situa-se no Polígono das secas e no sertão; a região identificada com a seca, é caracterizada pela baixa precipitação e má distribuição de chuvas, tornando difícil a alimentação das populações e dos animais. Como afirma Santos & Silveira (2001, p. 73). “*A representação da seca e da região como algo homogêneo tem servido de base inclusive para justificar a homogeneização das ações do Estado na região e para acusar o seu povo de incapaz, já que lá as ações não rendem resultados positivos*”.

Segundo os autores, nos últimos cinquenta anos a região foi também identificada com a

---

<sup>5</sup> No período pré-colonial essa região era ocupada pelos sapóias, paiaiás, tocós, secaquerinhens, pertencentes ao grupo dos Quiriris, formando a grande nação dos Tapuias. Quando os bandeirantes baianos, chegaram à região instalaram ali o que seria o primeiro aldeamento branco.

pobreza. Além de seca, e já que “o povo é indolente”, a cultura do semi-árido foi transformada em cultura da pobreza.

A ocupação do sertão baiano decorreu das concessões de sesmarias como meio de distribuição de terras; da pecuária como meio de expansão para o interior; da busca de ouro e prata e da utilização de alimentos de subsistência como garantia de auto abastecimento e fixação do homem à terra; e das missões como forma de dominar os gentios, ocupar e assegurar possessões.

As concessões de terra na região Nordeste<sup>6</sup> variavam de vinte a cinquenta léguas, podendo ser ampliadas a exemplo das possessões da família Garcia d'Ávila, a “casa da torre”, que, em 1710, era proprietária de 340 léguas de terra às margens do Rio São Francisco e seus afluentes. A família Guedes de Brito, por sua vez, possuía propriedades abrangendo um espaço territorial de mais de 160 léguas, incluindo o Sertão dos Cotós, local em que hoje está situado o Município de Conceição do Coité. Nessa estrutura fundiária no Nordeste da Bahia, excessivamente concentrada e transformada em instrumento fundamental de poder das oligarquias, os proprietários tinham a região como palco de suas disputas internas e referência para ocupação de cargos públicos.

A relação de trabalho na região se dava através da mão de obra escrava e a mão de obra livre de meeiro. Assim a escravidão desenvolveu-se no alto sertão baiano juntamente com a meação “*confundindo choupanas de agregados e casebres de escravos*” (NEVES 1998, p. 248).

---

<sup>6</sup> Os dados apresentados foram obtidos pela COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL CAR (BA). Programa de Desenvolvimento regional sustentável: Nordeste da Bahia. Salvador, 1999.

Os plantéis de escravos nessa região eram geralmente pequenos se comparados aos do Recôncavo (onde eram necessários grandes contingentes de mão de obra para a produção açucareira). Não se encontram com frequência registros de senhores sertanejos com um grande número de escravos em uma só fazenda. Os grandes proprietários distribuíam seus escravos em pequenos grupos por várias fazendas, empregando-os na policultura agrícola, pecuária extensiva, serviços domésticos e mais raramente em funções especializadas como carpinteiro, pedreiro, ferreiro e outros.

Ao contrário do que dizem alguns historiadores, entre eles Vianna Filho (1946, p. 129), os inventários de pecuaristas dos séculos XVIII e XIX freqüentemente relacionavam vaqueiros escravos subordinados aos administradores, evidenciando que o exercício da prestigiada profissão não era exclusividade de homens livres, no sertão. Os não escravizados recebiam, como pagamento, geralmente, no final do quadriênio contratado, segundo acordo verbal, 25% dos bezerros que ferrassem naquele período.

No inventário do Conde da Ponte<sup>7</sup>, em 1832, arrolam oito fazendas do “sertão do São Francisco”, todas pecuaristas empregando trabalho cativo.

Quadro I – Inventário do Conde da Ponte<sup>8</sup>

Fazendas	Bovinos	Escravos	Proporção	
			Bovinos 100%	Escravos 50%
Boa vista	2.084	81	69	139
Batalha	1.611	36	44	87
Volta	.880	343	28	57
Campos de São João	1.494	45	47	93
Itaberaba	1.454	45	58	116
Campo Grande	1.564	41	27	55
Currálinho	2.105	44	33	67
Santo Antônio	2.129	54	59	118
<b>TOTAL</b>	<b>13.321</b>	<b>780</b>	<b>59</b>	<b>86</b>

<sup>7</sup> O Conde da Ponte foi governador da Bahia por volta de 1809.

<sup>8</sup> O Quadro I, corresponde a Tabela II publicada em Neves (1998, p. 250).

Os latifúndios da Casa da Ponte, no médio São Francisco, apresentam para os pequenos plantéis sertanejos uma quantidade elevada de escravos. Segundo o autor, é possível que a metade desses escravos fossem mulheres, crianças e idosos que não lidavam com a criação, mas que cuidavam da agricultura e de serviços domésticos.

Além disso, o Quadro I chama a atenção para o fato de os escravos serem contabilizados entre os animais de propriedades rurais. Assim eles não chegavam como gente, mas como peças; apesar de trazerem consigo suas tradições culturais a condição de escravos não lhes permitia manifestá-las (NEVES, 1998, p. 248-253).

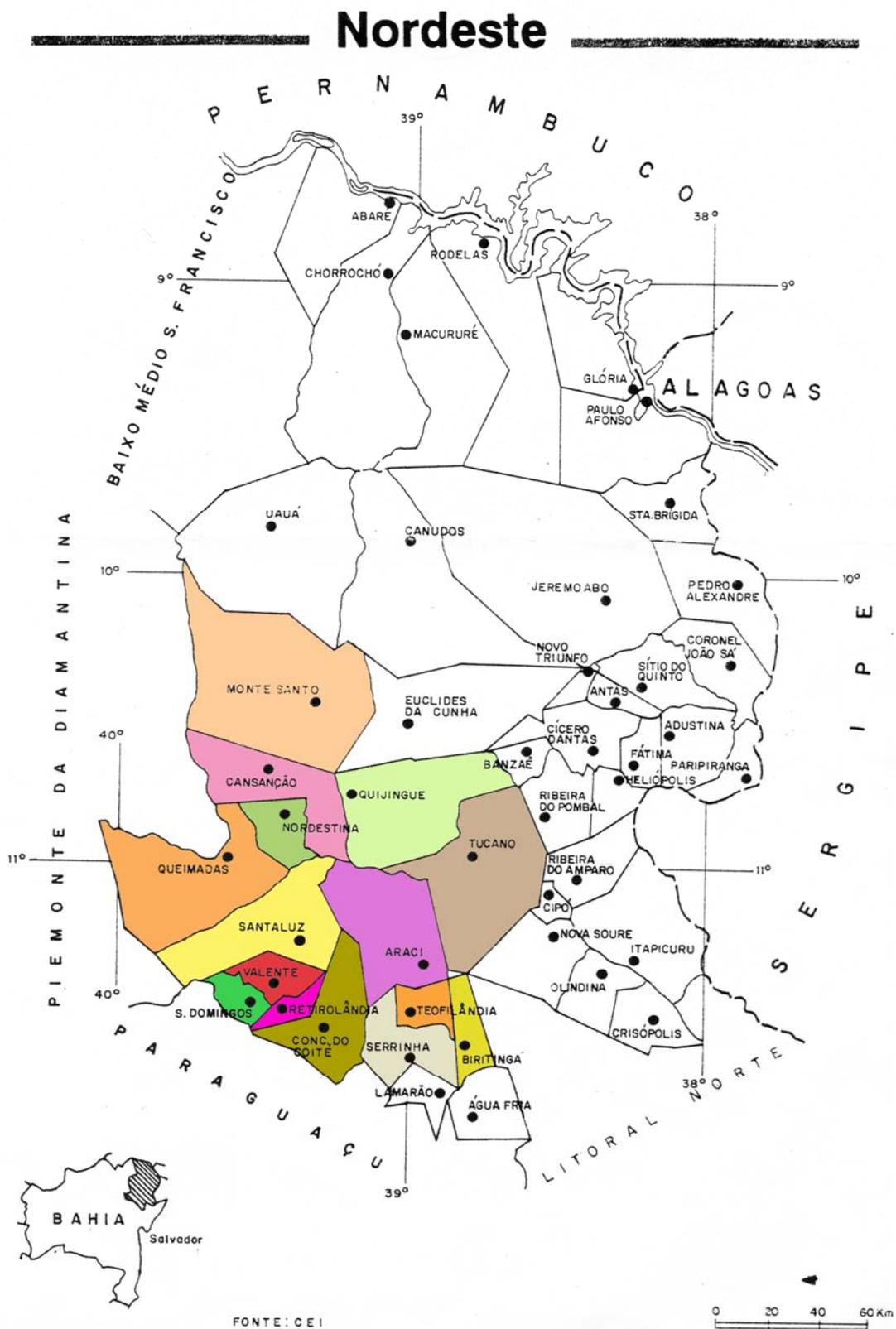
A região sisaleira, de acordo com a divisão do IBGE (1990), está localizada na mesorregião do Nordeste baiano e na microrregião de Serrinha, é constituída por 27 municípios, (Cf. Mapa 1). O clima semi-árido da região é caracterizado por longos períodos de estiagem e baixa média pluviométrica, entre 300 e 550 mm ao ano, tornando o solo da região ácido. Devido à baixa pluviosidade e a acidez do solo, os lençóis freáticos são geralmente salobros. A vegetação é caracterizada pela caatinga, cerrado e vegetação arbórea aberta. O conjunto desses fatores climáticos foi determinante para a adaptação, implantação e sucesso do sisal, principal atividade econômica da região.

O sisal, inicialmente, cultivado naquela região por volta de 1910, utilizado como cerca viva, passa a ter, a partir da década de quarenta, uma finalidade industrial, dada sua variedade de aplicação. A partir da procura externa pelas fibras, a cultura se expande, passa a ocupar terras incultas, chegando a formar uma verdadeira “região sisaleira” no Nordeste baiano. (Cf. Mapa 1)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup>Corresponde à divisão definida pelo MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) em 2003 dos municípios que integram o território da Região Sisaleira.

MAPA 1



O produto, contudo, vem sofrendo oscilações no mercado; em 1970 essa produção sofreu uma queda muito grande quando houve a substituição das fibras do sisal (cordéis e cordas) por sintéticos, voltando a se recuperar com a crise do petróleo. O produto continua a ser comercializado nos mercados nacional e internacional.

Vale acrescentar que o processo de desfibramento do sisal trouxe um alto custo social para a região, pois, como o motor disponível para obtenção da fibra não oferece segurança em seu manuseio, existem, atualmente, muitas pessoas mutiladas de membros superiores no local. Para além disso, o trabalho no processamento do sisal sempre usou a mão de obra infantil<sup>10</sup>

## **1.2 - O Município de Conceição do Coité**

A fazenda Coité, no sertão baiano dos Tocós, comprada aos herdeiros dos Guedes de Brito, em 1855, foi elevada à categoria de Freguesia Nossa Senhora da Conceição do Coité, pela Resolução Provincial nº 539, de 09 de maio de 1855, quando apresenta a primeira delimitação de todo o seu território. Em seguida desmembrou-se de Riachão de Jacuípe por Ato Estadual de 18/12/1890, com a denominação de Conceição do Coité, voltando a integrar-se ao território de Riachão em 1931, quando criado o município de Riachão de Jacuípe. Em 07/07/1933, por Decreto Estadual volta à denominação de Conceição do Coité, recupera sua autonomia política, ficando elevada à categoria de cidade em 30/03/1938. Posteriormente, pela Lei 1.016 de 12 de agosto de 1958, Retirolândia e

---

<sup>10</sup> Hoje, com o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI , essa prática já não ocorre tanto e a frequência das crianças à escola é maior.

pela Lei 1752 de 27 de julho de 1962, Valente adquiriram o estatuto de Município, emancipando-se de Conceição do Coité.

Conceição do Coité está situado na região sisaleira, a 210km de Salvador. De acordo com a divisão do IBGE, o município faz parte da microrregião de Serrinha. Possui 1.789 km. em grande área de tabuleiros com uma população estimada em 59.219 de habitantes<sup>11</sup> em julho de 2006. Sua economia é baseada na produção de sisal, cultura de exportação, na criação de gado de corte, criação de caprinos e nas lavouras de alimentos, como mandioca, feijão, milho, numa estrutura fundiária de pequenas e médias propriedades rurais.

Do ponto de vista das relações sociais, Rios (2003) informa que a memória do Município de Conceição do Coité foi construída apenas com grandes eventos políticos, sem índios<sup>12</sup>, sem negros e sem a participação do povo nas decisões. Os índios, os homens ilustres da região os exterminaram, já sobre a participação do elemento escravo, silenciaram.

Apesar de muitas informações terem se perdido, alguma coisa pode se resgatar sobre a história da escravidão negra no sertão da Bahia através de fontes documentais<sup>13</sup>. Em uma pesquisa dessa natureza, Neves (1998)<sup>14</sup> revela fatos até então desconhecidos sobre o trabalho cativo no alto sertão baiano.

---

<sup>11</sup> Cf. informação verbal da Coordenadora do IBGE no Município.

<sup>12</sup> Sobre o assunto confira: 1) ARAÚJO, Antônio José de. A família de Serrinha, Serrinha: typographya e encadernação do Diário da Bahia, 1926. 2) FRANCO TASSO. Serrinha: A colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia. Salvador: EGBA / Assembléia Legislativa do Estado, 1996. 3) OLIVEIRA, Vanilson. Conceição do Coité: a capital do Sisal. 2. ed. Conceição do Coité: Gráfica Clip. 2001.

<sup>13</sup> Inventários, cartas de compra e venda de escravos de escravos, cartas de alforria, registros de casamento, registros de óbitos e outros.

<sup>14</sup> O trabalho do autor sobre o alto sertão baiano está direcionado, principalmente, para a região de Caitité.

Nesse acervo, como informa o autor, enquanto há escassez de informações sobre o trabalho familiar, a meação e o assalariado diarista, com relação ao escravo, além da relação de produção, encontram-se dados tais como: nome, etnia, idade, estado civil, valor (expresso em mil réis), senhor, vendedor, comprador tanto para o período colonial quanto para o posterior. Há também, nas diversas transações comerciais, informações sobre eventuais defeitos físicos, doenças e profissões ou aptidões.

Também a pesquisa de Rios (2003) revela fatos históricos sobre a relação escravos *versus* senhores. Até pouco tempo a sociedade coiteense alegava que em Coité, cidade “orgulho do sisal”, não houve escravidão negra, nem problemas locais “*reproduzindo os valores que balizaram as primeiras obras referentes à região*”.

Nesse sentido, o processo de construção da memória da cidade de Conceição do Coité se fez, então pelo silêncio de elementos do passado e pelo “não-dito”. Talvez não por falta de importância ou porque não fosse significativa, mas porque se precisava construir um passado que justificasse a idéia de modernização e de desenvolvimento, sem informações que contradissem o ‘mito de fundação’ (RIOS, 2003, p. 44).

O que dizer, entretanto, sobre as cartas de compra e venda de escravos, as cartas de alforria e tantos outros documentos sobre a escravidão arquivados nos cartórios da região? E sobre as comunidades negras semi-isoladas espalhadas pelos diversos municípios da região sisaleira, incluindo Conceição do Coité? Apesar de todo o silêncio, elas existem!

Um mapeamento dessas comunidades na região é um trabalho a ser feito. Há algumas referências sobre as seguintes: Salgado, Canto, Lagoa Curralinho, em Serrinha; Cruzeiro, Gameleira, Jitaí, Mucambo, em Retirolândia; África, em São Domingos; Chapada, em Riachão do Jacuípe; Cansação, Maracujá, em Conceição do Coité.

Essas comunidades têm muitas características em comum, como, por exemplo, alto nível de casamentos consangüíneos, semi-isolamento, muita pobreza. Diferente do Recôncavo baiano e de outras regiões onde houve concentração de mão de obra escrava o que favoreceu a miscigenação, no sertão da Bahia, seus descendentes permaneceram isolados e ainda hoje sofrem muitos preconceitos na região.

### 1.3 – Caracterização da comunidade

Foi nesse contexto social que a comunidade Maracujá, a aproximadamente 20 km da sede de Conceição do Coité (Cf. Mapa 2), se formou. A terra possui uma vegetação de caatinga, típica do clima semi-árido, a energia elétrica<sup>15</sup> só recentemente foi inaugurada. A região está sujeita a grandes períodos de estiagem, o que dificulta o dia-a-dia como também a própria sobrevivência dos moradores, já que a economia tem por base a agricultura de subsistência (plantação de milho, de feijão e de mandioca).

**Inf** - Aqui quando é tempo de farta d'água nós vai panhá água, mulé, muito longe ói vai panhá água perto de Chapada, ota hora o carro vem botá, se o caro demorá de botá, como mermo minhas fia cotadinha já foi com uma lata na cabeça panhá como daqui ni Chapada, é longe,ota ora botaro dois carote aqui no jegue, a senhora sabe o que é um animal, um jumento botá dois carote, ou quatro e trazê esses carote ... casa seca, feirão sem botá no fogo. AMS.

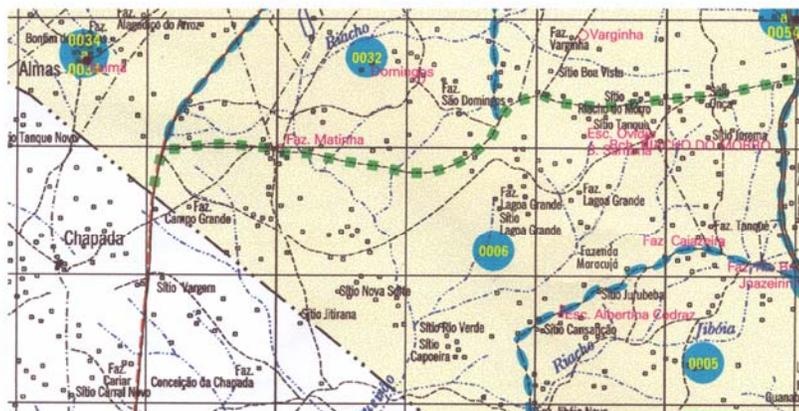
O que é produzido no local é estocado para consumo e, quando necessário, há troca dos produtos entre eles. Essa prática mostra um tipo de comércio “primitivo” e deriva, nesta comunidade, do isolamento historicamente construído ao longo do tempo.

---

<sup>15</sup> A energia elétrica foi inaugurada em outubro de 2002.

### MAPA 2

**Conceição do Coité - BA**  
**IBGE 2000**



O trecho abaixo, extraído da entrevista da informante EDT, mulher de 78 anos, neta do primeiro morador, Zé de Souza, sobre as primeiras famílias da FM:

Doc-2 Ele é ... era quatro irmão. Era Zé de Soiza, Calixto, Sivrino e Grigóro. Era quatro irmão. O finado Zé de Soiza quem comprou essa fazenda aqui, esse ... uma sobra de terra. Ele comprou, ele comprou, agora os irmão ficou pagando a ele meada de fumo. (...) era cem tarefa de cada irmão. Aqui é quatrocenta tarefa. De Calixto, Sivrino e Gregoro. (...) tudo ... tudo ... tudo só se assina por Soiza. Pra esse povo daí que foi Sivrino e Calixto. Tudo se assina por uma assinatura só.

Como informa EDT, a comunidade tem uma população afro-descendente, formada inicialmente por quatro irmãos que adquiriram a terra<sup>16</sup>; seus descendentes constituíram novas famílias casando-se entre si (primos com primas) e, até agora, os habitantes guardam alguma relação de parentesco, um tipo de relação social fechada (casamentos entre consangüíneos).

No que diz respeito à educação, a intervenção da escola atualmente ainda é bastante precária, com elevada taxa de analfabetismo. Basta dizer que toda a população adulta do local é analfabeta ou semi-analfabeta (apenas assina o nome). Observe o que dizem os moradores.

**Doc.** Você estudou?

Inf. Não senhora, num tenho estudo (...) Não sei [escrever] não, só escrevé e assiná o meu nome.

Entretanto, eles têm o conhecimento da prática aplicados na cura das doenças, na agricultura e outros. Entre os conhecimentos sobre a lavoura, eles sabem qual a fase da lua em que se devem plantar para ter uma boa colheita, o combate às pragas<sup>17</sup> que atacam as

---

<sup>16</sup> Segundo informações dos moradores, a área possui 400 tarefas e, pelo que se pôde inferir, foi adquirida há uns 150 anos aproximadamente. Para informações mais precisas seria necessário um estudo mais detalhado deste aspecto.

<sup>17</sup> Vale lembrar que os lavradores do local não utilizam adubo químico nem tampouco inseticidas para combater os insetos que atacam a lavoura, eles utilizam práticas adquiridas pela experiência

plantações, o processamento da mandioca para fazer a farinha e derivados. Além disso, alguns deles trabalham no processamento do sisal.

Quanto ao aspecto religioso, embora a maioria se diga católica, pela observação da comunidade e, posteriormente, pela relação de confiança adquirida entre a pesquisadora e os moradores, pode-se constatar que a religião predominante é o candomblé. Seguindo um calendário, as *rezas* aos santos de devoção e o preceito de oferta de *caruru* fazem parte da tradição religiosa da comunidade. Nas rezas aparecem os santos da religião católica associado ao culto aos orixás, em um tipo de sincretismo religioso muito conhecido no meio religioso baiano.

Vale ressaltar que as práticas do candomblé são ainda muito discriminadas na região; em decorrência disso, os rituais são feitos entre seus pares e os praticantes não gostam de falar a respeito.

Como na ‘arte de fazer’ de Certeau (2004, p. 92), a noção de ‘táticas desviacionistas’ diante dos sistemas dominantes, pode ser aplicada ao sincretismo religioso. A partir dos modelos hegemônicos, os receptores das mensagens oficiais não são passivos e, do que lhes é imposto, desenvolvem mecanismos recriando significados e práticas.

Táticas semelhantes são usadas ainda hoje na FM: atrás das rezas, nas diversas formas de pagamentos de promessas, no preceito do *caruru* se esconde o candomblé, religião dominante no local.

Observe o que diz PDL a respeito da discriminação.

**Doc.** E quanto à religião, você conhece alguma característica particular [da comunidade]?

**Inf.** Eu sei que tem eh ... um grupo de candomblé lá, mas não sei detalhes não sei lhe dizer também o que fez, eles participarem cá [igreja] e lá eu acho que sim.

Doc. como é muito comum aqui na Bahia, né?

**Inf.** É muito comum, infelizmente, dentro de nossa igreja católica as lideranças aqui de Coité não aceitam isso de jeito nenhum, eu venho devagarinho relutando mostrando que o candomblé não é magia negra, que candomblé ... o candomblé é uma religião como a nossa, mas **há uma rejeição por completo**, total das nossas lideranças católicas para esse aspecto, **é menosprezo, é zombaria, é rejeição**, são coisas que a gente percebe ...

**Doc.** Tanto que lá eu senti que eles não assumem ...

**Inf.** Eles não assumem, **têm medo** ...

O trecho é parte da entrevista com o pároco da Igreja Católica do município e corresponde às representações que as pessoas da zona urbana ou rural da região têm a respeito do candomblé.

Associadas às práticas religiosas ocorrem as práticas da medicina através das rezas e do uso das ervas medicinais que curam as doenças e afastam os maus espíritos.

**Inf.** É limoeiro brabo. Isso aí é pra infração de mulé (...) aqui a gente bota no fogo, cozinha, toma banho aqui nas cadera, toma por aqui [mostrando a região da pélvis] bebe um pouco, e a infração ... a infração pode tá como tive ... pra infração de mulé. AMS

Outras vezes, recorre-se ao curador como relata VML.

**Inf.** Eu vim adoecê depois de eu já grande, já adulto.

**Doc.** O que você teve?

**Inf.** Comecei a dá farsamento e zonzá e ficá lerda, mas tomei remédio e já miorei graças a Deus.

**Doc.** Foi ao médico?

**Inf.** Fui ni casa de curadô (...) ele me deu um remédio, **garrafada** e eu miorei, graças a Deus.

O curador normalmente está relacionado à prática do candomblé, à vidência. Assim, além de ele preparar a garrafada (uma mistura de ervas, mel e outros), cuida também da parte espiritual que pode estar por trás da doença.

Outra prática muito comum são as benzeções. Na região há as rezadeiras que conhecem as rezas, da tradição oral passada de geração a geração, que tira o mau olhado, o quebranto, a mofina<sup>18</sup>.

Eu rezo cobrero, eu rezo do vento, eu rezo de oiado, mufina. MVJ

As festas também estão estreitamente relacionadas à religião. As principais são as rezas aos santos de devoção, o caruru, cujos rituais estão relacionados à prática do candomblé e à apresentação do reisado. Normalmente todos esses eventos são seguidos de leilão e depois de samba até o dia amanhecer, quando se serve uma refeição.

Observe nos fragmentos a seguir o que dizem os informantes sobre esses eventos:

**Inf.** Eu rezo pra Santa Luzia porque minha mãe fez uma promessa quando eu era pequeno pra eu ficá são das vista, que tive esse pobrema na vista e, minha mãe fez promessa pra mim ficá são e graças a Deus e a Santa Luzia, [então] eu fiquei rezano todo ano. A gente faz a reza e tem o samba a noite toda TBS.

**Inf.** Eu vou ficá aqui mermo [no Maracujá] aqui mermo tá bom pra mim, até o dia que Deus quisé, o dia que Deus num quisé a gente vai se mudá, mas inté aqui eu tô gostano, vou saí não. Aqui quano tem brincadera vô. Se tem reis eu vô, se tem uma reza eu vô, se tem um cariru, gosto bem da folia tombém (risos) é gosto da folia, vô ni cariru, vô ni samba, vô ni reis, vô ni reza toda coisa que tem tô po dento ... TSF

O grau de isolamento geográfico e social pode concorrer para as relações sociais, as características das redes sociais e o grau de relação do falante com o meio. Mesmo assim, parece não ser a localização geográfica, nem os três quilômetros não pavimentados os

---

<sup>18</sup>Conforme Póvoas (1989) 1) - mau olhado significa fluido mau, liberado dos olhos de certas pessoas e que adere a outra, ocasionando mal estar geral p. 181. 2) – quebranto significa indisposição que o mau olhado de certas pessoas produzem em outras p. 187. 3) – mofina significa mal que se caracteriza por sonolência, apatia, falta de apetite, ou ainda atraso nos negócios e prejuízos ocasionados por fluidos negativos p. 178.

responsáveis pelo semi-isolamento em que vivem seus moradores, mas sim o estigma<sup>19</sup> social herdado da escravidão que atribuiu ao negro a condição de inferioridade. Esse fato pode ter contribuído para a segregação dessa comunidade, bem como para tantas outras com características semelhantes, no interior do estado da Bahia.

---

<sup>19</sup> Estigma é entendido aqui como um atributo profundamente depreciativo é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo (...) por definição é claro, acreditamos que alguém, com algum estigma não seja completamente humano (...) construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classes social. Goffman (1982:13)



## CAPÍTULO II – ANTECEDENTES TEÓRICOS

### 2.1 – Panorama atual dos estudos sociolingüísticos

Os estudos da língua relacionados ao contexto social começam a se desenvolver, sob a influência da antropologia, já no início do século XX, com a conhecida antropologia lingüística “*em que linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis, lingüistas e antropólogos trabalham lado a lado e, mesmo, de modo integrado*” (ALKMIM, 2001, p. 29). Esses estudos, a partir de então, passaram a subsidiar os estudos lingüísticos e a área da dialectologia começa a desenvolver-se gradativamente, até quando, a partir da década de sessenta, surgem os primeiros trabalhos sociolingüísticos, sob a influência de Labov, ainda fortemente relacionados aos conhecimentos fornecidos pelos dialectologistas.

Com o desenvolvimento de seu trabalho, Labov (1972), ao correlacionar linguagem e sociedade em seus diversos estudos sobre variação lingüística, trata das atitudes dos falantes sob vários prismas, conferindo-lhes sempre um papel determinante na diferenciação social da linguagem e no curso das mudanças lingüísticas. Para o pesquisador, as atitudes sobre a língua podem se manifestar de diversas formas, tais como: uma tendência regular de o sujeito adotar a norma de prestígio; uma auto-avaliação a respeito da norma; uma reação subjetiva de sensibilidade à norma; um reconhecimento explícito de um traço lingüístico como um estereótipo.

Dentro dessa perspectiva, em seu estudo na ilha *Martha's Vineyard* sobre a centralização dos ditongos */ay/* e */aw/* em palavras como *right* e *house*, o autor observou que havia uma tendência para centralizar a primeira vogal desses grupos, ou seja, para

torná-la mais alta. A ilha tinha uma população de seis mil habitantes, mas no verão recebia cerca de quarenta mil visitantes. Para analisar o fato lingüístico objeto de sua pesquisa, o autor partiu de uma amostra de 69 entrevistas de representantes dos vários grupos étnicos de ambos os sexos, procedimento que o levou a observar duas tendências principais entre a centralização das vogais e as atitudes dos ilhéus:

1. o alteamento das vogais era um fenômeno dialetal próprio da ilha *Martha's Vineyard*, mais comum entre os nativos de 30 e 45 anos de idade, que viviam da pesca, rejeitavam a invasão de turistas na ilha e expressavam um sentimento positivo sobre a ilha.
2. a normatização das pronúncias /ay/ e /aw/, próprias da língua padrão realizadas entre aqueles que mantinham maiores contatos com o continente: os que tinham casa de veraneio na ilha; ou aqueles que precisavam ter contato com a escola da ilha, principalmente de nível superior, onde os filhos iam estudar, e expressavam um sentimento neutro ou negativo em relação à ilha.

Para obter estes resultados, Labov levou em conta não só fatores lingüísticos: à coleta de dados lingüísticos foram acrescentados outros elementos que incluíam informações sobre a ilha e seus habitantes, conversas com seus informantes (entrevistas, leitura de trechos e de listas de palavras).

Com base nestes dados, ele pôde constatar que o uso mais conservador dos ditongos era realizado entre os homens mais jovens que buscavam se identificar com os valores da ilha e se opunham aos valores impostos pela mudança da economia, antes baseada na pesca, para as atividades de turismo. A demarcação fonológica, na verdade,

expressava um sentimento de lealdade à ilha e de protesto contra os invasores e estava, portanto, estreitamente relacionada às expressões de forte resistência dos ilhéus à invasão dos veranistas.

Em seu estudo clássico (1966), desenvolvido na cidade de Nova York, Labov isolou um número determinado de traços fonológicos e gramaticais mais frequentes no uso diário, mais sujeitos a variação inter-pessoal e estilística e que carregavam a maior quantidade de informação social e, com base em uma amostra representativa de gravação de fala formal e informal da cidade como um todo, o autor pôde observar a estratificação social objeto de seu estudo. A Labov se deve a sociolinguística quantitativa e a elaboração e teste das técnicas de investigação das relações entre fatores sociais e variantes linguísticas. Desta forma, as dimensões da variação e a identidade social dos falantes evidenciaram a correlação de um elemento linguístico com um número de variáveis extralinguísticas tais como classe social, idade, sexo, grupo étnico ou estilo contextual.

Ademais, para Labov a mudança é estruturada e é impossível se compreender a progressão de uma mudança na língua no contexto social onde ela se produz, apesar das pressões que se exercem constantemente sobre a língua nas relações com a sociedade.

Sua pesquisa muito contribuiu para os estudos linguísticos, resultando na consolidação da pesquisa Sociolinguística Variacionista e abrindo espaço para o estudo de fala de grupos minoritários, tais como: negros, porto-riquenhos, mexicanos. Entre outros avanços, tem realizado rupturas importantes no que concerne ao estudo do uso da língua e, sobretudo, no campo de investigação da variação e mudança da língua.

Ainda assim, os estudos correlacionais deixaram em aberto inúmeras questões sobre a natureza da relação da linguística com fatos sociais e culturais. Surge, então, com Gumperz, Dell Hymes, Fishman e outros, um interesse crescente pelo estudo das relações

entre língua, cultura e sociedade. Em 1964, foi publicada a primeira Antologia organizada por Dell Hymes; a partir de então vem se ampliando o campo de investigação científica da linguagem, o qual passa a incluir a Sociologia da Linguagem, a Etnolingüística, a Antropologia Lingüística a Lingüística Antropológica.

Vários estudiosos têm procurado delimitar as diferenças entre as referidas disciplinas. Para Hudson (1980) a diferença entre a Sociolingüística e outras disciplinas afins como, por exemplo, a Sociologia da Linguagem é, principalmente, *uma questão de ênfase, conforme o investigador esteja mais interessado na linguagem ou na sociedade e, também, de acordo com sua maior ou menor habilidade em analisar estruturas lingüísticas ou sociais.*

Desta forma, tem-se nesta pesquisa o pressuposto de que uma análise da linguagem em seu contexto social precisa ir além dos limites da sua própria realização lingüística, pois o fenômeno da linguagem em suas relações com os fatores sociais apresenta várias faces e o estudo desse fenômeno, como parte da cultura de um povo, é um dos objetivos dos estudos lingüísticos.

## **2.2 – Atitudes lingüísticas**

Entre as abordagens da sociolingüística, a ênfase nesta pesquisa é dada ao estudo das atitudes lingüísticas, uma vez que tais atitudes e crenças afetam não só os fenômenos particulares específicos como também o plurilinguismo e, em particular, a variedade intralingüística. A Sociologia da Linguagem proposta por Fishman (1972) interessa aos propósitos desta pesquisa, uma vez que

investiga a interação entre dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização do comportamento sócio. De modo resumido, a sociologia da linguagem focaliza uma gama de tópicos relacionados à organização social do comportamento da língua, incluindo não só o uso da língua per se, mas também atitudes e comportamentos abertos a respeito da língua e de seus usuários. (FISHMAN, 1972, p. 1)<sup>20</sup>

A essa linha de pesquisa podem se acrescentar a definição de marcação de papéis sociais, atitudes sobre diferentes línguas e variedades de linguagens, que refletem percepções de pessoas em diferentes categorias sociais, e como tais percepções influenciam a interação no interior ou fora das fronteiras de uma comunidade de fala. A própria noção de atitude, ainda muito utilizada no terreno da psicologia social, conta hoje com uma caracterização universalmente aceita.

No mesmo sentido, interessam certos fundamentos da macrosociolinguística ou Psicologia Social, que consistem no “*estudo das características das variedades da língua, as características de suas funções e as características de seus falantes, como esses três interagem constantemente, mudam e mudam um ao outro ambos na e entre as comunidades de fala*” (FISHMAN, 1972, p. 7)<sup>21</sup>.

Para Fasold (1984, p. 147/148), as principais teorias desenvolvidas sobre as atitudes lingüísticas estão relacionadas às visões *mentalista* e *behaviorista* que diferem em sua compreensão sobre tais atitudes. A primeira concebe uma atitude como uma intervenção variável a um estímulo e uma resposta. Nessa perspectiva uma atitude é constituída das subpartes cognitiva, afetiva e conativa. A segunda visão, a behaviorista, considera o fato das atitudes apresentarem comportamentos ou respostas a uma dada situação; assim as

---

<sup>20</sup> The sociology of language and the social of language focuses upon the gamut of topics related to the social organization of language behavior, including not only language usage per se but also language attitudes and overt behaviors toward language and toward language users. (FISHMAN, 1972 p.1).

<sup>21</sup> “Is the study of the characteristics of language varieties, the characteristics of their functions, and the characteristics of their speakers as these three constantly interact, change, and change one another, both within and between speech communities” (Fishman, 1972, p. 7)

atitudes estão presentes nas respostas dadas a partir de comportamentos ou a certas situações.

A maioria das pesquisas sobre atitudes se desenvolve com base no ponto de vista mentalista, utilizando-se, principalmente, da técnica “The matched-guise”<sup>22</sup>, que consiste em um procedimento que associa um formato de resposta semântica diferencial. Este método foi utilizado, com algumas modificações, em um grande número de pesquisas. O autor acrescenta que as pesquisas sobre as atitudes têm contribuído amplamente para o estudo da estrutura social, incluindo a língua como marcador de etnicidade e diglossia. Além de ter sido muito utilizado na educação sobre as atitudes dos professores no que se refere aos alunos.

Fasold (1984) define, do modo que segue, os possíveis objetos de estudos de atitudes sobre a linguagem:

- O que pensam os falantes sobre as línguas (se são ricas, pobres, feias, etc.);
- O que pensam sobre os falantes das línguas e dialetos;
- As atitudes em relação ao futuro de uma língua.

Neste caso, atitude lingüística pode ser entendida como parte do sistema ideológico que serve para organizar e relacionar valores e crenças e comportamento a um conjunto de julgamentos ético e estético. (FASOLD, 1984, p. 176).

Compatível com as idéias anteriormente apresentadas, Smith (1973), ao estabelecer a relação entre língua, fala e atitudes, apresenta um esquema em que a sociedade (cultura), grupos sociais (subcultura) e indivíduos (comportamentos, instituições e cultura) estão inter-relacionados. Para ele, é possível que as diferenças no desempenho lingüístico – a fala

---

<sup>22</sup> Para informações sobre ‘The matched-guise technique’, confira (Fasold, 1984, p. 149/150).

- estejam intimamente relacionadas ao *status* social dos falantes, a partir das atitudes lingüísticas e comportamentos avaliativos que as pessoas fazem uma das outras, no ato comunicativo. Nesse sentido, a avaliação que se faz de uma pessoa tem efeito sobre o modo de agir com essa pessoa, no ato da fala. Desse ponto de vista *mentalista*, uma atitude pessoal prepara o indivíduo para reagir a estímulos dados, dirigidos mais em uma direção que em outra.

De modo semelhante, Saville-Troike (1989, p. 180) caracteriza os estudos sobre atitudes lingüísticas:

- Aquele que explora atitudes gerais sobre a linguagem e as habilidades da linguagem (quais as línguas ou variedades são melhores que outras, para qual conceito de letramento (literacy) é avaliada);
- Aquele que explora impressões estereotipadas sobre a linguagem, seus falantes e suas funções;
- Aquele que foca sua pesquisa em interesses sobre aplicações (ex. escolha e uso da língua e aprendizado da língua).

Uma das razões pelas quais as atitudes da linguagem interessam à etnografia consiste em que falantes raramente podem escolher conscientemente que atitudes ter em relação a uma determinada variedade de linguagem, uma vez que as atitudes são adquiridas pelos membros de um grupo como parte da cultura ou no processo de aculturação em uma comunidade particular de fala. Tais atitudes podem basear-se em fatos reais, mas, na maioria das vezes, se originam a partir de crenças imotivadas, assegura a autora.

O estudo das atitudes é importante para a sociolingüística, uma vez que pode ‘predizer’ um dado comportamento lingüístico: a escolha de uma língua particular em comunidade multilingüe, lealdade, língua de prestígio entre outras. Atitude é um dos

conceitos básicos da psicologia social; pode ser definido como uma “*disposição mental para algo*” e indica o que estamos preparados para fazer internamente, pelo menos e age como uma ponte entre opinião e comportamento.

A seguir, recorre-se a conceitos de *preconceitos, estereótipos* entre outros postulados pela Psicologia Social da qual o conceito de representações sociais também se originou. Jordelet (2004, p. 60) assegura que estas noções “*designam os processos mentais pelos quais se operam a descrição e julgamento das pessoas ou de grupos que são categorizados por pertencer a uma categoria social ou pelo fato de apresentar um ou mais atributos a esta categoria*”.

Acrescenta a autora que, em relação às exclusões socialmente produzidas, a Psicologia Social, não opõe um tipo de interpretação (psicológica) a um outro (sócio-histórico, cultural ou econômico). Ela tenta compreender de que maneira as pessoas ou os grupos que são objetos de uma distinção são construídos como categoria à parte. Para dar conta desta construção social, foram propostos diversos modelos teóricos. Referindo-se à dinâmica psíquica ou a processos cognitivos, colocam em jogo noções elaboradas no seio da Psicologia Social, tais como as de preconceito, estereótipo, discriminação, identidade social, ou ainda apelam, através da análise dos discursos sociais, às representações sociais e a ideologia. (Jodelet, 2004, p 54).

Estas noções tomadas da Psicologia Social são necessárias ao entendimento da estigmatização e exclusão produzidas não apenas no espaço de comunidade de minorias, mas nas representações que fundamentam os preconceitos nos processos de comunicação e nos contextos sócio-históricos nos quais seus conteúdos se elaboram.

Necessário também ao entendimento das noções mencionadas é conhecer o conceito de *categoria social*. Do ponto de vista da sociolinguística, Saville-Troike (1989, p. 199)

define ‘tipo social’ ou ‘categoria social’ como uma parte necessária da nossa relação com o mundo, o que nos permite definir nossa orientação a outros indivíduos, e oferece uma base para o nosso sentido cultural de ‘maneiras’ e de outras convenções de relações interpessoais, além de ajudar a estabelecer relações preliminares, uma vez que, como se sabe, ao nos relacionar com diferentes grupos de pessoas, poderemos ser inadequados socialmente.

A autora acrescenta que o conjunto de tipos sociais e dos padrões recorrentes da interação estabelecida por meio deles se constitui na ‘estrutura social’. A este respeito, Jodelet (2004, p. 60) se posiciona da seguinte forma:

a categorização segmenta o meio social em classes cujos membros são considerados como equivalentes em razão de características, ações e intenções comuns. O mundo social está simplificado e estruturado, baseado em um processo que foi posto em evidência a propósito da percepção e da classificação de objetos físicos, a saber, a assimilação entre elementos semelhantes e o contraste entre elementos diferentes.

Assim, a categorização social que deve ser considerado um processo potencialmente positivo e até mesmo útil, pode assumir aspectos negativos e deixar então de ser um modo de socialização, podendo tornar-se um meio de desfiliação ou de rejeição ou de projeção preconceituosa, adquirindo uma conotação negativa que está associada, normalmente, ao termo ‘estereótipo’.

Por conseguinte, o processo de estereotipar envolve ‘uma crença’ exagerada associada a uma categoria, cuja função é justificar, em outras palavras, racionalizar determinada conduta em relação a uma categoria. Tendo em vista suas conotações e conseqüências negativas, pode-se afirmar que estereótipos não se fundamentam na realidade observável.

Sobre este tipo específico de estereótipo, Saville-Troike (1989) assegura que não está associado a traços observáveis, mas que se constitui de uma negação de valores atribuídos ao grupo que é estereotipado. Neste caso, os traços atribuídos não são específicos da língua ou da cultura do grupo alvo, mas tendem a ser iguais para todos os outros:

Estes [estereótipos] são universalmente desumanos. Atribuem comportamento infantil ou animalesco, imoralidade ou ausência de maneiras, regras ou leis: isto é a ausência de cultura. O grupo que faz esta espécie de estereótipo define cultura em termos de suas próprias crenças e práticas e, então, interpreta todas diferenças como deficiências. (SAVILLE-TROIKE, 1989, p. 196)<sup>23</sup>

Fazer julgamentos a respeito das pessoas de acordo com suas características lingüísticas, é uma forma comum de estereotipar, a mudança de um traço da língua, em determinadas circunstâncias se torna muito sensível, denunciadora de suas raízes. Os estereótipos evidenciam pontos importantes para o estudo dos juízos de valor e atitudes em uma comunidade de fala; sua identificação pode ser útil, uma vez que permite um trabalho de descrição etnográfica, conjugando aspectos tais, como: dimensão das atitudes lingüísticas que foram parte da descrição; interpretação das condutas comunicativas sócio-culturais, e fidelidade dos dados observados. (Saville-Troike, 1989, p. 194-195).

Vale acrescentar o tratamento dado por Boyer (1990, p. 103) ao estereótipo. Trata-se da análise do funcionamento de uma estrutura cognitiva que consiste em “*um conjunto de traços atribuídos a um grupo (étnico, nacional, sexual, profissional) e a todos os membros desse grupo*”.

---

<sup>23</sup> Original: These are universally dehumanizing, imputing childish or animalistic behavior, immorality, and absence of manners, rules, or laws: i.e. absence of culture. The group doing this kind of stereotyping defines culture in terms of its own beliefs and practices, and than interprets all differences as deficiencies (Saville-Troike, 1989, p. 196).

Desse ponto de vista, o estereótipo que resulta de uma categorização parece desempenhar um papel de “guia” para o tratamento da informação relativa a uma pessoa da qual se conhece apenas a categoria social. Entretanto, o estereótipo “*que é um produto de um funcionamento normal*” está associado a atitudes negativas, aos preconceitos, aos julgamentos preconcebidos, resultando em ter um efeito sobre aqueles que são arbitrariamente objeto dele.

### **2.3 – Representações sociais *versus* representações sociolingüísticas.**

Aliados aos pressupostos da sociolingüística, serão usados recursos teóricos das representações sociais. Para Boyer (1990, p. 104), as atitudes lingüísticas e, portanto, as representações da língua se constituem em uma categoria das representações sociais, noção central da psicologia social, desenvolvida por Moscovici (1961), com o objetivo de averiguar como se converte uma disciplina científica e técnica para o domínio comum. Seu estudo abriu espaço para substituir um conceito teórico abstrato – o da representação social – pela análise de um objeto real, a partir do qual se pode tentar a construção de um modelo teórico geral. Ademais elaborou um método aplicável a outras representações sociais da educação, da religião e da doença.

Uma representação pode ser definida como “*uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social*”. Ou ainda caracterizada como

uma “*forma de saber prático que relaciona um sujeito a um objeto*” (MOSCOVICI, 1961, p. 287-288), (JORDELET, 1999, p. 53-59)<sup>24</sup>.

Sua estrutura se configura em três dimensões:

1. A informação que corresponde à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social;
2. A atitude que termina por focalizar a orientação global em relação ao objeto de representação social;
3. O campo de representação remete à idéia de imagem, de um modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições acerca de um aspecto preciso do objeto da representação.

Assim, a representação social se situa sobre dimensões de atitudes, de informação e de imagens e leva aos processos de *objetivação*, de *ancoragem*. Além do mais ela contribui para formação de condutas e para orientação de comunicações sociais. Sua estrutura se configura através das dimensões da *ancoragem* e da *objetivação*

O processo de *ancoragem* tenta reduzir idéias estranhas a categorias e a imagens comuns. Refere-se ao fato de qualquer tratamento da informação exigir pontos de referência, de modo que é a partir das experiências e dos esquemas já estabelecidos que o objeto da representação é pensado.

Além do mais, o conceito de ancoragem apresenta pontos em comum com o conceito de categorização, já que ambos funcionam como estabilizadores do meio e como

---

<sup>24</sup> Representação social “C’est une forme de connaissance, socialment élaborée et partagée, ayant une visée pratique et concourant à la construction d’une réalité commune à un ensemble social” (Jordelet, 1999, p. 53) e ainda “la représentation comme une forme de savoir pratique reliant un sujet à un objet”.

redutores de novas aprendizagens. Para Moscovici (2003, p. 63) “*categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele*”. O autor acrescenta que classificar e nomear algo estranho, desconhecido são dois aspectos da ancoragem das representações.

A *objetivação* é o processo de transformar o abstrato em algo quase concreto que existe no mundo físico. Este mecanismo envolve três etapas. A primeira que diz respeito à informação e às crenças sobre o objeto representado e podem sofrer um processo de seleção e de descontextualização, as quais não são neutros ou aleatórios, mas dependem das normas e valores dos grupos. A segunda se refere a como se organizam os elementos constituintes da representação e a terceira, ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade, ou seja, se tornam expressões de uma realidade vista como natural.

O processo de ancoragem pode preceder a objetivação ou situar-se em sua seqüência. Enquanto processo que precede a objetivação, a ancoragem refere-se ao fato de qualquer tratamento da informação exigir pontos de referência. Assim, é a partir das experiências e dos esquemas já estabelecidos que o objeto de representação é pensado. Já em relação ao processo que segue a objetivação, a ancoragem se refere à função social das representações, particularmente, contribui para exprimir e constituir relações sociais (MOSCOVICI, 1961, p. 312-319).

Há, entretanto, para Boyer (1990, p. 104 -105) uma diferença fundamental entre o tratamento dado às representações sociais pela psicologia social e pela sociolinguística. Enquanto aquela não distingue bem a ideologia da representação social, esta abrange em suas buscas o caráter das dinâmicas conflituais que incluem imagens, atitudes e outras categorias de estereótipos.

Assim, de um modo geral, as atitudes lingüísticas e, portanto, as representações da língua fazem parte do objeto da sociolingüística, que estuda os sentimentos dos falantes a respeito de fatos lingüísticos normatizados, ou de suas variedades, analisa as imagens recíprocas de línguas em contato e sua incidência sobre a evolução desse contato. Além disso, trata com propriedade as atitudes, preconceitos, estereótipos, ou seja, as *representações sociolingüísticas*, as quais são inseparáveis de uma lingüística de usos sociais em situações de consenso ou de conflito; analisa, portanto, as dinâmicas lingüísticas e sociais.

Neste sentido, Boyer considera que os trabalhos do sociólogo Bourdieu trouxeram uma contribuição significativa para a sociolingüística. Bourdieu confere às representações sociolingüísticas um tratamento dinâmico da língua na prática social. Para ele “*a língua, o dialeto ou o sotaque constituem objeto de representações mentais, de atos de percepção e de apreciação de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem seus interesses e pressupostos*” (BOURDIEU, 1998, p. 107).

A abordagem sobre a linguagem em *A Economia das trocas lingüísticas* oferece instrumentos para compreender fenômenos relativos à produção, distribuição e consumo da linguagem, inscritos nas relações sociais dos diversos domínios<sup>25</sup>.

Para o autor, o modelo de produção e circulação lingüística é uma relação entre o *habitus*<sup>26</sup> lingüístico e os mercados lingüísticos. Em sua análise da economia das trocas

---

<sup>25</sup> *Domínios* aos quais se referem Bakhtin (1929) e Fishman (1972) equivale ao conceito de *campo* proposto na obra de Bourdieu.

<sup>26</sup> *Habitus* lingüístico é definido como “disposição permanente em relação à linguagem e as situações de interação, objetivamente ajustada a um dado nível de aceitabilidade. O *habitus* integra o conjunto das disposições que constituem a competência ampliada definindo para um agente determinado a estratégia lingüística que está adaptada às suas chances particulares de lucro, tendo em vista sua competência específica e sua autoridade” (BOURDIEU, 1983, p. 171).

lingüística, ele oferece instrumentos para compreender fenômenos relativos à produção, distribuição e consumo da linguagem, inscritos nas relações sociais.

Esse modelo permite compreender os erros e aos fracassos aos quais está condenada a lingüística, quando, a partir de um só dos fatores em jogo, a competência propriamente lingüística, definida abstratamente, fora de tudo o que deve a suas condições sociais de produção, ela tenta dar conta do discurso em sua singularidade conjuntural. De fato, enquanto ignorarem o limite que é constitutivo de sua ciência, os lingüistas não têm alternativas senão buscar desesperadamente na língua o que está inscrito nas relações sociais nas quais funciona, ou fazer, sem perceber, sociologia, isto é, com o perigo de descobrir na própria gramática o que a sociologia espontânea do lingüista importou inconscientemente para ela. BOURDIEU (1998, p. 24)

O modelo de produção e circulação lingüística é uma relação entre o *habitus* lingüístico (as disposições, socialmente modeladas) e os mercados lingüísticos nos quais eles oferecem seus produtos.

O *poder simbólico* como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, transformar o mundo (...) só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. É preciso lembrar que, segundo o autor, “*o que faz o poder das palavras (...) poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença cuja produção não é de competência das palavras*” (Bourdieu, 1998, p. 14-15). De fato, o poder simbólico utiliza-se da enunciação para criar formas de perceber o mundo e de torná-las críveis, validando ou alterando a maneira subjetiva de ver e entender especialmente as relações humanas e os papéis das pessoas e do próprio indivíduo na sociedade.

Tais questões do ponto de vista do autor correspondem às representações de *violência simbólica* na qual encontra-se subjacente a uma luta ideológica entre grupos;

assim, ao longo de sua obra, o tratamento dado à representação do comportamento sociolingüístico e ao funcionamento ideológico aproxima-se da abordagem sociolingüística no âmbito das atitudes e representações objeto deste trabalho.

## CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 3.1 Objetivos e hipóteses.

A partir das considerações apresentadas, o objetivo principal desta pesquisa consiste em apreender as atitudes lingüísticas sobre a variante da comunidade FM, a partir de duas perspectivas: a dos moradores da sede do município e da dos próprios moradores da comunidade FM como matriz de sentido. As atitudes são analisadas no sentido de apreender a avaliação dos falantes a respeito de sua própria língua e da língua do outro. Nessa perspectiva se incluem as crenças e os valores, as reações emocionais e as representações sociais ativas no sujeito em seus grupos sociais.

Estabelecido o objetivo do trabalho que, por sua vez, define não só a população a ser investigada, como também sugere as técnicas mais adequadas para a obtenção dos dados, partiu-se, pois, para a formulação da hipótese básica, ou seja, da resposta ao problema levantado, cuja comprovação é verificada através da análise dos dados da pesquisa. Partiu-se, então, da hipótese básica de que a visão de mundo, juntamente com o sistema de valores dados aos atributos do grupo incluindo à linguagem, estão fundamentados em idéias pré-concebidas de inferioridade étnico-social, historicamente constituídas.

São hipóteses secundárias:

- a) As características lingüísticas da variante local, objeto de discriminação, são atestadas em diversas regiões do país;
- b) Palavras e expressões de origem africana circulam no cotidiano da variante da comunidade;
- c) A linguagem dos moradores do local incorpora o discurso que lhes atribui condição de inferioridade, ou seja, a visão do outro, do grupo dominante.

### **3.2 – Considerações metodológicas e coleta de dados**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, já que o que nos interessa não é apenas o que os informantes dizem, mas também como e por que eles dizem. Assim, os procedimentos metodológicos são orientados pela Etnografia, pois, como mencionado anteriormente, nessa abordagem, a cultura corresponde a padrões simbólicos e a língua é apenas um desses sistemas simbólicos no processo de comunicação. Assim, interpretar o significado do comportamento lingüístico requer conhecer o significado no qual ele está inserido. Por conseguinte, a fonologia, a gramática e o léxico, que são o objeto da descrição lingüística constituem apenas uma parte dos elementos da língua usados para a comunicação, aos quais devem ser incluídos os fenômenos que têm significado convencional em cada comunidade de fala. (SAVILLE-TROIKE, 1989, p 22).

Ademais, os estudos etnográficos têm contribuído para o entendimento de manutenção ou de mudança cultural, de vários fenômenos de aculturação em situação de contato ou fornecendo importantes pistas para a história da cultura de um povo.

Consciente de que, ao desenvolver uma pesquisa em outras culturas, *“uma variedade de métodos devem ser utilizados para minimizar a imposição de suas próprias*

*percepções e categorias culturais no registro e interpretação de um outro sistema*”, como afirma Saville Troike (1989, p. 128), aqui se procurou, inicialmente, conhecer a comunidade para neutralizar essa situação de preconceções, captar dados de diversas maneiras possíveis, combinar medidas objetivas às subjetivas, a fim de ter acesso mais preciso ao grupo.

Antes, porém de tratar dos procedimentos usados na coleta de dados, cabe informar que, ao ouvir, em Conceição do Coité, município onde leciona, falar a respeito do isolamento e de uma espécie de mistério que pairava sobre a comunidade do Maracujá, a pesquisadora ficou na expectativa de conhecer a localidade, seu povo e, principalmente, a língua falada por ele. Será que haveria, na fala local, algumas características marcantes dos falares africanos? Ou quem sabe vestígios de língua crioula de base portuguesa?

Assim, em 2000 no desenvolvimento preliminar do Projeto de Doutorado Interinstitucional UEFS/UNICAMP, previa-se que os estudos se desenvolveriam com base em um *corpus* de fala do semi-árido: a pesquisadora não teve dúvidas — a variante estudada por ela seria a da Fazenda Maracujá. A partir de então começaram os contatos.

Como principal instrumento na coleta de dados, utilizou-se o recurso de entrevistas para obter os dados lingüísticos, bem como um amplo conjunto de informações sobre relações sócio-culturais. Quanto às questões e ao estilo das entrevistas, o tipo mais comum de entrevista etnográfica é composto de questões que não têm respostas alternativas, ou seja, questões abertas, de modo que possibilitem ao entrevistado falar de suas experiências, seus saberes, suas crenças, seus valores para se obter um amplo conjunto de informações necessárias à análise e interpretação dos dados.

Nossos experimentos e a análise apresentada [sobre alternância de códigos] demonstram a importância do significado social não referencial para o estudo da linguagem na sociedade. A observação naturalmente naturalística do comportamento da fala não é suficiente. Para interpretar o que ouve, o pesquisador deve ter algum conhecimento da experiência da cultura local e do processo que gera o significado social. Sem isto é impossível generalizar sobre implicação social de diferenças dialetais (GUMPERZ, 1972a, p. 556)

Da citação destacam-se dois aspectos principais a serem considerados nesta pesquisa. Primeiro, o conhecimento da experiência da cultura local que se tentou adquirir através da opção por questões abertas nas entrevistas e pela observação e participação em eventos na comunidade. Segundo, o significado social; nesse sentido buscaram-se os comportamentos e as relações sociais construídas no processo sócio-histórico entre os moradores e seus pares, bem como as relações com os “de fora” da comunidade.

A partir dessas observações, a pesquisadora foi apresentada à comunidade através de uma professora local e de um funcionário da FUNASA – Fundação Nacional de Saúde. Apresentada a pesquisadora à agente de saúde do local, que lhe passou as informações sobre os moradores da comunidade, juntamente elaboraram uma lista de possíveis informantes. Inicialmente, o foco da pesquisa seria o estudo da variante lingüística da comunidade FM, com ênfase na sintaxe dos pronomes-complemento. Assim entre 2000 a 2002, utilizou-se como recurso de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, com base em um roteiro temático sobre a formação e a vida da comunidade e o preenchimento de uma ficha com os dados do informante (Anexo 1) Abordaram-se, então, assuntos sobre o trabalho na roça, na casa de farinha, no motor de processamento do sisal; sobre saúde e as práticas religiosas locais, entre outras questões do dia-a-dia dos moradores. Essas primeiras entrevistas totalizam 24 entrevistas, com aproximadamente uma hora de duração cada, conforme Quadro II.

Quadro II – GR1

Entrevista nº	informante	sexo	idade
1	TSF	f	45 a.
2	MDS	m	35 a.
3	MJS	m	62 a.
4	TBS	m	59 a.
5	AMS	f	51 a.
6	ODT	f	54 a.
7	JMS	m	48 a.
8	SPS	m	75 a.
9	RFS	m	75 a.
10	ALS	m	54 a.
11	EDT	f	78 a.
12	ARL	f	74 a.
13	PSJ	f	61 a.
14	VMO	f	62 a.
15	LRJ	f	84 a.
16	ARL	f	74 a.
17	CLR	f	58 a.
18	MVJ	f	70 a.
19	MSM	f	63 a.
20	ACS	m	19 a.
21	AJS	m	21 a.
22	MTD	f	27 a.
23	ALJ	f	24 a.
24	VMR	f	22 a.

Informantes sem relacionamento regular fora da comunidade

Os informantes GR1 não são alfabetizados, à exceção dos mais jovens, que estudaram as primeiras séries no próprio local, e só assinam o nome e sabem juntar algumas letras. Além disso, os informantes desse grupo pouco saem da comunidade e trabalham na roça para o seu próprio sustento e para ajudar as suas famílias. Assim o *modus vivendi* dos jovens que fazem parte desse grupo assemelha-se ao dos mais velhos.

Essa etapa da coleta de dados, além de fornecer informações históricas e sócio-culturais de interesse da pesquisadora, forneceu dados sobre aspectos da variedade lingüística local e sobre quais características distinguem as variedades entre si.

Posteriormente, com a mudança do foco para uma abordagem sociolingüística, mais precisamente no tocante a atitudes, valores e crenças sobre a língua, sentiu-se necessidade de acrescentar às entrevistas questões diretas sobre o novo enfoque da pesquisa e acrescentar outros informantes. Dividiu-se, então, os informantes em dois grupos: um “interno”, constituído de moradores da comunidade FM, e o outro “externo”, constituído de moradores da sede do município. Observou-se, entretanto, que dentro da própria comunidade havia divergências de atitudes sobre a língua: as pessoas que tinham algum tipo de relação regular fora da comunidade discriminavam o modo de falar, entre outros atributos, daqueles que pouco se relacionavam fora do local e viviam numa espécie de rede social fechada Milroy (1989). A partir dessas observações, formou-se o GR2, que é constituído dos moradores que mantêm algum tipo de relacionamento regular fora da comunidade, isto é, fazem parte de uma rede de relação mais aberta.

O Quadro III – GR2 consta de seis gravações, é constituído de homens e mulheres na faixa etária entre 21 a 39 anos, moradores da FM alfabetizados ou semi-alfabetizados. As entrevistas ocorreram nos períodos de abril a julho de 2003 e de setembro e outubro de 2004, constituindo um corpus de seis gravações.

Quadro III – GR2

Entrevista nº	Informante	sexo	idade
1	LRS	m	39 a.
2	GVN	f	36 a
3	ELN	f	35 a.
4	ILD	m	21 a
5	ADT	m	24 a
6	VNS	f	21 a

Informantes que mantêm algum tipo de atividade regular fora da comunidade.

Para determinar atitudes sobre a língua, Fasold (1984, p. 149) menciona dois tipos de método: o direto, no qual simplesmente se perguntam, aos informantes suas opiniões sobre o assunto; e o indireto, em que os sujeitos pesquisados desconhecem que suas atitudes diante da língua estão sendo investigadas. Além do mais, para a coleta dos dados, é preciso ter clareza sobre os dados que se pretende analisar.

Na primeira fase em que se realizaram as entrevistas (entre 2000 a 2002), quando o foco da pesquisa seria a sintaxe, utilizou-se o método indireto. Os informantes desconheciam que estava se observando a sua fala, sabiam apenas que se pretendia conhecer o modo de vida e as relações sociais no dia-a-dia da comunidade. Quando se mudou o foco da pesquisa para as atitudes lingüísticas, foi necessário elaborar um guia de pesquisa com perguntas diretas e voltar à comunidade para complementar as entrevistas.

Assim, o GR2 consta de entrevistas estruturadas conforme o Guia de Entrevista 1 (Anexo 2), com questões sobre a rede de relações dos informantes, bem como sobre a avaliação que eles fazem da fala da comunidade. Como se pode constatar, são poucos os informantes que se enquadram nos critérios de seleção desse grupo.

O Quadro IV – GR3 corresponde a gravações feitas no período de fevereiro a julho de 2003, com pessoas da sede do município que mantêm algum tipo de relação com a comunidade pesquisada (o padre, um funcionário da FUNASA, a ex-professora da localidade). Como pode ser observado, por exigência da própria metodologia do trabalho e amadurecimento da idéia a ser desenvolvida, foram necessárias muitas voltas à comunidade, fato que favoreceu também o fortalecimento dos laços de amizade entre a pesquisadora e os moradores da localidade.

#### Grupo IV

Entrevista	Informante	Sexo	Idade
1	TLS	f	26 a
2	OMB	m	50 a
3	PDL	m	58 a
4	VLP	f	53 a
5	MVL	f	56 a
6	JSL	f	55 a

Informantes da sede do município

As entrevistas dos sujeitos desse grupo foram também realizadas através de uma pesquisa estruturada conforme Guia de Pesquisa nº 2 (anexo 3), com base em questões sobre o que eles conhecem da comunidade FM e seus moradores, em particular a respeito das atitudes sobre a língua.

Vale mencionar algumas dificuldades para conseguir informantes para esse grupo, à exceção dos quatro primeiros entrevistados já conhecidos da pesquisadora. Inicialmente, procurou-se entrevistar pessoas das famílias mais tradicionais da região; estas pessoas, porém, não aceitavam, sempre justificando não conhecer a comunidade, e remetiam a outras pessoas que, ao serem procuradas, apresentavam as mesmas justificativas e

remetiam a terceiras. Diante disso, resolveu-se entrevistar sujeitos que, mesmo dizendo não conhecer a comunidade, falavam sobre a visão que os moradores da Sede têm da localidade, e sobre os discursos que ali circulam sobre os moradores e seu modo de vida.

A segunda dificuldade foi que, mesmo aqueles que conhecem ou já ouviram falar algo sobre a comunidade eles estão longe de conhecer qualquer particularidade sobre a variante lingüística: sabem apenas que se trata do português rural, de um modo geral.

Além disso, utilizou-se de dados através da observação participante quando a pesquisadora participou e gravou eventos, tais como reisado, caruru, reunião da associação, entre outras observações.

### 3.3. Convenções utilizadas

Vale ressaltar que nas transcrições das entrevistas foram utilizadas as seguintes convenções:

**Inf.** – informante

**Doc** – documentador

[inint] – para palavras ou expressões ininteligíveis.

Circ – interveniente circunstancial

... (reticências) para indicar repetições, hesitações, correções e quebras no encadeamento do enunciado.

Para referir-se aos informantes, utilizaram-se as convenções:

1 – o grupo e o número de referência do informante, assim temos: GR1- 16 (grupo 1, **inf.** 16); GR2 – 1 (grupo 2, **inf.** 1).

2 – podem ser usadas também as iniciais que identificam cada informante, a exemplo de GR1-16 (ARL); GR2-1(LRS).

As informações coletadas foram registradas em fita cassete e posteriormente digitalizadas em MP3, além de 2 fitas de vídeo de eventos e fotografias.

As falas dos sujeitos que foram entrevistados são destacadas por aspas simples, a fim de diferenciá-las das citações de autores consultados, que são destacados por itálico e aspas duplas.

Apesar de muitos elementos significativos da oralidade, como entonação, sonoridade, gestos e, principalmente, o tom do discurso se perderem na transcrição, procurou-se mobilizar os recursos disponíveis; optou-se, dessa forma, pela transcrição grafemática e tentou se reproduzir o mais fielmente possível a forma falada pelos sujeitos. Em alguns casos, entretanto, preferiu-se conservar a grafia convencional em uso em diversas regiões do país, incluindo o estado da Bahia, a exemplo dos fonemas [ e ] e [ o ] átonos finais realizados como / i / e / u / como em red[ i ] e mat[u], transcritos como rede e mato; a palatalização de [ t ] e [ d ], realizados como [ tʃ ] e [ dz ] antes do fonema palatal [ i ] como em **ponte e dia**, bem como não foi registrada a abertura das pretônicas [ɛ] e [ɶ] a exemplo de f[ɛ]liz e c[ɶ]lega que caracterizam o falar nordestino.

É importante ressaltar ainda que a informação qualitativa em etnografia deve-se tornar um importante pré-requisito para a amostra, coleta de dados e interpretação dos dados. Assim, um projeto experimental que está baseado apenas nos próprios pressupostos culturais do pesquisador não tem validade necessária em uma comunidade diferente. Seguindo a abordagem adotada, os dados lingüísticos são observados de uma perspectiva

que integra língua com outros componentes envolvidos em seu uso. Além disso, não se deve estudar o código lingüístico como uma forma única, mas assumir uma comunidade de fala, diversificada, com o objetivo de descrever as diversas maneiras de falar na comunidade.

Gumperz e outros (1972) têm também acentuado a necessidade de observar um contexto sociocultural mais abrangente em que a comunicação culturalmente situada ocorre e como esses contextos podem determinar características de formas de comunicação que não são evidentes de apenas um foco de padrões comunicativos.

Portanto, a pesquisa qualitativa nessa abordagem consiste em procedimentos para compreender os eventos investigados, desvendando-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o particular e o universal.



## CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 – Considerações iniciais

Este capítulo consta dos itens 4.1 e do item 4.2 intitulado ‘A dinâmica de uso da língua’, que versa sobre a variação lingüística, nomeadamente sobre as características da variante rural em uso na comunidade. Desta forma, a análise da variante limita-se a apenas alguns dados que permitam a argumentação sobre as atitudes avaliativas pelos seus usuários e pelos falantes no entorno da comunidade.

Apoiada em estudos lingüísticos, sociolingüísticos e etnográficos, como mencionado no início deste trabalho a ênfase desta pesquisa é dada à veiculação dos aspectos socioculturais da linguagem, incluindo crenças, preconceitos, estereótipos e as atitudes dos falantes em relação a sua própria linguagem, bem como as atitudes das pessoas de fora, ou seja, da sede do município a respeito de seu olhar sobre a comunidade. Isto, entretanto, não significa negligenciar uma análise lingüística cuidadosa já que tanto a lingüística quanto a sociolingüística lidam com a forma lingüística, embora façam isto de perspectivas diferentes.

Para Hymes (1972, p. 37) um signo lingüístico corresponde a uma relação entre uma forma lingüística e um valor social, cabendo ao lingüista a tarefa de estudar diferenças estruturais, ou seja, referentes à língua “per si”. Uma característica sociolingüística é uma relação entre uma forma lingüística e um valor sociolingüístico; ao sociolinguista cabe a tarefa de estudar as diferenças funcionais, ou seja, referentes ao uso da língua na comunicação social em sentido amplo.

Partindo-se dessa concepção, em um estudo da língua e da vida social devem se incluir as múltiplas relações entre significado lingüístico e significado social. As relações dentro de uma comunidade particular ou repertório social é um problema empírico que exige um modo de descrição que seja, ao mesmo tempo, etnográfico, lingüístico e social, uma vez que em cada comunidade, há uma variedade de códigos da língua e de maneiras de falar que constitui o repertório comunicativo de seus membros. Nesse sentido, a sociolingüística dispensa uma importância especial às realidades constituídas pela variação e pelas variedades lingüísticas e reconhece a existência de um dentre vários conjuntos de diferenças de uma ou de várias variedades.

#### **4. 2 A dinâmica de uso da língua.**

Diferente da homogeneidade lingüística como querem os sistemas constituídos, nesse caso a escola — o que se observa é a existência de formas lingüísticas alternativas disponíveis nas práticas cotidianas de qualquer grupo lingüístico, evidenciando, dessa forma, o caráter heterogêneo da língua. O presente item tem como objetivo apresentar e discutir a natureza e a categorização sociolingüística da variante rural da Fazenda Maracujá, a partir do corpus de fala da comunidade, já que as variedades lingüísticas definem-se como conjuntos de diferenças situadas, simultaneamente, aos níveis do léxico, da gramática e da fonologia, para além do estilo de fala e de outros comportamentos comunicativos.

Tradicionalmente, rural se opõe a urbano, assim em todas as línguas há uma oposição entre a variante do campo e a variante da cidade. Apesar disso, a variante lingüística no espaço rural sofre diversas variações dependendo de aspectos sócio-culturais.

Entende-se por variante rural uma das variedades não-padrão do português brasileiro. Alguns estudos sobre esta variante têm sido realizados nas diversas regiões do país, entre eles destacam-se O Dialeto caipira (Amaral, 1920), A língua do nordeste (Marroquim 1934), O português do Brasil (Melo, 1946). Mais recentemente, outros trabalhos têm tratado do assunto, a exemplo de O comportamento lingüístico do dialeto rural de Minas Gerais (Assis Veado, 1982) e Fotografias do Alto Araguaia (Tomanin, 2003). Como o objetivo desta tese é tratar de comunidade afro-rural, além desses autores, consultaram-se Mendonça (1935), e, principalmente, Pessoa de Castro (2001) para buscar marcas das línguas africanas na variante da comunidade.

Neste item pretende-se focalizar alguns aspectos fonéticos, lexicais e gramaticais da variedade estudada. Os dados apresentados são comparados às formas que ocorrem nas diversas regiões brasileiras, a fim de verificar se as marcas que caracterizam a fala da FM são específicas da comunidade ou se elas são atestadas também em outras regiões do país. Para isso, veremos a seguir alguns desses aspectos, assim, em 4.2.1 os aspectos fonéticos; em 4.2.2 os aspectos lexicais, incluindo as expressões; em 4.2.3 serão focalizados os aspectos morfo-sintáticos.

#### **4.2.1 – aspectos fonéticos**

Apresentam-se a seguir características fonéticas atestadas na amostra lingüística que confrontados a alguns estudos disponíveis sobre os falares regionais, inserem o falar estudado entre os falares rurais.

1 - [ λ ] ~ [ y ] - Vocalização da lateral palatal / lh /, processo fonológico conhecido como yotização.

Marroquim (1934, p. 87) observa que a alternância entre [λ] e [ y ] é um fenômeno comum entre o povo nordestino. Citando como exemplo as palavras mio, fio, atrapaíá, imbruíá, teia. Acrescenta que, ‘às vezes, *despalatiza-se mulé, por mulher, por mulhé*’. Para ele ‘a classe educada pronuncia em geral *mubilha, familia, por analogia a filha* (hiper-correção); o povo diz *mubia, famia. Óleo é olho e também óio*’.

Para Melo, a vocalização do fonema [ λ ] consonantal para a semi-vogal [ y ] é um fenômeno já apontado por Mendonça (1935) como de origem africana, a exemplo de *muyé, por mulher; fiyo, por filho; paya, por palha* etc. (MELO, 1946, 47).

O que dizer do *yeísmo* do Espanhol? O *yeísmo* é um processo fonológico comum em algumas regiões da Espanha e da América Latina: se pronuncia [ ye ] em lugar de [ λ ]. Como em *calle, paella*.

O fonema [λ] na FM é realizado em variação com [ y ] e com [ l ]. A realização mais atestada corresponde à vocalização da palatal [λ] como mostram os exemplos em (1), com menor frequência o fonema palatal realiza-se como a líquida [ l ] como em (2).

(1)

(01) Quano eu fui **trabaiá** lá primero eu fui **botá** paia ... aí adispois fartô cevadô ... aí fui obrigado a aprendê cevá. GR2 – 1.

(02) Agora não que a terra tá **moiada** GR1-3.

(03) ... **taio** de machado GR1-8

(04) Morreu grande ... pai de **famia** já e tudo. GR1-11.

(05) ... a **foia** é **escoída** GR1-18.

(06) Chega **vermeio**, anda **vermeio**, tira o batuque pá **muié** vê rapaz GR1-8.

- (07) Tem muito **orvaio** GR1-5.  
 (08) ... que tem umas **muié** que gosta de fazê carajé GR1-1.  
 (09) Eu rezo cobrero, eu rezo de **oiado** GR1-18.

(2)

- (10) ...oferece **mulé** grita lelão, minino grita lelão, os home todo mundo grita GR1-1.  
 (11) É a **mulé** teve nove [filhos] sete fio e duas **mulé**, sete fio macho, home, só criou aquele GR1-8.

2 - A redução de ditongo [ ey ], [ ay ] e [ ow ], segundo Lemle (1978, p. 69) já não é percebida como marca de fala não-padrão.

Processo também comum na variante da comunidade são exemplos da redução do ditongo [ow]

- (12) ... as cadorna são **poca**, as nambu são **poca**, juriti são **poca**, num tem muito não GR1-1.

A autora acrescenta que o ditongo [ ey ] não se reduz em alguns vocábulos: queima, teima, meigo, leigo, azeite, leite, peito, feita, entre outros. A mudança, portanto, é condicionada pelo ambiente fonético, ou seja, “*o tipo de semivogal (i ou u) e a consoante seguinte são parte dos fatores internos relevantes para explicar esse fato que, de alguma forma, todo falante conhece*”. POSSENTI (2006, p. 35).

São exemplos da redução do ditongo [ey]

- (13) Bola **rastera** é um sacrifício danado GR1-2

### 3 – Perda da nasalidade em finais de palavras.

Como apontado por Silva Neto (1963, p. 188), é comum na linguagem popular de todo o país a perda da nasalização em finais de palavras e do ditongo nasal [aw] que “*reduz-se a [o] na linguagem rústica*”. Acrescenta que essas perdas ocorrem de modo semelhante nos dialetos portugueses.

Na variedade da FM ocorrem tanto a perda da nasalização em ditongos nasais em final de palavras como em home(m), virge(m), folhage(m) quanto também no ditongo nasal [aw] como em falaro, comero. Os exemplos em (1) e (2) ilustram esse fato na amostra lingüística.

(1)

(14) Aí ela só foi tomá **corage** quando saiu atrás dela, quando chegô no terrero de minha vó. GR2-4.

(15) Óia qui qu’eu ranquei **onte** GR1-5.

(16) Eles porque tá estudano e é da **modernage** GR1-18.

(17) ... vou le amostrá agora, ói a **baje** dele aqui GR1-8.

(2)

(18) O pessoal **choraro** muito porque por causa da morte dela GR2-4.

(19) A estrada é rúim aí num ... num **consequiro** ainda carçá. GR2-4.

4 – A nasalização que consiste em acrescentar um traço nasal também ocorre com freqüência, palavras pronunciadas como ‘indentidade’, ‘cunzinha’ são atestadas nas diversas variedades regionais.

(20) Num podia sambá **inté** de manhã GR1-12.

(21) ... vai se mudá mais **inté** aqui eu tô gostano GR1 – 1.

- (22) Aí a gente pra **invitá** (evitar) certo tipo de coisa GR1-2.  
 (23) Tenho **indentidade** e tito de eletô GR1-3.  
 (24) **Cunzinha** de manhã um copo de juazero bate ele e freve um poquinho GR1.

5 – Monotongação que consiste na redução de ditongos crescentes átonos finais [ yo ]  
 [ ya ].

- (25) Bola rastera é um **sacrifício** danado GR1-12.  
 (26) Pá gente ficá sabeno das coisa como é que tá as **violença**. GR1-2.  
 (27) Eu sei da **notiça** do que arcancei pá cá, nè? GR1-8.  
 (28) Ôta ora compra o **remedo**, aí fica difici GR1-3.  
 (29) Residero bota a paia na banca, lava a fibra e tira o **residu** GR1-2.

## 6 - Redução das proparoxítonas

Marroquim (1934, p. 44) apresenta uma lista de palavras retiradas do *Appendix Probi* para mostrar que essa é uma tendência antiga e acrescenta palavras como passo (pássaro), secro (século), sabo (sábado) e muitas outras.

Sabe-se que as palavras proparoxítonas são quantitativamente menos numerosas no acervo lexical do português do que as paroxítonas e as oxítonas e que há uma tendência na fala popular para reduzi-las a paroxítonas (lâmpada/lampa; bêbado/bebo). Os dados da comunidade FM confirmam esse fato e evidenciam que a realização das proparoxítonas é condicionada pelo fator social escolarização. Nos dados desta pesquisa nos dados desta pesquisa a realização fonética dessas palavras como proparoxítona só ocorre por aqueles poucos falantes que freqüentaram a escola fora da comunidade. São exemplos desse processo de redução na amostra analisada:

- (30) uma vez deu uma truvuada e tava [inint] assistino [rádio] o **relampo** passô nem chegô ... morreu na hora GR1 -3.
- (31)... só briga **bebo** [bêbado], [mas] cachacero num briga, quem tá **bebo** já tá batido, quarqué coisa apanha. GR1-1.
- (32)... depois come sete na mesa de Santa **Barba**. GR1-1.
- (33) O minino é relachado num vai lá é um **sécu**. GR1-1.
- (34) **Reconco** (recôncavo) GR1-11.
- (35) **Passo** (pássaro), aqui já teve muito, mas hoje tem ... as cadorna são poca, as nambu são poca, juriti são poca, num tem muito não ... GR1-1.
- (36) Se chovê e eu num vô prantá quano nada uma corda de **abroba**, eu fico triste GR1- 1.
- (37) já levei o **numu** [número] no bolso e ... votei certo GR2-4.
- (38) Anáia quande me botaro no carro ela deu ... o **fosco** e deu a vela que eu ia mais num vortava ... GR1-3.
- (39) E tenho a indentidade e o **tito** de eletô, só num tenho ... GR1-3.

7 – Aférese corresponde à perda da vogal átona no início da palavra.

- (40) E eu **vexada** que ele largue de rezá GR1- 1.
- (41) ... que gosta de fazê **carajé** GR1-2.
- (42) ... ali botô no papé num vamo **cendê** de novo. GR1 -
- (43) Nem que sobesse **marrado** com uma toaia GR1-18.
- (44) ... o mii seco **cabô** GR1-3.

8 – Prótese, ao contrário do processo em (7) há o acréscimo da vogal **a** em início de palavra.

(45) Aqui nesse Maracujá é o lugá mais **assussegado** que tem GR1.

(46) porque o [fumo] de pacote tem muito **apreparo** dento GR1-3.

9 - Processo conhecido como metátese, consiste na permuta de traços no interior da palavra.

(47) Quando foi chegano perto pelo **vrido** eu vi ela no ponto GR1-1.

(48) Agora meus neto sabe o **drobo** que ele [o pai] num sabe GR1-8.

(49) Cunzinha de manhã um copo de juazero bate ele e **freve** um poquinho  
GR1-10.

(50) Ela enrolô assim o vestido **drobô** GR1 – 3.

(51) Num venho porque tá **truvo** GR1- 3.

10 – Como afirma Marroquim (1934, p. 37) “*algumas palavras têm o v inicial trocado por*

*b. A mudança, aliás, vem da formação da língua: barrê, bassora, berruga*”.

No português antigo de algumas regiões de Portugal<sup>27</sup> registra-se a variação [b] ~ [v].

Na FM também ocorre<sup>3</sup> a variação [b] ~ [v], como ilustrado a seguir:

(52) ... a gente den’de casa, faz o que den’de casa? Só **barrê** a casa GR1-1.

(53) ... vou le amostrá agora, ói a **baje** dele aqui GR1-8.

11 - a perda de –r em grupos consonantais **gr, tr, br**. São exemplos em Lemle, (1978:73)

nego, dento, abe.

(54) Num vô prantá **dento** GR1-5

(55) Eu peguei ni **outubo** aqui ói GR1-5

<sup>27</sup> Para maiores informações cf. Mattos e Silva (1991, p. 89-91).

- (56) ... então **dento** de minha roça vô na casa de um amigo quande tem precisão  
GR1-5
- (57) Óia pá **madinha, madinha** fala assim. GR1-18
- (58) É **ota** fazenda próximo aqui GR1-7
- (59) ... e **nego** num se ligava muito não. GR1-8
- (60)... esse licuri aqui tá ni água, ele num tem nada **dento**.GR1-5

**12** – Palatalização das oclusivas dentais / t / e / d /. Destacam-se duas realizações desse processo em ambientes fonéticos distintos. O primeiro corresponde /tʃ, dz/ diante de vogal anterior alta / i / que se estende por várias regiões brasileiras. Este se opõe à articulação ápico-dental noi[tʃ]i, [d]ia encontrada, principalmente, nos estados de Alagoas e Sergipe, se estende ao sertão baiano, incluindo o município de Conceição do Coité onde, apesar de ocorrerem as duas realizações, predomina a ápico-dental.

Apesar disso, na Comunidade FM, tais fonemas se realizam como as palatais / tʃ / e / dz / como em noi[tʃ]e [dz] ia. Como explicar esse fato? É um dado interessante a ser investigado. São exemplos atestados na comunidade:

- (61) Na **Matinha** todo dia ... GR1- 1.
- (62) dá **leite** pá cortá o veneno GR1-5.
- (63) disse que eu de **noite** não dormia, não comia ... GR1-18.
- (64) veio existi esse **prédio** de nossos fio pra cá. GR1-5.
- (65) ninguém **atendia** todo mundo ... GR1-1
- (66) eu **podia** continuá dano meu caruru GR1-5.
- (67) faz a **rodinha** de samba, **cende** as vela ... GR1-18.

A segunda realização se refere à palatalização de [t], [d] depois da semivogal anterior [y]. Para Assis Veado (1982, p. 60) esse processo é freqüente na região onde desenvolveu sua pesquisa, ela cita os seguintes exemplos: muito, direito e oito.

Vale acrescentar que a realização[tʃ] ocorre no espanhol em ambiente fonético semelhante: mu[tʃ]o, a la dere[tʃ]a.

Na comunidade estudada a palatalização do [t], [d], no contexto fonético em que o traço palatal do [i] passa para o [tʃ] ou [dʃ]; [tʃ] e [dʃ] ocorre apenas na fala das pessoas mais velhas e é estigmatizada<sup>28</sup> na própria comunidade pelos mais jovens que freqüentam a escola. São exemplos da fala do local:

(68) É mais tem que tirá com o maió cu[**dz**]ado, mode o ispim. . GR1-8.

(69) Num tô de[tʃ]ada GR1-18.

(70) .. do mermo je[tʃ]u que eu convesso GR1-18.

**13** – É muito comum nas diversas regiões do país a assimilação do [d] no contexto [nd] nas formas de gerúndio dos verbos. Tomanin (2003), Lemle (1978), Melo, (1946), Amaral (1920).

São exemplos do *corpus* analisado:

(71) ... porque é muita gente **panhano** água, animá **bebeno** GR2-4.

(72) o só **tano** quente com três dia a gente já faz a pindoba GR2-4.

(73) quando tá **chuvano** entra assim mermo **deslisano** GR2-4.

(74) É **botano** paia, **cortano**, **cevano** GR2-4.

(75) O que a gente tá **sentino**, aí ele balança e chucaia e vê a gente tá **sentino** no copo. GR2-4.

(76) Aí agora o cortado tá **botano** tá **cortano** e nois tamo **panhano** e **botano** GR1-2.

(77) ... e o povo **cantano** e **bateno** pandero GR!-2

(78) ... o mestre dela era o meu tamém, mas ele num tá **trabaiano** GR1-18.

<sup>28</sup> Os meios de comunicação radialista e televisivo se utilizam desses estereótipo socialmente estigmatizado para efeitos cômicos em seus programas humorísticos.

**14** - O processo conhecido como rotacismo é muito comum na região, consiste na passagem dos fonemas de [ l ] para [ r ] depois de consoante.

(79) É no mês de abri, maio é esses mês de **prantá** a **prantação** é essa GR1-8

(80) Num vô **prantá** mii aqui dento GR1-3

(81) **Pobrema** GR1-10

(82) **Crasse** pobre GR1-10

Atualmente, no país, o fonema [ l ] em final de sílabas pode se realizar como [ l ], [ h ], [ w ] [∅]. Assim, a realização como [ l ] da variante européia é muito pouco atestada no Brasil, limita-se apenas a algumas regiões do sul do país. Na maior parte das regiões do país, o fonema se realiza como o alofone [ w ]. Nos falares da zona rural assim como dos não escolarizados, este segmento fônico se realiza como uma glotal [ h ] em sílabas no interior das palavras e como [∅] no final de palavras. São exemplos das realizações [ h ] e [∅] atestados na comunidade FM.

**15** - Apócope do [ l ] final

(83) A gente corta aí serviu ali botô no **papé** num vamo cendê de novo GR1-3.

(84) ... fui trabaiá no motô de **sinsá** com nove ano de idade. GR1-7.

(85) É lá ni Lagoa Grande que eu sempre trabaiava e estudava no **MOBRÁ**. GR1-7.

(86) É daqui mermo. É minha prima **carná** GR1 – 7.

A mudança da lateral [ l ] para a fricativa [ h ]<sup>29</sup> no final de sílaba como em:

- (87) Eu sei da notícia do que **arcancei** pá cá, né? GR1-8.  
 (88) E nós num tem **curpa** nisso, num é isso? GR1-1.  
 (89) Mais aí essa **parma** num é boa é da rúim GR1-8.  
 (90) De **arma** (...) de vez enquanto o povo vê **arguma** GR1-8.  
 (91) teno farinha o cara faz até um esca[h]dado ... GR1- 2.  
 (92) quando é tempo de **farta** d'água GR1- 5.

No trecho a seguir pode-se observar que a realização da variante [ h ] provoca risos até na própria informante de setenta e sete anos.

- (93) Hum, é prá fala mais arto?  
 Nem que sobesse marrado com uma toaia.  
 Oh! Meu Deus, colé [qual é] o povo vem, vem gente das armas como diz a histora, o menino chama a[w]ma, mais eu chamo é as '**a[h]mas**' (risos) vem gente das a[h]mas vem da Chapada vem de todo lugá que queira vim GR1-18.

Enquanto a variante [w] a exemplo de pape[w], jorna[w], Brasi[w], já difundida em muitas regiões do país, é socialmente aceita, a variante [ h ] como em cu[h]pa, pa[h]ma e [ Ø ] como em papé [Ø] é socialmente estigmatizada uma vez que é realizada pelos segmentos não escolarizados das zonas rurais e de algumas regiões da periferia dos centros urbanos.

<sup>29</sup> O fonema [ h ] fricativa glotal desvozeada conf. IPA..

Já na década de trinta, do século passado, Marroquim afirmava que nas classes cultas, no falar descuidado e cotidiano, cai o **r** final quando a palavra, em meio da frase, se segue outra que comece por consoante: '*vô pedi licença ao professô pra sair*'. De qualquer forma, mesmo nas cidades, a pronúncia vulgar faz soar levemente [ **r** ] final, e não será exagero afirmar que a tendência é seu desaparecimento da fala corrente. Para o autor '*só a escola e a instrução podem reverter esse processo* (MARROQUIM 1934, p. 77-78).

**17** - A FM segue a mesma tendência, dessa forma o /**r**/ final não se realiza no final das palavras quer sejam verbos como em (1) ou não-verbos (2).

(1)

(94) ... ela num chegô **assiná** o nome, ela disse que ia **aprendê** depois esqueceu

GR1-7.

(95) A mulé dele morreu e então ele, achô que chegô tempo dele **dexá**, aí agora quem **dá** o cariru da gente é Anáia GR1-18.

(2)

(96) bateno **tambô** GR1-18.

(97) ... o cara tem que pagá dois **trabaiadô** pá ajudá GR1-3.

(98) É um negoço de uma **dô** de cabeça, já teve ni raizero, já teve ni curandero, ni **dotô**, dia que alivea e tem dia que num alivea. GR1-3.

(99) ... cheguei com o bocapiu carregado de coisa, fera, tudo, **açúca** ... GR1-3.

(100) ... fui trabaiá no **motô** de sinsá com nove ano de idade. GR1-7.

Diferente do que supunham Marroquim (1934) e outros estudiosos da língua naquela época, a escola e a mobilidade social não foram capazes de mudar o curso de muitas mudanças. Entre elas a perda do [ **r** ] em final de palavras que se encontra bastante difundida entre os segmentos escolarizados em diversas regiões do país. Os resultados das pesquisas

desenvolvidas por Callou, Moraes e Leite (1998, p.72) evidenciam que o apagamento do / r / nos verbos não corresponde mais a uma pronúncia estigmatizada, mas a uma nova norma introduzida na língua. As mudanças dessa natureza que se operam na norma padrão poderiam ser enquadradas dentro do que Labov (1972, 1974) definiu como mudança de baixo para cima, sendo, portanto, o resultado de uma influência da norma vernácula sobre a norma culta.

### 18 - Ditongação [ r ] ~ [ w ]

(101) Pega **teuça**, hoje, ele sábdo ele recebeu onte amanhã de manhã pá compá quorqué ... GR1-3.

(102) ... ainda num que eu num **seuve** pra trabaiá GR1-10.

(103) ... já falô que eu num **seuvia** pra trabaiá GR1-

(104) Esse ano num tá bom não. Esse ano o pessoá [inint] três de **mauço** num teve chuva GR1-3.

Assim como em qualquer outra língua, no português brasileiro não há unidade de pronúncia.

As regras fonológicas da gramática de uma língua derivam as formas fonéticas de superfície. A título de ilustração a lateral [ l ] em contexto fonético como em pa[w]ma a[h]ma são processos do português brasileiro e fazem parte das regras fonológicas da língua. Entretanto, a primeira variante é socialmente aceita, enquanto a segunda constitui um traço estigmatizante. Se por um lado as variações apresentadas obedecem a regras implícitas, condicionadas pelo ambiente fonético, por outro, a avaliação que se faz sobre elas é de natureza sociolinguística.

#### 4.2.2 aspectos lexicais, incluindo as expressões.

Neste item apresentam-se algumas características do léxico em uso na comunidade como a formação de novos vocábulos pelo processo de sufixação, atribuindo novo sentido a palavras já existentes, ou, ainda, acrescentando novas palavras e expressões relacionadas aos aspectos culturais da região. Fazem parte do léxico da FM palavras e expressões do português antigo assim, como a incorporação de palavras de origem indígena e africana em uso na região.

##### 1 - processo de formação de palavras.

As palavras destacadas correspondem à criação de novos vocábulos pelo processo de derivação (sufixação) de acordo com as disponibilidades que a língua oferece.

(105) Porque todo lugá tá teno isso aí, esse negócio né, todo lugá tudo aquele **agitamento**, tudo agitado. GR1-1.

(106) ... era uma casa comum, sem **dividimento**. GR1 – 16

(107) Onde tem aquela **cocorage**, um bocado de coco, tudo assim como pé de licurizero GR1-8.

(108) Aí esse povo aí é tudo uma **parentage** só GR1-11.

(109) Quem hoje já chegou a **aponsentação**, sempre tem trocado prá compra GR1-10.

(110) Isso foi a primeira **enganação** GR1-10.

(111) É **crescedera** aí só tem maderá, mais melhó é essa aqui. GR1-16

(112)... diz que tinha a **fazedera** [de fazer] de fiá no fuso GR1-12

(113) Eu sou **valoroso** (eu tenho valor) GR1-10.

A sufixação resulta do acréscimo de um sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou de mudança de classe gramatical, cujas regras de formação fazem parte do conhecimento intuitivo do falante. A formação das palavras destacadas evidencia esse fato. Algumas delas são pouco usadas na língua corrente (agitamento, valoroso, enganação), outras são palavras em potencial, ou seja, seguem as regras de derivação disponível no português brasileiro, embora não estejam dicionarizadas (dividimento, parentagem, cocoragem, aposentação) e outras que não seguem todas as regras da derivação, mas que, nem por isso, podem ser consideradas estranhas à língua (crescedera e fazedera). Dessa forma o uso ou criação de novas palavras, a partir do processo de derivação das palavras apresentadas “consiste em seguir regras, e não em violá-las” (POSSENTI, 2006, p. 22).

**agitamento:** agitação

**dividimento:** divisão

**parentage:** muitos parentes

**cocorage:** como o próprio informante diz, muito coco.

**aposentação:** aposentadoria

**enganação:** de engano

**valoroso:** valioso

**crescedera:** algo que cresce

**fazedera:** alguém que faz.

## **2 - Formas lingüísticas do português antigo ainda em uso na comunidade.**

Como afirma Amaral (1920, p. 33 e 181) a variação entre *somana* ~ *sumana* “*é popular em quase todo o Brasil. Cheguei há cinco ‘sumana’ nesta grande capitá*”.

Na FM, existe a variação **semana** ~ **sumana** como nos exemplos:

(114) Quando foi na ota **semana**, eu fui GR1- 6.

(115) Vô dexá aí pra eu limpá pra **sumana** GR1-3.

Outros vocábulos antigos também são encontrados na FM:

(116) ... quando era de manhã ... panhava as **gamela** ... panhava as **gamela**  
botava pra pará aquelas água do sereno. GR1-11.

(117) ... aí sempre esquecia **a graça** [o nome] deles, assim mesmo assino GR1-  
7.

Amaral (1920, p. 82) registra o uso da palavra *assuntar* e lhe atribui os significados: escutar refletindo, considerar, observar; cita o exemplo “*Pois ensilhe o seu “bicho” e caminhe como eu lhe disser*”. Mas **assunte bem**, que no terceiro dia de viagem ficará decidido quem é “*cavoqueiro e embromador*”.

Na comunidade, além de ser usada no sentido de escutar, observar, a palavra é usada como marcador de conversação.

(118) ... eu num conheço, eu vô **assuntá** quem é GR1-20.

(119) Agora aqui **assunte** a deferença, num tem deferença? GR1-5.

(120) **Assunte** essa é preta, já é preta essa, ta veno? GR1-5.

(121) Ói mulé, **assunte** o tanto que eu trabaio é pra senhora oiá o tanto uma  
mulé trabaia assim GR1-5.

(122) **assunte**, dona moça o que é uma pobe mulé trabaia GR1-5.

(123) esse licuri aqui tá ni água, ele num tem nada dento, **assunte bem**, a  
senhora vai vê como é ...GR1-5.

A expressão prepositiva do português antigo **em riba de** ainda em uso em algumas regiões do português europeu atual, é também atestada no *corpus* da variante rural da FM:

(124) E botô assim **em riba** da mesa com um bocado de fio GR1-1.

(125) Mas qualqué pancada eu sinto **em riba** do pé, eu sinto ... faturô GR2-6.

Adjutoro, fora de uso no português brasileiro em geral, significa ajudar, dar ajuda.

(126) ... aí Deus **adjutora** que tudo isso é defesa GR1- 8.

(127)... eu quero um **djutoro**, ce vão dá um **djutoro** GR1-4.

Por analogia ao padrão de formação do gênero feminino, os informantes usam a marca **-a** (genro/genra) para a formação do feminino.

(128) A **genra** de Sevino foi prantá quando chego em casa GR1-3.

(129) A minha **genra** pediu pra prantá GR1-8.

A variação entre os advérbios **despois** ~ **depois** é atestada desde o português antigo a exemplo de seus usos na Carta de Caminha. (COSTA 1996, p. 208).

Também Amaral (1920, p. 127) e Marroquim (1934, p. 140) registram, na primeira metade do século passado, a variação entre as formas **despois**, **depoi**, **despoi**.

Na variante da comunidade foi atestada a variação entre as formas do advérbio **depois** ~ **dipoi** ~ **dispois** ~ **adispois**, como exemplificados a seguir:

(130) Ganhava era oitenta real por mês, **dipois** eles baxaro ... GR1 – 3.

(131) **Dispois** o feijão amadrece, nós vamo esperá ele secá pra **dispois** ele sê rancado GR1-2.

(132) Quando eu fui trabaiá lá primero eu fui botá a paia ... aí **adispois** fartô cevadô ... aí eu fui obrigado a aprendê a cevá GR1-2.

(133) ... fui dá uma estudadinha um poco in Chapada, **depoi** desisti o coléjo, comecei ... parei ... achava rúim tudo. GR2-6.

Conforme Amaral (1920, p. 124) **cuscuz**, palavra de origem árabe, em Portugal ocorre em variação com **cuscuz** ~ **coscuz** ~ **cuscuzu**.

Na comunidade FM ocorre a variação entre **cuscuz** ~ **cuscuje** a exemplo de

(134) É ... de manhã feijão, é ... de manhã eu tomo um café cum **cuscuje** qué dizê, mei dia que eu num posso cumê ... feijão que [inint] farinha mermo... Agora eu achano um café assim de manhã com **cuscuje** eu tomo ... GR1- 3.

Como em Portugal, no português arcaico, “*o nosso caipira usa a fórmula por amor de para exprimir circunstância de causa*”. A exemplo de ‘*Hei de ir a Régoa no domingo por amor de vê se compro os precisos*’. Para o autor, em frase semelhante o caipira diria quase identicamente: ‘*Hei d’ í na vila dumingo prá mode ver se compro os preciso*’, São variantes da expressão **mor de vê** ou ainda **mó de vê**. (AMARAL, 1920, p. 67).

Para Marroquim (1934, p. 95), a expressão **por amor de** evoluiu para **pru mode**, **mode** e é ainda usada no Nordeste.

Ainda hoje, essa expressão é usada na comunidade FM por velhos e por jovens não escolarizados. Em (01) a expressão significa **por causa de**, em (02), indica **finalidade**.

(01)

(135) Cria, mas as pertubação é danada **mode do** povo. GR1-11.

(02)

(136) Falô com Rafaé **pra mode** de Rafaé botá Delzuita num coléjo. GR1-11.

(137) Ah! Panhá água longe na cabeça **por mode** pá dá elas (as cabras). GR1-11

(138) Quande a cobra morde uma pessoa aí coloca a pele em cima **por mode** cortá o veneno GR2-4.

(139) Ele vai mim dá as têa [telhas] **pra mode** eu fazê minha casa GR2-4.

(140) Ela num demora muito não que **pro mode** trazê comida pros minino. GR2-4.

### 3. outras palavras e expressões atestadas na comunidade FM

As palavras e expressões destacadas a seguir não são dicionarizadas ou são utilizadas com significados diferentes daqueles registrados nos dicionários. Assim, lhes atribuiu um significado de acordo com o que parecem expressar no contexto:

(141) agora esse negoço de cariru num entra na minha cabeça não porque esse negoço de cariru é **livuzão** (ilusão) porque esse negoço livusão GR1-1.

(142) Quando chegô na rodoviária de Campina **bragiô** (complicou, dificultou) tudo, que ninguém sabia onde era. GR1 – 1.

(143) Eu só num faço caminhá pá longe porque tenho uma perna **farsificada** (sem firmeza) GR1-18.

(144) Quando cheguei achei ela **poseada** (apossada) aqui GR1-8.

(145) E aí demorei lá depois que o povo **acuou** aí eu encontrei ele GR1-10.

**Acuar:** é utilizado principalmente com o sentido de empacar, no contexto significa evacuar, sair deixando o espaço livre.

(146) É, tempo de seca quem **recussa** o gado é esse [mandacaru] GR1-8.

**recussa**: termo usado no sentido de alimentar, sustentar, servir de recurso.

(147) Que disse que ela [a mandioca] só dá **tróquis** GR1-3.

(148) ... que disse que ela só dá **tróquis** GR1-3.

**tróquis**: observe a informação do informante sobre a palavra:

(149) **Doc.** Ah! E se não plantá [a mandioca] na lua nova?

Inf. Prantano em quarqué lua, ela num dá raiz capaz, só dá tróquis (...) aquele pau fundo que dá na raiz.

Segundo os saberes da prática, o plantio da mandioca deve obedecer ao calendário lunar para obter bons resultados na lavoura. Se, se plantar fora da fase da lua indicada, a mandioca vai produzir o **tróquis** e não raízes adequadas para a obtenção da massa que produz a farinha e derivados da mandioca.

(150) ... num tem pai, cria ... conviveno com a mãe dela, trabaiô **seco** (duro) pá pudê vivê mais a mãe GR1-7.

(151) Aí tive ... comecei a dá um **farsamento** (tontura, falta de firmeza) e zonzá e ficá lerda, mas eu tomei um remedo e já miorei GR1- 24.

(152) O cara forma um **arruaço** (briga, confusão) lá uma briga GR1-3

(153) Eu recebia minha bestera pagava alguma coisa que comprava as veiz ficava deveno, comprava meu **mastigado** (alimento, comida, o-de-comê) e trazia prá casa. GR1-8.

## 1. expressões

(154) Doc. Ah! Quando é que você foi [à escola]?

Ah! Minha senhora **tá veio**, eu num era casado ainda foi em Arma GR1-8.

**tá veio**: faz muito tempo.

(155) Aqui de vez enquanto tem um **espeta pé** que nego ... até em Juazero nós já panhamo [água] GR1-8.

**espeta pé**: dificuldade, andar duas léguas ou mais, por caminhos cheios de obstáculos para carregar água.

(156) Minha senhora, eu tô aqui **a pé de** cinquenta e um GR1-8.

**a pé de**: desde

(157) Rafaé **comia as unha do pé**, mas num saía [do local em período de seca] GR1-11.

**comer as unha do pé** - morrer de sede e de fome.

A compreensão e a adequação das palavras aos seus significados tem a ver com os aspectos físicos, culturais do meio onde se vive. “*A palavra está sempre carregada de conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida*”. (BAKHTIN, 1929, p. 95).

No acervo lexical da comunidade, não faltam palavras e expressões como ‘**trabalhô seco**’, ‘**espeta pé**’ relacionados a dificuldades com aspectos físicos da região ou como ‘**tróquis**’ de significado específico na cultura da mandioca os quais só ganham significados no contexto sócio cultural.

A propósito, talvez por uma prática oriunda do candomblé, se evitam pronunciar palavras que denotam situações difíceis, certas doenças, animais peçonhentos, palavras que expressam a força do mal, “*pois a palavra, quando pronunciada, tem força para materializar o que foi invocado*”. (PÓVOAS, 1989: 107).

O trecho a seguir é parte da entrevista realizada com MSM em interlocução com a pesquisadora e mais dois sujeitos presentes em sua casa, local da entrevista.

(158) **Doc.** quem disse que ela [cobra] num é de Deus?

**Inf. 2** E **cobra** é de Deus? É.

**Doc.** Né não?

**Inf. 1** Num foi Ele quem fez, mas consentiu.

**Inf. 2** Consentiu, mas num é dele.

**Inf. 1** Quem fez **ele** [cobra] foi o Oto **muleque** [diabo]

**Inf. 2** Tem uns bicho que são de Deus e otos não?

**Inf.** Quais são os bicho? Diz que galinha num é, né?

**Inf. 1** Num é de Deus é **sapo** essas coisa ... esses **troço rúim**.

(...)

**Doc.** Ah, tem gente que **num gosta de falá o nome de cobra**.

**Inf.** É **rúim**. E de noite **pió**. GR1-19

Nesse fragmento pode se observar as crenças materializadas nas palavras advindas da vivência dos sujeitos.

Na comunidade, talvez pelo perigo que uma **cobra** representa para as pessoas, elas evitam falar o seu nome, o substitui por ‘*bicho do mato*’ de modo que usam o pronome **ele** (Quem fez ele) para se referir à cobra. Segundo uma crença do local, falar o nome do animal pode atraí-lo para perto de quem está falando.

O mesmo ocorre com a palavra **sapo**. Nas práticas do candomblé esse animal é usado em feitiçaria para ‘*fazer o mal*’ ao inimigo, por isso ‘**não é de Deus**’. A informante

se refere ao animal como ‘**troço rúim**’. Na maioria das vezes, essas crenças são imotivadas.

#### 4 – palavras de origem Tupi

Para Marroquim (1934, p. 148 - 149), o Tupi e as línguas africanas tiveram uma contribuição efetiva para a formação do português brasileiro, sobretudo, no nível lexical “*é natural que o indígena brasileiro e o elemento escravo, vindo em grandes massas da África, tenham deixado na língua da região pedaços de seu vocabulário. E a afirmação eterna de sua passagem*”.

Além das palavras destacadas aqui, há outras de uso mais gerais no país, como por exemplo, mandioca, atestadas na FM. Algumas das listadas aqui têm, no contexto, significado diferente do dicionarizado.

(159) Aí minha mãe chegava acertava tudo na **arupemba** GR1-11.

A palavra significa peneira é registrada no dicionário como urupemba. Em Marroquim aparecem as formas **urupemba** ~ **rupemba**,

(160) Torrava o mio e comia pipoca que nem burro tá comeno no **aió**. GR1- 8.

(161) Eu vinha aqui, daqui pra cá com a ispingarda o **aió** e a sacola GR1-8.

**Aió:** bolsa de caça feita de palha, entretanto em 160 significa cocho (utensílio, em geral feito de madeira escavada, para água ou comida de animais).

(162)... aí quano eu terminei que pisei os pé no chão, tá o cascaveio com a língua assim já tinha desenrolado um tanto assim (...) Viva a Deus! Nasci agora,

mas num pude passá pá lá pegá a ispingarda, peguei um **miroró** daqui dessa artura, ‘vô cortá pra eu matá esse bicho’ GR1-8.

**Miroró:** em tupi significa uma espécie de peixe, no contexto refere-se a um pedaço de pau (cacete).

(163) Tudo dava aí nas **capoeira** GR1-11.

**Capoeira** (Tupi): Significa mata que foi. Terreno que já foi roçado e a vegetação quase não passa de arbustos e ervas.

## 5 - palavras de origem africana.

Sobre a influência dos falares africanos no português do Brasil, Pessoa de Castro defende a influência dos povos banto como principal “*agente transformador e transmissor da língua portuguesa no Brasil*”, uma vez que esses povos foram os primeiros a aportarem no Brasil, no processo de escravidão e, além disso, eles foram distribuídos em todo o território do Brasil colônia. A esta base do banto já estabelecida, foram acrescentadas contribuições de línguas da família *Kwa* do grupo *ewe-fon* e, posteriormente, do *Yorubá*, em menor número além de mais localizadas em meios urbanos. (PESSOA DE CASTRO, 2001, p. 120-129).

A seguir, relacionamos palavras e expressões de origem africanas, atestadas na amostra lingüística da FM.

1 – **bocapiu** (kwa) cesto retangular de palha, trançado e com alças, que serve para carregar provisões. (PESSOA DE CASTRO, 2001, p.177).

(164) Cheguei com o **bocapiu** carregado de coisa, fera, tudo, açuca, café GR1-3.

2 – **fluxico** (banto) - Pessoa de Castro (2001, p. 239) apresenta duas significações para o vocábulo:

- remendo, alinhavo com agulha e linha
- mexerico, intriga, segredo

Na comunidade, a palavra foi atestada com o segundo significado: mexerico, intriga.

(165) E no oto dia tá contano **fluxico** lá pelo Coité GR1-1.

3 – **angu** (kwa) entre outros significados, Pessoa de Castro (2001, p. 154) destaca os seguintes:

- pirão de farinha de mandioca, de milho ou de arroz temperado com carne para ser comido com carne, peixe ou camarão.
- Mistura, coisa confusa, mal feita, barulho, confusão.

No *corpus* analisado, a palavra foi encontrada nos seguintes contextos. Os exemplos em (01) significam barulho confusão, em (02) tem o sentido de pirão.

(01)

(166) Caba lelão aí vira samba, é tem mulé dançano, tem é home dançano  
aquele **angu** todo (risadas) GR1- 1.

(167) Trazia fumo, farinha, feijão ... tudo misturado ali aquele **angu** GR1-11.

(02)

(168) Fazia era aqueles **angu** de mio prá come GR1- 16.

4- **arerê** (kwa) - barulho, confusão, divertimento.

(169) E era aquele **arerê** medôim, muito dia sem chovê GR1-1.

5 – **barabadá** (kwa) - tumulto, confusão, bate-boca.

(170) Foi aquele **barabadá** medoim, aí eu esperei ... GR1-1.

5– **caçula** (banto), significa o mais novo dos filhos ou dos irmãos. Segundo a autora, deixou fora de uso corrente “benjamim” seu equivalente em português. (PESSOA DE CASTRO, 2001, p. 121).

(171) Foi, eu tava ... eu era a **caçula** GR1-1.

(172) Fio de Adaíto, do fio **caçula** GR1-11.

7 – **muringa** (banto) – de origem kibundo mudingi que significa garrafão ou bilha de barro para conter e refrescar a água.

8 – **cabaça** (banto) saco, alforje, mochila. A palavra no exemplo corresponde ao fruto do cuitezeiro.

(173) Fez que nem uma **cabaça** assim no pescoço que nem uma **muringa**. GR1-11.

9 - **zonzá** ( r ), palavra de origem banto que significa ficar zozzo, sentir zonzeira (PESSOA DE CASTRO, 2001, p. 357).

(174) Aí tive ... comecei a dá um farsamento e **zonzá** e ficá lerda, mas eu tomei um remedo e já miorei GR1- 24.

10 – **zanzá** (r) (banto) vaguear, andar ao acaso (PESSOA DE CASTRO, 2001, p. 356).

(175) Os rúim mandava os ... nego i(r) **zanzá** onde quisesse. GR1- 16.

11 – **o-de-comê** trata-se de uma expressão composta que, de acordo com a classificação assumida aos aportes africanos, por Pessoa de Castro (2001:107), tal expressão se classifica como decalque ou aporte por tradução.

(176) Aqui é o mandacaru, dá **de comê** o gado GR1-8.

(177) Lá mermo a minina fazia meu **de comê**. GR1- 11.

(178) ... pegá água longe quane chegá é tarde pá pudê fazê o **de comê** GR1-7.

O léxico religioso consta de palavras e expressões de origem africana, assim como do português brasileiro que foram incorporadas à ‘língua-de-santo’, ou seja, ao candomblé. Vale acrescentar que estas palavras ou expressões não são de uso corrente na comunidade. Os adeptos do candomblé (a grande maioria da população) não falam sobre o assunto ou falam das práticas do outro.

A seguir apresentam-se palavras de origem africanas referentes às práticas do candomblé.

12 - **candomblé** (banto) significa rezar, invocar, pedir pela intercessão dos deuses. Designa também o local onde se realiza o culto (PESSOA DE CASTRO, 2001:196).

Na comunidade, a palavra candomblé é evitada, principalmente, pelas pessoas que o praticam. Os cultos são realizados às escondidas e as manifestações públicas ocorrem através dos preceitos do caruru.

(179) Aí agora esse ôto lá de **candrombé** de curadô. Isso já é curadô que abre terrero, que fecha terrero, isso aí é otos pobrema, né? GR1-5.

13- **bembé** (kwa) candomblé

(180) Inf. Agora na casa deles é **bembé**, sabdo. GR1-1.

Doc. O que é **bembé**?

Inf. Caboco. Sabe na casa de Náia já teve caboco.

14- **caruru**<sup>30</sup> ~ **cariru**, (banto). Entre os significados apresentados pela pesquisadora destacam-se os seguintes

- iguaria feita à base de quiabo cortado, temperado com camarões secos, dendê, cebola, pimenta, prato típico da cozinha baiana.

---

<sup>30</sup> Alguns gramáticos e estudiosos das línguas afro atribuem a origem indígena à palavra caruru. Para Pessoa de Castro (2001) trata-se de uma palavra de origem banto, mais precisamente originada de kalulu (nlulu /breda) do Kicongo (ka)nlulu e do kimbundo kalulu.

- Festa votiva, em homenagem a *Cosme e Damião* e aos *Ibêji*, geralmente para pagar promessa ou por quem tem filhos gêmeos. Antes de ser servido coloca-se uma pequena porção aos pés da imagem dos santos gêmeos e, como parte dos preceitos, serve-se primeiro a sete meninos.

Na comunidade estudada, são atestadas as duas variantes da palavra **caruru** ~ **caruru** é no preceito do caruru que se realizam as práticas públicas do candomblé.

(181) ... não mandô eu dá **caruru** GR1-18.

(182) eu acho que um **caruru** quem pode dá é quem teve barriga de dois, né?  
GR1- 1.

15 – **mabaço** ~ **babaço** - (banto) - Ibeji, gêmeos. Há uma tradição na cultura afro de oferecer caruru aos Santos gêmeos Cosme e Damião como pagamento de promessas por devoção aos Orixás. Essa prática na Bahia é bastante difundida e, normalmente, se festejam aniversários de pessoas nascidas em setembro ou outubro oferecendo além de doces e salgados, caruru, vatapá, acarajé, abará e outras iguarias que fazem parte do preceito do caruru.

Vale lembrar que o decalque de tradução corresponde ao termo **dois-dois** - gêmeos.

(183) A famia **dois-dois**, que é **dois-dois** né? Fica desorientado [se não fizer o caruru] outo fica sem valô de trabaiaá, os caminho fica fechado. GR1-5.

(184) E todo ano, uns dezoto ano que dô [caruru] porque dos **mabaço** GR1-5.

16 - **Samba** vem do banto nsemba > semba. Entre os significados apresentados em Pessoa de Castro (2001, p. 333), destacamos os seguintes:

- cerimônia pública de macumba; rezar, orar.
- qualquer cerimônia pública, religiosa afro-brasileira.

Na comunidade estudada, trata-se de uma palavra ambivalente utilizada tanto nas cerimônias do candomblé quanto nas cerimônias das rezas para pagamento de promessas aos santos de devoção dos informantes.

(185) ... e quando caba lelão aí vira **samba** GR1-1

17 - **Orixá** – designação genérica das divindades africanas cultuadas no Brasil, mais conhecidas do que outras através dos inúmeros estudos sobre o **condomblé-queto** da cidade do Salvador. As divindades africanas no Brasil são também designadas como **guia**, **santo**, seja **inquice**, **orixá** ou **vodum** (PESSOA DE CASTRO, 2001, p. 309).

(186) Deus deu o **guia**, ele dança pelo nascimento que Deus deu a luz do caminho dele (...) Se seu guia é Sant' Antôño [**Ogun**], ele [o jogo de búzio] vai dizê, se seu guia é Santa Barba [**Iansã**], ele vai dizê, eu tô falano porque eu sei. Se seu guia é **Oxossi**, Oxossi é da lua, aí que guia bom, vai dizê. GR1-5.

(187) Ói professora, é assim, aqueles muito invoca pelo **Exu** mal, tá entedeno, num tá GR1-5.

18 **jogo-de-búzio** ou **Ifá** (kwa) o oráculo, divindade que preside a adivinhação com os búzius, o destino do ser humano, onde se lê a fala do orixá. (PESSOA DE CASTRO, 2001, p.250).

(188) O **buzo** vê sua sorte (...) o **buzo** vê tudo quem joga, né? Eu num jogo não, mas tem gente que joga vê tudo. Eu já vi jogá. GR1-5.

As palavras e expressões do português brasileiro incorporadas pelo candomblé.

19 **Feitiço**, no contexto, corresponde à **macumba** (banto) sessão de **fetiçaria**, de magia negra.

(189) Fecha o corpo da pessoa pra num entrá **fetiço** GR1-5.

(190) Bota aqueles **despacho** brabo nas encruzilhada GR1-5.

(191) Aí agora esse ôto lá de candrombé de curadô. Isso aí já é curadô que **abre terrero, fecha terrero**, isso aí é otos pobrema GR1-5.

Formações brasileiras do candomblé, relacionadas à proteção.

(192) Ói, quano você miorá com tempo ‘**você vai fazê uma limpeza**, prá você .. GR1-18.

(193) Reza de noite pá durmi, reza de manhã quano levanta, **tá fechano seu corpo** GR1- 18.

20 - **batuque** – corresponde à formação brasileira a partir de batuca (r) (banto) repetir a mesma coisa insistentemente.

Na comunidade FM, o termo corresponde ao toque do atabaque de uso exclusivo do candomblé.

(194) Chega vermeio, anda vermeio, tira o **batuque** pá muié vê rapaz GR1-8.

Esperava-se inicialmente encontrar na variante da FM muitas palavras de origem africana em uso e, até mesmo, algumas de uso mais específico da comunidade. Entretanto, poucas palavras dessa etnia foram atestadas na amostra lingüística. As relacionadas ao candomblé são de uso restrito, circulam apenas entre aquelas pessoas que lideram os rituais religiosos.

Isto pode ser justificado pela formação sócio-histórica já que, como mencionado anteriormente, na colonização do sertão da Bahia se utilizou pouca mão de obra escrava. Havia poucos cativos em cada fazenda o que favorecia uma convivência mais próxima entre eles e seus senhores. A distância entre uma fazenda e outra era muito grande (em torno de 20, 30, 50 quilômetros ou mais) o que também dificultava o relacionamento com outros escravos.

O *corpus* apresenta um léxico enriquecido pela criação de novas palavras através da derivação, pela atribuição de novos sentidos a palavras já existentes ou, até mesmo, pelo uso de vocábulos bem específicos das práticas culturais da região. Além disso, o aspecto lexical também reflete a herança cultural dos elementos de etnia brasileira.

Como já foi mencionado, trata-se de uma comunidade de tradição oral, até então a escola e os meios de comunicação não exerceram uma influência significativa na comunidade. Se, por um lado, isso afastou a variante local da norma padrão pela

conservação de traços arcaizantes, por outro, favoreceu a inovação de outros que enriquecem a fala da comunidade.

#### 4.2.2 aspectos morfo-sintáticos.

##### I - Aspectos da concordância nominal

O apagamento da marca de plural é um fato sintático que há muito ocorre no português brasileiro. Observe -se o que afirma Mendonça (1935, p.120), “*para mudança na morfologia, o negro deixou apenas vestígio, a exemplo da concordância nominal, Na linguagem dos caipiras e matutos, o plural dos substantivos é marcado apenas no determinante, como nos exemplos as casa, os caminho, aquelas hora*”.

Seguindo esta tendência, muitos estudos recentes entre eles Naro & Scherre (1993) demonstram que a marca de plural no núcleo do sintagma nominal ocorre quase que exclusivamente na fala dos escolarizados. Geralmente a marca de plural recai sobre o artigo, um pronome, um numeral ou qualquer determinante.

Na FM também não é diferente como pode se observar.

(195) Meu pai saía **quinze dia** GR1 – 8.

(196) É **nesses lugá** que panha água. GR1 – 8.

(197) É nos mês de abri, maio é **esses mês** de prantá a prantação é essa. GR1-8

**II – Indefinidos** – Marroquim (1934, p. 181) afirma que “*no Nordeste, além dos indefinidos uma pessoa, um home, a gente, há também freguês, e nego*”.

Na Comunidade também são usados vários indefinidos, como mostram os exemplos:

- (198) O fumo de corda num faz **o cara** tossi porque GR1-3.
- (199) O **cara** forma um arruaço lá uma briga né? GR1-3.
- (200) Quarqué hora aqui o **cara** chega rúim, já sai milhó, graças a Deus.  
GR1-5.
- (201) Se **o cara** tivé gripado e ele fumá, tosse como a zorra! ... GR1-3.
- (202) O dono da casa tá den' de casa aí o **freguês** chega cantado rei e o violero ...GR1-8.
- (203) Tem vez que **nego** toma reio aqui viu? Panha [água] ali onde era o finado senhô GR1- 8.
- (204)... que **nego** até ni Juazero nóis já panhamo [água]. GR1-8.
- (205) Tem a banha do cascavéio, esse chocáio tamém, se o cascavéio mordê, o **freguês** tira uma vorta, torra e bebe, aí Deus adjutora que tudo isso é defesa. GR1-8.
- (206) Ah! **o freguês** cata, dexe eu vê, se tem pro aqui, ela parece que vai dá esse ano devagá, aqui num tô veno nenhuma GR1-8.
- (207) O **freguês** num teno a condições de vivê, ele num pode ficá queto GR1-8.

### III – Paradimas pronominais do português brasileiro

1 – Na fala da comunidade, como nas diversas regiões do Brasil, o pronome pessoal com função de sujeito **nóis** co-varia com **a gente**.

- (208) Quando Deus ajuda que chove **a gente** temos água GR1-5
- (209) Ah! minha senhora, **a gente** num sabe GR1-8
- (210) Aí a gente acordemo GR1-11.
- (211) Aí que **nóis** óiemo GR1-11.
- (212) ... até in Juazero **nóis** já panhamo GR1-8.

Os Quadros V e VI mostram o paradigma pronominal antes e depois da introdução de **você**.

FUNÇÃO	Nominativo	Acusativo	Dativo	Oblíquo
Pessoa				
1. <sup>a</sup>	eu	me	me	mim
2. <sup>a</sup>	tu	te	te	ti
3. <sup>a</sup>	ele	o/lo/no	para ele/lhe	se
4. <sup>a</sup>	nós	nos	para nós	nós
5. <sup>a</sup>	vós	vos	para vós	vós
6. <sup>a</sup>	eles	os/los/nos	para ele/lhes	ele

Quadro V - Paradigma pronominal antes da entrada de você.

FUNÇÃO	Nominativo	Acusativo	Dativo	Oblíquo
Pessoa				
1. <sup>a</sup>	eu	me/eu	me	mim
2. <sup>a</sup>	tu/você	te/você/lhe	te/lhe/a você	ti/você
3. <sup>a</sup>	ele	ele/o/lhe/Ø	para ele/lhe	se
4. <sup>a</sup>	nós/a gente	nos/a gente	para nós	nós/a gente
5. <sup>a</sup>	vocês	vocês/lhes	para vocês	vocês
6. <sup>a</sup>	eles	os/los/nos	para ele/lhes	eles

Paradigma pronominal do português brasileiro após a introdução de você.

Como mostram os Quadros V e VI, diferentemente do português europeu, o português brasileiro vem perdendo a marca de caso herdada do sistema de caso morfológico latino. Como se pode observar, enquanto o Quadro V mostra uma correspondência bi-unívoca entre pessoa gramatical e pronome, o Quadro VI mostra que as formas acusativas e dativas se caracterizam pela alternância, na segunda e terceira pessoas

dos pronomes não clíticos **você/ele**, com os clíticos **te**, **lhe**, **o** e  $\emptyset$ , como exemplificados<sup>31</sup> em (1):

- a. João encontrou você ontem, mas não **te** avisou.
- b. Maria encontrou Pedro, mas não convidou **ele** para a festa.
- c. Eu **lhe** vejo mais tarde / Eu vejo **você** mais tarde.
- d. Pedro trouxe muitas flores **para ela**. / Pedro **lhe** trouxe muitas flores
- e. João encontrou o livro de lingüística na civilização, mas não  $\emptyset$  comprou.

O clítico **te**, forma oblíqua de **tu**, apresenta-se em alternância com o pronome **você** em posição acusativa, como em (a). Para Cyrino (1993, p. 166) o preenchimento da posição acusativa com o pronome forte se estende aos pronomes de terceira pessoa quando o referente é [+animado] como em (b). A forma dativa **lhe**, ilustrada na letra (c), em algumas variantes substitui a forma acusativa com traço [+humano], ficando a terceira pessoa com a forma preposicionada **para ela** como ilustrado em (d). O clítico acusativo de terceira pessoa é também, segundo a autora, o primeiro a desaparecer. A sentença em (e) mostra a categoria vazia na posição de objeto, fenômeno conhecido na literatura lingüística como **objeto nulo**. Pode-se considerar, então, que o uso do clítico **o/a**, já “não é produto da aquisição natural da linguagem, mas de uma aprendizagem posterior no contexto escolar e no convívio com a escrita culta” (KATO, 1994 p. 1).

Seguindo a tendência da perda das marcas de caso morfológico no sistema pronominal, na variante rural do português brasileiro desaparecem ainda mais. Fatos dessa natureza já são observados por Amaral (1920, p.59), no português rural, no início do século

---

<sup>31</sup> Os exemplos são de Kato (1994:1).

passado, são exemplos do autor: ‘O minino que eu **lhe** dei o livro’ e ‘O minino que eu dei o livro **pra ele**’.

Para Marroquim, assim como no Rio de Janeiro, o pronome **lhe** é usado como dativo e como **o** acusativo. Assim, para ele essa construção usada pela classe inculta já atingiu também as pessoas instruídas, a exemplo de ‘Eu **lhe** vi hoje saindo do cinema’. O autor conclui que “a dualidade das formas **lhe** e *o* para uma só relação gerou a confusão no seu emprego, mas “a linguagem usual encontrou o remédio na especialização” Dessa forma, **lhe** passou a indicar a segunda pessoa, e *o* a terceira, ‘ Eu **lhe** vi = eu vi você’ e Eu **o** vi = eu vi ele”. (MARROQUIM 1934, p.138-184).

As sentenças a seguir exemplificam o pronome **le** (**lhe**) usado como acusativo na comunidade FM.

(213) Se num fosse longe eu ia **le** levá lá na roça grande. GR1-11.

(214) Vai chovê e vai **le** molhá GR1-11.

(215) Num há ninguém **le** contá uma vantagem não GR1-5.

## 2 - Pronomes pessoais como complemento<sup>32</sup>

1 – Pronome **ele** como acusativo - assim como no português popular brasileiro, a posição de objeto ora é preenchida pelo pronome tônico “**ele**”, como em:

(216) eu vô logo na roça, quando eu vortá, se dé tempo eu ... eu vô procurá **ele**  
eu mostro a senhora GR1 – 5.

(217) Ela chama pára-raio, ela é uma planta que se tivé **ela** na porta num cai  
curisco, num cai raio na porta, num cai, tá entendeno? GR1-5.

(218) Eu já encontrei **eles** GR1-8.

---

<sup>32</sup> Vale ressaltar que na amostra da comunidade não foi registrado qualquer uso dos clíticos **o**, **a**, **os**, **as**, ao que tudo indica essa forma pronominal não faz parte da gramática da variante rural da FM.

Ora se realiza como uma categoria vazia como em:

(219) agora ni alma, ali mesmo, base de um ano mais ô meno, caiu dento da casa de um home, ta entendeno? Dento de casa o home ficô pateto [inint] no chão levaro Ø pró médico. GR1-5

(220) Cria Ø (galinha), mas a pertubação é danada mode o povo. GR1-8

(221) Ah! minha senhora, a gente num sabe, eu já encontrei Ø várias vez. GR1-8

(222) Eu vi Ø aí nos caminho da noite (lobsomem) GR1-8.

(223) Nós somo obrigado panhá Ø longe. GR1-8.

Para Mattoso Câmara (1972, p. 47), um dos traços que caracteriza o PB é o uso de *ele* (e suas variantes feminino e plural) como acusativo. Fato que o autor considera erro. Em seguida ele mostra que na língua literária tal construção caracteriza a linguagem do povo, ilustrando com o seguinte exemplo “ainda hoje deixei ele na quitanda”<sup>33</sup>. O lingüista acrescenta que o referido enunciado é fala de uma preta.

Por outro lado, construções dessa natureza já se encontravam no português arcaico como mostram os exemplos<sup>34</sup>:

El-rei mandou-o logo prender, e levaram *ele* e Mateus Fernandes a Sevilha. (Fernão Lopes, Crônica de *D. Fernando*, c. 46).

Os cardeais, outrossim, privaram *ele* d’algum direito, se o no papado tinha. (*idem*, *ibidem*, c. 108)

Traziam quatro honrados senhores um pano d’ouro tendido em hastes, que cobria *ele* e o cavalo. (*Idem*, *ibidem*, c. 167).

<sup>33</sup> Exemplo retirado do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis.

<sup>34</sup> Os exemplos foram retirados de (COUTINHO, 1969:338) que se posiciona assim, sobre o assunto: “Costumam todos os filósofos, diz Rui Barbosa, designar por brasileirismo (e eu em tal conta sempre o tive, até não há muito) o uso do pronome pessoal ele, ela, eles, elas, como objeto do verbo: “ Eu vi ele. Eu deixei ele.” Dessa prática, entretanto, bastantes casos se me deparam nos clássicos mais antigos”.

Com relação ao uso do pronome não clítico *eu* como acusativo Mattoso Câmara (1972, p. 49), afirma que “*a construção do tipo mandou eu fazer, no lugar de me mandou fazer não continuou sendo atestada na língua corrente*”.

Galves observa através de dados da norma culta que os pronomes *ele(s)*, *você(s)* ocorrem em posição de objeto direto e a primeira pessoa do plural *a gente* é também atestada em posição de acusativo em variação com **nos**. Quanto ao uso do pronome não clítico **eu** como acusativo a autora argumenta que

... em PB, [a ocorrência de *me*] é favorecida não apenas pelas condições de produção do *corpus* [norma culta], mas também pelo fato, representado abaixo, de que, enquanto você e ele podem aparecer na posição de objeto sem qualquer modificação morfológica, a forma *eu* em posição de objeto, possível em certos dialetos, é extremamente estigmatizada na norma culta. As ocorrências do pronome *eu*, em posição regida pelo verbo se limitam, no *corpus*, aos casos em que o pronome é também o sujeito do infinitivo (exemplos citados por Monteiro, p. 112), contexto no qual, em PE, o clítico é obrigatório: (6) *Deixa eu pensar nas profissões (SP – Did)*. (7) *É por isso que vocês vêem eu insistir tanto sobre isso (SSA – EF)*. GALVES (2001, p. 130).

2 – Apesar de não ser comum no português popular brasileiro atual, a realização do pronome **eu** como sujeito do infinitivo é atestada na variante rural, onde se realiza esta pesquisa, como mostram os exemplos a seguir:

(224) *É, a menina mando eu prantá o mio GR1-5.*

(225) *Num mandô eu dá cariru GR1-18.*

Em um outro artigo do mesmo livro, Galves (2001, p. 67) observa a variação entre *me/eu*; *nos/nós/a gente* a qual ela considera relacionada à estratificação social “*gostaria de acrescentar a esta variação [a perda geral da concordância sujeito-verbo] a uma outra, que*

*tem a ver com o uso do pronome tônico de primeira pessoa em posição de objeto. Ele viu nós na festa / Ele chamou eu para conversar”.*

3 – São exemplos do pronome **eu**<sup>35</sup> como acusativo no *corpus* analisado.

- (226) Mamãe botô a toaia, **botô eu** aqui. GR1-11.
- (227) Ela **levô eu** cum um mês de nascida ... lá pro reconco. GR1 – 11
- (228) A pessoa muntá e **bota eu** na garupa GR1-18.
- (229) Ela **ensinava eu** de manhã e de tarde ela vinha ... GR1-20.
- (230) Convesso assim, canto assim como a senhora já **viu eu** cantano. GR1-8.
- (231) ... e **dexava eu** mais minha vó GR1-18.
- (232)... num **larga eu** não. GR1- ARL

4 – sobre construções do tipo **pra eu ~ pra mim + inf.** Marroquim (1934, p. 131/132)

afirma que

.. a tendência para uso do pronome nominativo faz que o matuto, da mesma forma que altera a sintaxe portuguesa como fim de empregar o caso reto, se conserve a ela fiel quando a língua culta autoriza o uso daquele caso.

‘Me leve pr’onde quisé  
Pr’eu faze todo os mandado  
Pru mode eu broca de foice’ ...

Entretanto, no sul do país, segundo observação e testemunho de Antenor Nascentes e Amadeu Amaral, nessas orações, o pronome toma, no dialeto, o caso oblíquo: ‘isto é para mim leva’. ‘Ele troxe uma fruta pra mim comê’.

São construções do tipo **pra eu + sujeito do infinitivo** atestadas na FM.

- (233) ... mas graças a Deus **pra eu** sabê que ônibus vô pegá, que carro vô pegá

GR1-5

- (234 ... **pra eu** num vê meus fio sofrê GR1-5 p. 17

<sup>35</sup> Esta pode ser uma marca que diferencia a fala da FM da sede C. do Coité. É preciso, entretanto ampliar esta pesquisa a outras localidades rurais (negras e não negras) para se traçar um panorama mais geral da região.

- (235) vô cortá **pra eu** batê no bicho GR1-8 p. 13
- (236) **pra eu** num vê meus fio sofrê GR1-5 p. 17
- (237) e **pra eu** aprendê o tantinho que eu aprendi GR1-7
- (238) ... o tempo de eu i (r) prá escola meu pai me botava era na roça. GR1-8.
- (239) Aí eu ia assim pra eu, **pra eu pegá** aí dava pros cabelo do corpo  
rupiava e vortava GR1-11
- (240) ... agora pisô e cozinhô a berduega, e deu **pra eu comê** GR1-11 p. 1

A pesar de prevalecerem na comunidade construções do tipo **pra eu + infinitivo** construções do tipo **pra mim + inf.** foram também atestadas na fala dos mais jovens.

- (241) ... se fosse **pra mim compará** GR2-5.
- (242) ...num dá **pra mim í (r)** mais e aí, ele para GR2-5.
- (243) Ele tava viajando prá Serrinha, num deu **pra mim falá** com ele.  
GR1-20.
- (244) Eles mermo já me convidô **pra mim í (r)**, mas num deu **pra mim í(r)** ... GR1-20.
- (245) ... minha mãe fez uma promessa **pra mim ficá**<sup>36</sup> são. GR1- 4.
- (246)... venceu aí num deu **pra mim comprá** oto. GR1-4.

**4** – Construções do tipo **de eu** em variação com **de mim** são também muito comum na amostra lingüística da comunidade.

- (247) Aquele ali que tem a casa **perto de eu** GR1-11.
- (248) ... saía devagarzinho sentava **de junto de mim** GR1-5.
- (249) Eu vim adoecê depois **de eu** já grande, já aduto GR2-4 .

---

<sup>36</sup> Apesar de essa construção não ser comum entre os mais velhos, os exemplos (245 e 246) foram extraídos da entrevista com TBS, informante de 59 anos.

(250) Eu aprendi depois de **eu criada** GR1-18

(251) ... sorrindo **de eu** GR1-18

**5** - No *corpus* de Assis Veado (1982, p. 33) há preferência da forma '**mais eu**' no lugar do pronome oblíquo, como por exemplo: Você vai embora **mais eu**; Ela faiz o serviço **mais eu**.

É comum encontrar também na fala da FM a construção **oblíqua mais eu** em variação com **comigo**.

(252) Agora só que ela tá aqui esses dia **mais eu**. GR1-5.

(253) Almoçaro tudo aqui ni minha mesa mei'dia **mais eu**. GR1-5.

(254) Já dei aqui dez limpa [...] Sete sozinha e meu marido deu três **mais eu**  
agora depois que ... agora depois que ele chegou de San Palo. GR1-5.

(255) Eu e o parcerero que foi **mais eu** GR1-8.

(256) O rapaz que trabaia **mais eu**. GR1-10.

**6** - Observe ainda o emprego de **se** no lugar de **me** muito comum entre os não escolarizados, de um modo geral.

(257) ... o que Deus me deu poquinho [saber assinar o nome] eu nunca **s'esqueci**  
não. GR1-7.

**6** - O Quadro VII<sup>37</sup> sintetiza a variação pronominal atestada na comunidade.

---

<sup>37</sup> O pronome **tu** ocorre algumas vezes no contexto em que o informante reproduz uma interlocução entre ele e outro não presente na situação de fala, por isso acredita-se que não faz parte da fala do local.

Quadro VII

Nominativo	Complemento
Eu	eu ~ me
você	você ~ le (lhe)
ele / ela	pra ele/ela
a gente / nós	a/de nós
vocês	a/de vocês
eles / elas	pra eles / pra elas

Pronomes da variante rural da FM

A neutralização das marcas residuais sobreviventes dos casos latinos no sistema pronominal do português brasileiro, na variante rural, se amplia ainda mais, em particular na variante da FM, resultando na perda da distinção entre os casos acusativo, dativo e oblíquo cuja distinção pode ser recuperada pelo uso da preposição ou pela posição do elemento na sentença.

### III - aspectos da flexão verbal

Há muita variação entre tempos e modos verbais. No presente do indicativo são atestados dois padrões de concordância. O primeiro no qual se distingue a primeira pessoa singular das demais e o segundo em que se registram quatro pessoas do discurso.

P1 – eu	fico
P2 – você, ele, eles	fica
P3 – nós, a gente	fica ou ficamo

Nóis e a gente variam entre morfema número-pessoa  $\emptyset$  e morfema **-mo**, como nos exemplos.

- (258) O feijão **nóis faz** as cova e pranta três caroço GR1-2.  
 (259) Ah! minha senhora **a gente num sabe** GR1-8.  
 (260) **Nóis sono** obrigado a panhá [água] longe daqui GR1-8.  
 (261) Quando Deus ajuda que chove a **gente temo** água GR1-8.  
 (262) Intão **a gente vamo** botá ele no só prá tomá sozinho pra dispois **a gente discascá** ele.

Pretérito perfeito apresenta distinção entre quatro pessoas do discurso.

P1 – Eu fiquei

P2 - Você, ele ficou

P3 – nós, a gente fiquemo / ficou

P4 – eles ficaro / ficou

- (263) ... fome já **passei** muita, bom já **trabaei** na fazenda do finado Senhô, dez semana tirano barro na cabeça, sabe onde é? GR1-8.  
 (264) ... tinha sinsá **matei** GR1-8.  
 (265) **Cheguei** da casa de farinha n'estante GR2-4  
 (266) **Plantemo** tá bonitim, aí agora se num tivé cuidado os bicho vai comé tudo, num fica nada, nada. GR1-5.  
 (267) Quando **nóis cheguemo** aqui tava a fartura de feijão de corda animadô e abroba, melância e nós **fiqumo** por aqui e até hoje tamo. GR1-8.  
 (268) Aí nós **oiemo**  
 (269) Aí **a gente acordemo** GR1-8

Mendonça (1935, p. 121) atribui a variação do uso do morfema **-o** de terceira pessoa do plural do perfeito do indicativo à “*pronúncia dos pretos e gente de sua classe: amaro, fizeram dissero*”.

(270) O pessoal **choraro** muito porque por causa da morte dela GR2-4 .

(271) A estrada é rúm aí num ... num **consequiro** ainda carçá. GR2-4.

Para expressar o tempo futuro na comunidade, utiliza-se **ir + infinitivo**.

(272) ... que vai no dia vinte com ele depois eu **vô i(r)** GR1-1.

(273) Aí agora **se** num tivé cuidado os bicho **vão cumé** tudo, num fica nada,  
GR1-5.

São formas do subjuntivo atestadas na variante da comunidade.

Presente

(274) ... Chapada vem de todo lugá que **quera** vim GR1-18

Imperfeito

(275) Era o freguês **se** num **tivesse** farinha tinha mio GR1-8

(276) **Se** num **fosse** longe eu ia le levá lá na roça grande GR1-11

Futuro do subjuntivo

(277) Aí agora **se** num **tivé** cuidado os bicho vão cumê tudo, num fica nada,  
nada GR1-5

(278) **Se** ele num **pudé pagá** ele se arromba sozim GR1-3

Comum também no português brasileiro foi atestada no *corpus* a forma **vim** por **vier** e por **vir**.

(279) Pode **vim** o que **vim** ela num morre GR1-7

(280) ... Chapada vem de todo lugá que quera **vim** GR1- 18

(281) é falano de **vim** que tá com sodade da gente GR1 – 24

#### IV - Comparação

As formas sintéticas são freqüentemente substituídas pelas analíticas: mais grande, mais piqueno, mais bão, mais ruim e até mais mió, mais pió. Amaral (1920 p.54). Segundo o autor, dá-se com a gradação dos adjetivos um curioso fenômeno de contágio. Não se emprega, em geral, a forma analítica, nem também a sintética, de origem latina: combinam-se as duas. É a tendência simplificadora do dialeto em luta com o exemplo das pessoas bem falantes.

Das formas *bom*, *grande* e *pequeno*, ainda persistem as formas analíticas duas últimas, mais grande e mais pequeno, ao lado de mais maió e mais menó. (MARROQUIM, 1934, p. 107).

No francês as formas '*plus grand*' e '*plus petite*' e no Espanhol '*más pequeño*', '*más grande*' fazem parte da norma padrão da língua.

- *s'est par decir d'une **plus grand** authenticité*<sup>38</sup> (BONVINI & PETTER, 1998, p. 78)
- *la plus petite chambre*<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Trad. É pelo dizer de uma (mais grande) maior autencidade.

<sup>39</sup> Trad. O menor (mais pequeno) quarto.

(282) ... tem a mente funcionando **mais melhó** GR1-7.

(283) É crescedera aí só tem madeira, **mais melhó** é essa aqui. GR1-5.

(284) pode vim uma coisa **mais pió** e precisá daqueles quinze ... GR2-5.

(285) hoje não, atualmente tá **mais pouco** GR2-5.

## V – negação

A negativa<sup>40</sup> repetida depois do verbo é muito comum no português corrente e é considerada brasileirismo por alguns autores, entre eles Amaral (1920, p. 65). São exemplos atestados na comunidade FM:

(286) ... eu tenho 51 ano eu **num** minto **não**. GR1-5.

(287) ... **não** sou boa estudada **não** ... GR1-5.

(288) ... eu **num** vô mudá **não** GR1-18.

## VI – uso da preposição

Um outro aspecto da sintaxe na amostra analisada que merece uma atenção especial é o uso das preposições.

O uso de ‘**mais**’ no lugar da preposição ‘**com**’, segundo Assis Veado (1982, p. 33) é atestado no dialeto rural da região Sanfranciscana de Januária em Minas Gerais. A autora se refere à preferência da forma ‘**mais**’ seguida da preposição ‘**com**’, a exemplo de ‘eu labutava junto **mais** ela’ e de ‘eu fui embora **mais** ela’.

São exemplos dessa construção atestados na comunidade:

.(289) .. e dexava eu **mais** minha vó GR1-18.

<sup>40</sup> A dupla negação em contexto em que o indefinido é o sujeito como em ‘ninhum discarado num tá trabaiano não’ exemplo apresentado por Baxter & Luchesi (1977, p. 78) não foi encontrada no *corpus*.

(290) trabaiô seco pá pude vive **mais** a mãe GR1-7.

#### Omissão de preposição

(291) Os irmão dele que foi Severino e Calixta aí pagô Ø ele em dinheiro, a meu avô Zé de Soiza GR1-11.

(292) Pá adiquiri o pão de cada dia pá dá o Ø meu povo Ø se alimentá GR1-8.

#### A variação entre as formas **em** ~ **in** ~ **ni**

(293) Casemiro mora **ni** Coité, né? GR1-8.

(294) já tive perto de Savadô, nunca fui não, já tive **ni** Camaçari. GR1-8.

(295) Andreлина mora pra de ... de ... Jacobina ... mas num é **ni** rua não. GR1-11.

(296) ... a muié do civí dele mora **ni** Jacobina (...) É **ni** roça GR1-11.

As línguas mudam no tempo e no espaço; em qualquer comunidade lingüística é possível encontrar formas novas concorrendo com formas velhas, há sempre diversas variantes em uso. Na própria natureza da língua, está inscrita a variação e a mudança que resultam nos vários dialetos regionais e sociais, *“porque a mudança lingüística é movida por duas forças distintas: uma procede da língua mesma, é inerente à sua lógica interna; a outra, procede da comunicação lingüística e das condições sócio-históricas de seu devir”* (YAGUELLO, 2001, p. 280).

Vale ressaltar que algumas variantes não padrão são mais estigmatizadas que outras *“a psicologia social lembra que todos os signos que funcionam como spektron, afetam o valor social do produto lingüístico que contribui, por sua vez, para definir o valor social do locutor: sabe-se, assim, que propriedades tais como pronúncia, sotaque e o léxico*

*oferecem melhores índices do que a sintaxe para a localização da classe social dos locutores”* (BOURDIEU, 1998, p.24).

Neste item aborda-se o conjunto de variações lingüísticas que ocorrem nos níveis fonológico e morfossintático na FM, com o objetivo de fundamentar a discussão desenvolvida no Capítulo V, sobre as atitudes lingüísticas dos falantes. Tenta-se mostrar que as variações do local fazem parte das regras gramaticais do conjunto de variantes do português brasileiro, portanto, não são específicas da FM.

Entre elas há aquelas mais gerais, já incorporadas à língua, relacionadas em (01). As mais específicas das comunidades rurais e dos segmentos não escolarizados em geral estão relacionadas em (02).

(01)

- a. a monotongação [ey], [ow] Ex. cadera, penera, coro, poco;
- b. a palatalização do [t] e do [d] depois do fonema [i]. Ex. noit[tʃ]e, [dz]ia;
- c. a vocalização do [l] em final de sílabas. Ex. sa[w]do, carna[w];
- d. a perda do [r] em final de palavras. Ex. tambô, ficá (r).

(02)

- a. a yotização do [λ] em [l]. Ex. mio, trabaio;
- b. a palatalização do [t] em [tʃ] e do [d] em [dz]. Ex. o[tʃ]o, cu[ dz ]ado;
- c. perda do [l] em final de palavras. Ex. carná, sisá, papé;
- d. permuta do [l] para o [h] em final de sílabas. Ex. curpa, arma [alma];
- e. vocalização do [r] em [w] Ex. teuça, seuve, mauço.
- f. rotacismo, a permuta entre [l] e [r]. Ex. pranta, crasse.
- g. a redução das proparoxítonas Ex. lampa, relampo

Se, por um lado, os processos em (01), em diferentes graus de aceitabilidade, ultrapassaram as barreiras do rural dos segmentos não escolarizados e, por sua difusão em diversas regiões do país, são aceitos socialmente; por outro, os relacionados em (02) são mais limitados às zonas rurais e aos falantes de baixo *status* social.

No léxico, as diferenças são menos marcantes. Há algumas palavras do português antigo ainda em uso pelos mais velhos (jinela, sumana, cuscuje) que causam estranhamento aos jovens da comunidade. Com referência as palavras africanas, diferente da expectativa inicial que motivou este trabalho, foram encontradas poucas palavras dessa etnia na amostra analisada. Ademais, são todas conhecidas e de uso no português brasileiro. A maior parte é oriunda da liturgia religiosa e são específicas dos rituais do candomblé.

Já quanto à sintaxe que caracteriza a fala local, os informantes fazem referência a apenas a construção ‘caiu uma queda’ e às formas analíticas de comparação como ‘mais maió’, ‘mais pequeno’.

Há também entre as construções sintáticas em variação na FM as de uso mais geral como em (01), e as mais específicas em (02).

(01)

- a. o uso de **ele** como acusativo, bem como o objeto nulo;
- b. a variação entre nós e a gente;
- c. o uso de **lhe** como pronome complemento de segunda pessoa.

(02)

- a. a construção do **eu** como sujeito do infinitivo<sup>41</sup> ou como acusativo;
- b. a expressão “**mais eu**” em lugar de “comigo”;

---

<sup>41</sup>A construção pra mim + infinitivo não é comum, foi atestada na fala de alguns jovens.

c. a **omissão de preposição**<sup>42</sup> objeto de alguns verbos.

Vale observar que determinados fenômenos fonéticos ou sintáticos, a exemplo do enfraquecimento e perda do [ r ] em final de palavras; do apagamento de marcas da concordância nominal, reduzindo-a em muitas regiões do país, apenas ao determinante; da redução das formas verbais, possivelmente implementada pela introdução de você como pronome de segunda pessoa, assim como do uso do pronome pessoal **ele**, como acusativo, entre outros fenômenos mais gerais, já não constituem estereótipos socialmente marcados uma vez que tais mudanças já atingiram a classe social de prestígio, a classe escolarizada, perderam, portanto, o estigma que caracteriza a zona rural e as periferias.

As comunidades lingüísticas se distinguem pelas formas da língua que lhes são comuns. Na FM, não foram encontradas formas de uso específico de ascendência africana. As marcas que a caracterizam, são comuns às diversas comunidades rurais do país; agregados a elas estão os valores socioculturais que podem estigmatizá-las.

---

<sup>42</sup>É necessário se fazer um estudo mais detalhado. Foram omitidas como complemento dos verbos pagar e dar, entretanto, é possível que ocorra em outros contextos.



## **CAPÍTULO V – ATITUDES LINGÜÍSTICAS: AVALIAÇÃO DA LÍNGUA POR SEUS USUÁRIOS.**

À sociolinguística interessa a complexidade das variáveis sociolinguísticas envolvidas na interação social, assim como o valor atribuído às mesmas. Dentro de cada comunidade, há uma variedade de códigos e de maneiras de falar disponíveis para os seus membros. Identificar as variedades que ocorrem em qualquer comunidade requer observação e descrição de diferenças efetivas na pronúncia, gramática, léxico, estilos de fala, entre outros comportamentos comunicativos. Mas, sobretudo, deve-se dar conta de quais espécies de significados sociais, dentro do grupo, as diversas variantes carregam. É preciso considerar que, na realidade objetiva de uma vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades lingüísticas em uso que reflete a hierarquia dos grupos sociais, isto é, em todas as comunidades existem variedades consideradas superiores e outras inferiores. Em outras palavras, constata-se de modo muito claro, a existência de variedades de prestígio e variedades desprestigiadas na sociedade em geral.

Lara (1999, p. 10), com base em Cefai assegura, que *“cada sujeito falante tem uma idéia da língua, idéia que se traduz em julgamentos de valor (afetivo, estético e moral) para além de manter sobre ela um olhar marcado pela sua experiência pessoal e pelos preconceitos de sua época e de seu grupo social”*.

Verificar na veiculação dos aspectos socioculturais, em especial nas atitudes dos falantes da FM, o uso de lugares comuns que marcam as fronteiras do espaço de partilha das mesmas crenças, dos mesmos preconceitos que *“garantem a atribuição de um sentido comum à realidade do mundo e à própria identidade, mas que paralelamente, podem tornar-se operadores de estigma e de discriminação”* LARA (1999, p. 10).

Com base nestas suposições, analisa-se neste capítulo, o *corpus* de fala da comunidade, a partir da seleção qualitativa do material constante nas entrevistas, relacionado às questões que dizem respeito ao nível de escolaridade e às atitudes que os informantes manifestam sobre o uso da língua. Para isso, retomam-se os grupos de falantes constituídos no Capítulo III. Assim, 5.1 refere-se aos informantes da comunidade sem relacionamento regular fora da comunidade; 5.2 àqueles que são da comunidade, mas mantêm algum tipo de relacionamento regular fora dela e 5.3 aos informantes da sede do município.

#### **5.1 – a escola é a enxada.**

O grupo 1, como mencionado anteriormente, é constituído de pessoas mais velhas e de jovens que não estudam e não têm contato regular com pessoas de fora da comunidade: seu conhecimento do mundo advém da prática. Estes conhecimentos incluem o trato com a terra; as fases da lua adequadas a determinadas culturas, as estações da chuva (os meses) apropriadas para o plantio de cada lavoura (milho, feijão, mandioca), o combate às pragas; o uso das ervas medicinais e das rezas para curar as doenças e afastar o mal.

Os trechos para análise foram selecionados dos informantes constantes do Quadro VIII.

Entrevista nº	Informante	sexo	idade
5	AMS	f	56 a
7	JMS	m	48 a.
8	SPS	m	75 a
11	EDT	f	78 a
18	MVJ	f	70 a
24	VMV	f	22 a

Informantes sem relacionamento regular fora da comunidade.

O grupo GR1 é composto por informantes idosos ou, até mesmo por jovens que têm pouco contato com pessoas de fora, geralmente analfabetos, alguns mal assinam o próprio nome. Os informantes foram selecionados do Quadro I apresentado no 3.2 do Capítulo III.

AMS, informante de 56 anos, nascida na comunidade FM, semi-analfabeta, lavradora, líder religiosa reconhecida na localidade. Apesar dos maus tratos da vida, é uma pessoa disposta, falante, determinada.

(1)

**‘Ela sabe que eu num sô formada. Ali num é um formado, ali num é um formado. Ela sabe que a língua da gente é de nafabeto. Ela ... ela num qué nem sabê disso, né certo? Oh! Meu Deus, você é tola minha fi ... Ela [a filha] estuda ni Coité viu? Ela estuda ni Coité, ela tá aqui mais eu esses dia... porque tenho um fio que tem uma casa ni Coité, casô lá. É casado e ela estuda lá já com um ano. Ela graças a Deus já tá perto de se formá [concluir o segundo grau] graças a Deus. Agora só que ela tá esses dia mais eu. Mas ela vem, mas quando tá pá chega, dizê assim, a escola começô, ela torna a vortá de novo.**

(...)

**Doc.** Você estudô aonde?

**Inf.** Estudei aqui mermo [inint] no Maracujá foi, na época que era menina esse prédio num existia, né? Veio existi esse prédio de nossos fio pra cá. Uma mulé que tinha uma escola na casa chamava Maria, chama Maria, ela é viva e ela num era formada também, e ela ensinô muito a gente, graças a Deus aqueles tipo de coisa da ... [inint] logo é de hoje, né? Que hoje tem muita coisa tem muita coisa que num vô dizê que sei fazê, ne? Mas graças a Deus meu nome, bilete, o nome de quarqué pessoa... cheganô no supermercado sei

comprá, graças a Deus até aí, né? Num sô boa estudada, não. **Num sô bem estudada, mas graças a Deus pra eu sabê que ônibus vô pegá que carro vô pega pra onde eu vô, tá bom demais**, num tá?

**Doc.** É

**Inf.** **Chegá no supemercado sei comprá**, num vô pedi a ninguém, **sei vendê, né**, certo?

Em (1), **‘Ela sabe que eu num sô formada. Ali num é formado. Ela sabe que a língua da gente é de nafabeto. Ela ... ela num qué nem sabê disso ...’** corresponde a uma resposta da mãe à filha que, de outro cômodo da casa, criticava a fala da mãe em interação com a pesquisadora. Observe, além do mais, que a informante fala pelas demais pessoas não escolarizadas da FM **‘num sô formada. Ali [outros] num é formado’ ‘a língua da gente é de nafabeto’**

Do trecho pode-se depreender que, à mãe por sua vez, interessam os conhecimentos da língua necessários aos fazeres da prática, a exemplo de **‘num sô boa estudada, não (...)** **mas graças a Deus pra eu sabê que ônibus vô pegá, que carro vô pega, tá bom demais’**. A informante acrescenta que **‘chega no supermercado sei comprá (...)** **sei vendê’**. Além disso, por assumir a língua de **‘nafabeta’**, o fato da assimetria pesquisadora *versus* entrevistada não a incomoda. Ela age como alguém que só dispõe daquele recurso em relação à fala e por isso, não tem que escolher entre variantes, o que a deixa muito à vontade para falar, já que a insegurança lingüística, motivada pela questão do ‘certo’ e do ‘errado’ pode contribuir e muito para a inibição dos sujeitos.

EDT, informante de 78 anos é bisneta de José de Souza, primeiro morador da comunidade. A informante que já foi uma das parteiras da comunidade e trabalhava na

roça, hoje se dedica aos afazeres domésticos. É uma das pessoas que mais conhecem a história local

(2)

**Doc.** E você lê e escreve?

**Inf.** E eu num sei a lê num sei fazê nada.

**Doc.** E seu nome?

**Inf.** Não.

( ... )

**Doc.** Como é a fala dos moradores do Maracujá?

**Inf.** A fala dos moradores do Maracujá é que nem eu falo mermo.

**Doc.** O que você acha de sua fala feia, bonita ...

**Inf.** Eu acho bonita.

( ... )

**Doc.** E os velhos?

**Inf.** Os velho, uma hora fala certo, ota hora fala errado.

**Doc.** Então você acha que os velhos falam errado, mas falam bonito.

**Inf.** É fala bonito, né? Eu mermo sei convesá tudo.

EDT sempre trabalhou na roça, na casa de farinha além de atuar na comunidade como parteira. No que diz respeito à língua faz uma avaliação positiva de seu modo de falar, como ela mesma diz '**eu sei convesá tudo**'. A informante não avalia as variantes do local em termos de certo ou de errado.

JMS tem 48 anos é bisneto de Calixto, um dos primeiros marcadores que adquiriram a terra, morou, trabalhou e constituiu família na fazenda em Lagoa Grande, próxima à FM e depois de casado passou a morar na FM na terra deixada pelos avós. Começou a trabalhar no processamento para a obtenção das fibras de sisal desde os nove anos de idade na fazenda onde morava e hoje continua a trabalhar nessa atividade e na lavoura em sua terra.

(3)

**Inf.** É lá ni Lagoa Grande que eu sempre trabaiava, estudava no Mobra. É ota fazenda póxima aqui, mas pertence a Juazerim mais pá lá [inint].

**Doc.** E aí o que você conseguiu aprendê lá?

**Inf.** Essa data nove ano eu tava labutano no motô [de processamento do sisal], aí eu fui adolescente só fui estudá no Mobra à noite. [inint] nada não, que à noite quase num tem futuro, né? E a gente trabaiano no motô quande era cinco da manhã corria pá pegá jegue pá botá paia e nego num se ligava muito, num botava muito na idéia o que fazia à noite, né? Aí sempre esquecia a graça deles assim, mesmo ainda assino.

**Doc.** Assina seu nome?

**Inf. Assino.**

**Doc.** E lê alguma coisa?

**Inf. Bem pouco** o que ... o que eu faço eu divugo é ...

(...)

**Doc.** É ... e sua mulher é daqui mesmo?

**Inf.** É daqui mermo. É minha prima carná.

**Doc.** Ela estudô?

**Inf.** Ela estudô que nem pouco a mesma situação dela é a minha também num ... num tem pai, cria ... convivendo com a mãe dela, trabaio seco pá pudê vive mais a mãe.

**Doc.** assina o nome

**Inf.** Ela assina ... Não senhora, ela nem chegô assiná o nome, ela disse que ia aprendê depois esqueceu.

**Doc.** Hum ...

**Inf. O que Deus me deu poquinho [assinar o nome] eu num se esqueci não.**

(...)

**Doc.** E sobre sua fala, o que você acha?

**Inf. Acho que é suficiente, normal, eu acho. A gente tem que estudá mais pá falá pela letra.**

**Doc.** E como é fala pela letra?

**Inf.** Falá pela letra é normal, é falá bem. Porque quande num sabe nada, né? Num sabe pá podê falá.

Como é comum nesse grupo, o informante não faz uma avaliação negativa sobre seu modo de falar ‘**acho que é suficiente, normal, eu acho. ‘A gente tem que estudá mais pá**

**falá pela letra** [ter acesso a outra variante]’ **o que significa falá normal, falá bem**’, diz JMS.

TBS tem 59 anos nasceu e se criou na comunidade quando jovem saiu para trabalhar fora inclusive trabalhou em uma firma em Salvador onde aprendeu assinar o nome.

(4)

**Doc.** E você já saiu pra trabalhá fora?

**Inf.** Já, Savadô

**Doc.** Fazê o que lá?

**Inf.** Óia quande eu trabaiava in Savadô ... quande eu saí daqui eu num ... eu num sabia nem fazê o nome porque **nossos pai tinha ... achava difici pá bota ... pá pessoá aprendê lê, dava pra ... pá ensiná era trabaiá puxá a enxada aí ...** Primero quande a gente chegava in Fera ou então in Savadô quande ia andá sem leitura é um bocado rúim. Aí eu disse tem fé em Deus que inda qu’eu vô fazê meu nome tem fé em Deus. Até que um dia que eu achei uma firma pá trabaiá prá eu trabaiá que tinha uma escola... tinha uma escola, aí eu estudei um mês e catoze dia. Eu já fazia até bilete, mas sabe, cum o tempo, cum o tempo esqueci quase tudo, mas meu nome inda eu faço.

**Doc.** E seus filhos, tem algum analfabeto?

**Inf.** Não. Graças a Deus todos ele sabe lê, num tem nenhum que nem eu.

Naquela época não havia escola nas proximidades, a prática entre as famílias era colocar os filhos para trabalhar na roça desde criança, aprendia-se desde cedo era ‘**puxá**’ a enxada ou a trabalhar no processo de desfibramento do sisal.

SPS, informante de 75 anos, nascido em Vagem, localidade vizinha à FM. É analfabeto, mora na comunidade desde 1951. Ele é lavrador, canta chula e sambas faz parte do grupo de sambadores da região. Tem fluência para cantar e falar.

(5)

**Doc.** E escola, você já freqüentô alguma escola?

**Inf.** Minha senhora **nesse tempo o pai da gente num botava nós prá estudá, botava era no seuviço. Eu num sei fazê uma letra.**

**Doc.** E seu nome?

**Inf.** **Não senhora, num sei fazê nada.**

**Doc.** Nunca foi à escola?

**Inf.** **Fui, mas num aprendi nada.**

**Doc.** Ah! Quando é que você foi [à escola]?

**Inf.** Ah! Minha senhora, tá véio, eu num era casado ainda, foi ni Alma.

**Doc.** Ah! Era criança?

**Inf.** Era. **Num sei fazê um nome.**

**Doc.** Hum, hum. E seus filhos ... Ah! seu filho, só tem um, né?

**Inf.** É, a mulé teve nove. Sete fio e duas mulé ... sete fio macho ... home ... [dos nove] Só criou aquele. **Esse sabe assiná o nome dele.** Num foi porque eu num botei ele na escola, gastei muito com ele, mas o interesse era pouco.

**Doc.** Ele preferiu o trabalho, né?

**Inf.** É. Agora meus neto sabe o drobo que ele num sabe.

**Doc.** Sabe? Eles estudam aonde, seus netos?

**Inf.** Aí no prédio.

(...)

**Doc.** Agora você vai falá sobre a fala daqui da comunidade FM.

**Inf.** A comunidade, quando **eu vô lá, eu converso com a mesma voz q'eu tô conversano aqui.**

**Doc.** O que você acha da sua fala?

**Inf.** **O q'eu acho que eu num tenho modo de mudá a fala. Converso assim, canto assim como a senhora já viu eu cantano.**

**Doc.** E sobre a linguagem dos mais jovens, o que você acha? Dos seus netos, por exemplo.

**Inf.** Eles pode falá mais diferente porque eles tá no MOBRÁ e eu num tô, o meu pai num me botô. **O tempo d'e eu i(r) prá escola meu pai me botava era na roça pra trabaiá.**

**Doc.** E aqui na comunidade você acha que tem alguém que fala mais bonito?

**Inf.** Na comunidade, uns fala de um jeito, outos fala de ôto.

Como ele mesmo afirma, '**num tenho modo de mudá a fala. Converso assim, canto assim ...**'. Observa-se, então no fragmento que não há preocupação quanto ao seu

modo de falar em relação ao ‘certo’ ou ‘errado’. Quanto a fala dos outros não há juízo de valor na comunidade, **‘uns fala de um jeito ôtos fala de oto’**. É interessante notar que ele se refere à escola como MOBREAL, programa extinto há cerca de quinze anos.

VMV tem 22 anos é analfabeta, mal assina o nome, trabalha na roça e pouco sai da comunidade, tem uma filha de dois anos e mora com os pais.

(6)

Doc. Você acha que tem alguém que fala mais bonito?

Inf. Tem AR L, ARL convessa bonito.

Doc. Tem mais alguém?

Inf. Pode tê mais gente, mas eu num lembro.

Doc. O que você acha de sua fala?

Inf. Minha fala é ótima.

(...)

Doc. E a escola como é que foi prá você? Ajudô em alguma coisa?

Inf. Ajudô porque eu estudava com a professora Rita. Aí ... mas eu num ia muito na escola, aí ela vinha me ensiná dend’ casa. Eu aprendi a assiná o nome com ela.

Doc. Ah! Você lê alguma coisa?

Inf. Eu num sei lê nada.

Como pode se observar do trecho 6, a informante considera que fala bem acha sua a fala bonita, assim como a de algumas outras pessoas do local, a exemplo da de ARL. Avalia positivamente a variante do local.

MVJ nascida na comunidade tem 70 anos é analfabeta, hoje sai pouco e se dedica mais aos trabalhos de casa, já que a deficiência da visão não lhe permite os trabalhos na lavoura. A entrevista com a informante ocorreu em sua casa e se contou com muito boa vontade para dar as informações solicitadas pela entrevistadora. No que diz respeito à religião embora ela se diga católica, é praticante do candomblé e anualmente em sua casa

oferece um caruru, geralmente no último sábado de setembro, em agradecimento a São Cosme e Damião pela sua cura (quando jovem teve uma espécie de paralisia em uma das pernas o que lhe deixou uma seqüela). No trecho abaixo selecionado MVJ fala sobre a língua.

(7) **Inf.** Hum é pra fala mais arto?

Nem que sobesse marrado com uma toaia

Oh! Meu deus, Colé (qual é) o povo vem ... vem gente das “Arma” como diz a histora, os menino chama A[w]ma, mas eu chamo é as ‘Arma’ (risos) vem gente das ‘Arma’ vem da chapada vem de todo lugá que quera vim.

(...)

**Doc.** Eu quero saber como é a fala dos moradores do Maracujá?

**Inf.** Do mermo jeito que eu convesso eles convessa.

**Doc.** E como é que você conversa?

**Inf.** Ói eu aí conversano (risos). Num tenho ôta fala mudada.

**Doc.** Então sua fala é essa mesma.

**Inf.** É essa merma desde quando eu comecei falá

E você acha que existe um modo de falar mais bonito do que outro?

**Inf.** Eu num acho não senhora ... é ... eu acho do mermo jeito, eu ... a minha fala ... eu acho do mermo jeito que eu num sei mudá.

**Doc.** Sim, mas existe alguém assim que você conhece que fala mais bonito do que você?

**Inf.** Qui. E eu sei de nada qui (risos). Cada pessoa tem um modo de convesá, num é? Um fala mais grosso Oto fala mais fino ...

**Doc.** E seus netos falam igual a você?

**Inf.** Meus neto igualmente a mim mermo. Aí quando eu convesso assim, eles poquê tá estudano e é da modernage [dizem] ‘Eta! Óia pá madinha como é que convessa. É assim madinha. Eu digo ‘não meu fio, eu vô convesá é assim, eu num sei como é não. [eles] cai de sorri, sorrindo de eu que ele convessa bem falado e eu num sei convesá. Isso é eles que diz.

**Doc.** Você num acha nada disso?

**Inf.** Eu não senhora (risos) ... ‘Oi pá madinha, madinha fala assim’. E cumé que fala Moriço [Maurício]? Aí ele cai de sorri.

Para Schlieben- Lange (1993, p. 94), os falantes de uma língua sabem muito sobre ela e são capazes de explicitar esse saber até determinado grau: eles podem dizer quais são os elementos que fazem parte de sua língua e quais são os elementos estranhos; podem dizer quais são os elementos antigos e quais são os surpreendentes e novos (baseando-se num saber sobre as possibilidades sistemáticas de sua língua e sobre aquilo que normalmente é realizado nela).

A este respeito podem-se observar dois fatos de conhecimento intuitivo da informante, sobre o seu desempenho, isto é, o conhecimento implícito que o falante nativo tem de sua língua materna e, por outro lado, como diz Schlieben-Lange, os falantes sabem muito sobre sua língua ou variante. Neste caso, a informante sabe que a realização do fonema [h] em Armas (nome de localidade) faz parte da variante lingüística de sua comunidade, assim como sabe também que essa forma encontra-se em variação com a realização [w] na fala dos mais novos [os netos] **‘está estudano e é da modernage’** Assim temos na comunidade (h ~ w), sendo que [h] corresponde à realização das pessoas mais velhas, não escolarizadas e [w] corresponde a realização fonética dos mais novos sob a influência da escola. Como se sabe, a atividade verbal, seja ela oral ou escrita, importa necessariamente no conhecimento implícito das regras gramaticais, ou seja, da gramática de sua língua ou variante.

Constata-se, então, que a informante tem conhecimento intuitivo de aspectos internos ao sistema lingüístico. Sabe que em sua gramática, naquele ambiente fonético o fonema [ l ] é realizado como [h]. Ela demonstra também conhecimentos extralingüísticos que diferenciam a sua variante [h] da variante de seus netos [w]. Do ponto de vista da avaliação que a informante faz da variante, o trecho revela que, diferentemente dos mais jovens, a exemplo de seus netos, a informante não atribui um valor social às diferentes formas de

falar, está satisfeita com o seu próprio modo de falar e, por isso, não demonstra qualquer conflito que implique desejo ou necessidade de mudar. Quanto à avaliação estética (bonita, feia, elegante...) também não avalia negativamente sua fala **‘eu num acho não senhora ... eu acho do mermo jeito’**.

Como diz AMS, **‘a escola só veio existi dos meus fio prá cá’**. Para os moradores mais velhos da comunidade não houve escola, alguns aprenderam a assinar o nome às duras penas, como afirma JMS **‘O que Deus me deu poquinho [assinar o nome] eu num se esqueci não’**. Ele começou a trabalhar no motor de desfibramento do sisal aos nove anos de idade na fazenda onde viveu e trabalhou até se casar. Para TBS não foi muito diferente **‘nossos pai tinha ... achava difici pá botá ... pá pessoa aprendê lê, dava pra ... pá ensiná era trabaia puxá a enxada aí ...** Outros, como afirma SPS, **‘ nesse tempo o pai da gente num botava nós prá estuda, botava era no seuviço. ... Eu num sei fazê uma letra. (...) num sei fazê nada ... fui [à escola] mas num aprendi nada.** Ele reforça **‘num sei fazê um nome.** Para essa geração não houve escola, mas trabalho na roça ou no processo de desfibramento do sisal. Outros saíram em determinados momentos para trabalhar fora.

Portanto, a grande maioria dos moradores nem sequer assina o próprio nome, alguns assinam o nome e lêem alguma coisa. Para os representantes desse grupo, saber assinar o nome e ler o necessário para exercer algumas atividades práticas como pegar ônibus, saber comprar ou vender em um mercado em uma feira é suficiente. Hoje, entretanto, essas pessoas até se sacrificam para que os filhos estudem e se orgulham de eles saberem ler e de terem outros conhecimentos proporcionados pela escola.

Vale ressaltar que as pessoas desse grupo não apresentam insegurança lingüística. Falam com muita naturalidade, sentem prazer ao falar de suas atividades do dia-a-dia, a presença do gravador não traz desconforto e nem os inibe.

## 5.2 as palavras fracas e as palavras fortes.

O GR2 é constituído de seis informantes também da comunidade, se caracteriza por sujeitos que têm algum tipo de contato mais freqüente com a sede do município e um certo nível de escolaridade.

Quadro IX – GR2'

Entrevista n°	Informante	sexo	idade
1	LRS	m	39 a.
2	GVN	f	36 a
3	ELN	f	35 a.
4	ILD	m	21 a
5	ADT	m	24 a
6	VNS	f	21 a

Informantes da comunidade que mantêm algum tipo de atividade regular fora da mesma.

Os trechos destacados numerados de 8 a 13 foram selecionados das entrevistas com os informantes do Quadro IX e versam sobre as atitudes avaliativas a respeito da variante lingüística da comunidade.

LRS tem 39 anos é o líder da comunidade, estudou até a quarta série do ensino fundamental. Nasceu em Cansanção, fazenda próxima, casou na FM, onde mora há mais de quinze anos.

(8)

**Doc.** Agora sobre a língua do Maracujá, Como é que? Se você sente alguma diferença da língua de como é falada no Maracujá e aqui em Coité?

**Inf.** Ói, por exemplo, a gente sente que existe **alguma diferença da língua pelo pessoal não tê um português afinado** e aí sente que eles **falam um monte de coisas errada**, mas só

que é o seguinte tem que entendê que eles erram porque eles num pode acertá (...) **tenho a maior certeza que eles tinham vontade de falá as coisas ... a língua correta.** Mas pra eles quando eles tão falano errado, ali eles num percebem que errou. Eles falam errado sem sabê que tá errano (...).

**Doc.** E o que é uma língua afinada que você falou aí?

**Inf.** É, por exemplo, às vezes a gente vai falá, se a gente come o plural da letra, a gente acaba não acertano, em várias palavras que a gente qué falá, a gente acaba errano.

GVN nasceu na comunidade, tem 36 anos é a agente de saúde e é a representante da Igreja Católica no local; assim, periodicamente, necessita ir à sede do município a fim de participar de alguma reunião, além de cursar, atualmente, o segundo grau também na sede do município, o que a leva ter um contato externo à comunidade mais freqüente.

(9)

**Doc.** O que é que você acha da fala daqui da comunidade?

**Inf.** O pessoal daqui, **a maioria, fala muito errado, muito errado, fala faltando letras, puxa na letra,** porque minha tia ALR mesmo **ela puxa mesmo na letra.**

**Doc.** E ... é... você lembra de algumas palavras, ou algumas expressões assim que são mais marcantes na fala?

**Inf.** Ah! deixe eu ver, deixe eu ver, no momento eu num tô lembrando.

**Doc.** E você acha a fala daqui bonita, feia?

**Inf.** Não, **eu acho bonita, que cada um tem um sotaque,** nè? A de TSF, inclusive é diferente da minha, **ela puxa mais um pouco.**

**Doc.** Então até mesmo dentro da comunidade você sente que há falares diferentes?

**Inf.** **Tem falas diferentes, eu acho que isso vai de família, varia de família pra família.**

**Doc.** [ ... ] É ... você acha que existe um modo de falá mais correto do que outro? Quem fala mais correto?

**Inf.** Tem pessoas que **fala mais correto**

**Doc.** E o que pra você ... o que significa falar mais correto?

**Inf.** Falar correto? As palavras certas, porque tem gente aqui – Coité – **chama Coi [tj] é eu acredito que o correto é Coi[tj]é,** então a gente respeita as **crenças** das pessoas.

**Doc.** Daqui da comunidade quem você considera que fala bem, fala melhor a língua portuguesa?

**Inf.** Fala melhor, **aquelas pessoas mais jovens, eles falam mais correto**, porque eles estão estudando. Lá na escola eles estão vendo como é a prática, esse pessoal mais velho tipo minha mãe, minha tia, esse pessoal **eles falam incorreto**, eu acho.

**Doc.** E essas pessoas mais jovens, é um número muito grande aqui na comunidade?

**Inf.** É um número grande, **ELN mesmo, ela fala correto**. VNS que acostuma falar aqui, que às vezes aqui as pessoas costuma chamar as pessoas por apelido, e eu acho que o normal é bom chamar pelo nome correto.

**Doc.** Então você acha que os mais jovens, porque estuda ...

**Inf. Porque estudam eles falam mais correto, se eles não estudassem eles estavam em [inint] os pais falando a mesma coisa.**

**Doc.** Por exemplo, como você fala aqui ...[mostrando o milho]

**Inf.** Milho

**Doc.** E as pessoas aqui do local, falam como?

**Inf. Mio.**

**Doc.** Isso, então há uma diferença, né? Entre os que estudaram e os que não estudaram, então quem não estudou, como é que fala o dia de hoje [sábado]?

**Inf. Sabo.**

**Doc.** E os que estudaram?

**Inf.** Sábado.

**Doc.** Você acha possível distingui o modo de falá de um rico e de um pobre?

**Inf.** Nem pode ser rico e nem ser pobre, como eu já **falei se ele é rico, ele não estudou, ele não vê aquelas pessoas falando correto**, não tem como falá correto, ele só tem que falá o que é incorreto, e o pobre da mesma forma, se ele estudou, ele tá conviveno ali com o correto, ele vai aprender o correto.

**Doc.** então vai depender muito da experiência dele.

**Inf.** Da experiência de cada uma das pessoas.

ELN é professora do local, com a formação do antigo curso normal (no nível de segundo grau), participou de várias capacitações oferecidas pela Secretaria Municipal do Município, assim como pela Secretaria de Educação do Estado.

(10)

**Doc.** Ah! Sobre a questão da fala as pessoas falam igual? Todas as pessoas falam igual [da mesma fora]?

**Inf.** Não.

**Doc.** Não? E porque falam diferente?

**Inf.** Olhe eu num sei se é assim ... por causa assim ... de problemas mesmo na fala ou se é por causa de coisa assim hereditária, num é? De família. Porque eu tenho uma aluna mesmo que ela num **fala é verde ela fala vede, amarelo é amalelo**, e aí eu conversano com a mãe,[verifiquei que] a **mãe também fala dessa forma**.

**Doc.** Hum. Deve ter aprendido com a mãe.

**Inf.** Com a mãe e aí eu tento mudá é, por exemplo ... Eu já tô tentano mudá. **É arubu ela fala aribu**. Diz ELN **arubu [inint] num é aribu**. E aí ela já melhorô.

**Doc.** É certamente é como ela ouve falá. É o que você sabe sobre as diferenças de língua, de linguagem? De um lugá pra outro?

**Inf.** Olhe isso também depende da assim ... as pessoas que lerem mais que têm acesso a livros sempre melhora né? E outras não. Acho que é hábito mesmo, sabe?

**Doc.** Então tem umas que falam correto e outras que num falam?

(...)

É assim porque tem pessoas que **falam na nos seus pronunciamentos** né? Procura **palavras difícil** né? **Palavras diferentes**, né? E aí fica difícil até pra as pessoas que tão ali. 'Que é que tu tá falano aí'? Num é?

**Doc.** E entre os mais velhos e os mais jovens tem alguma diferença da fala?

**Inf.** Olhe eu acho que de agora diante os mais novos claro que vão fala melhó, né?

**Doc.** Porque?

**Inf.** Por causa do acesso, tanto livro né? Por causa do conhecimento deles.

**Doc.** Hum .. hum ... E os mais velhos num tiveram esse conhecimento?

**Inf.** Num tivero esse conhecimento num é?

**Doc.** Tem alguma coisa assim que você lembre que a pessoa mais velha fala diferente do mais novo?

(...)

**Inf.** É, xô tentá lembrá aqui. É ARL mesmo, ela fala até um tipo divertido, engraçado, né? Correa. [r retroflexo].

**Doc.** E das pessoas que moram quem você pode é ... quem você acha que fala melhó, que fala bem? Das pessoas do Maracujá.

**Inf.** Que, que [inint] em nos seus pronunciamentos? Há! Tem tanta gente, LRS mesmo, eu acho que ele fala bem, né? É ILD também fala bem.

**Doc.** Tem mais alguém?

**Inf.** É GVN também né? Fala bem. Tem mais.

**Doc.** E você acha que eles falam bem porque?

**Inf.** Assim porque tem gente que num tem assim, num tem palavras né? Num se expressam bem diante do público, eles ...

**Doc.** Mas porque eles se expressam melhor do que os outros?

**Inf.** Talvez também seja já o hábito de falar em público, né? Quando as pessoas não têm, sempre tem mais dificuldade né?

**Doc.** Ce acha que pobre e rico falam da mesma forma?

**Inf.** Tem tanta gente aí que é (...) rico e tem dinheiro e é formado, num sei quantas formaturas e num se expressam bem, num falam bem.

ILD nasceu e se criou na comunidade, há três anos vem estudando o 1º ano do segundo grau, mas quando chega na metade do ano, por dificuldades diversas sempre desiste. Atualmente trabalha na comunidade como Agente de Família<sup>43</sup>.

(11)

**Doc.** E quanto à língua daqui do Maracujá, você sente alguma diferença do pessoal de fora?

**Inf.** Existe uma diferença por aqui, como eu tava falando nesse instante, os alunos, **as pessoas que estudam ele tem uma maior facilidade de falar**, pelo motivo que geralmente eles tá com os livros, os professores, eles têm, eles vai pra algumas reuniões, participa de algumas palestra e observa mais o falá, o linguajá das pessoas e com isso tem mais **facilidade de conversar**, os velhos não por não estudar, o motivo que num sai assim muito, não lida muito assim com as pessoas que sabem bem a língua aí tem certa **dificuldade de falar**, por esse motivo.

**Doc.** Certo, e você sabe assim que tipo de dificuldade assim mais visível?

**Inf.** Assim, no termo da língua mesmo, tem pessoas, eu vejo **velhos falá assim na ôta sumana**.

**Doc.** E você acha que tem pessoas que falam mais bonito do que outras?

**Inf.** Eu acho que, não pelo motivo que falá mais bonito, é pelo motivo a facilidade do estudo, **quando você é aluno você se preocupa a fala bem, bem falado, a fala o português legítimo**. A gente sabe que **a língua mais difícil que tem é a portuguesa, ela é bem difícil** pelo motivo que sempre que, sempre que tá acontecendo mais coisas, a gente fala, mas sempre tem coisa renovando as coisas vai acontecendo dentro da língua e por isso há uma dificuldade em a gente saber tudo sobre a língua é difícil.

**Doc.** Então você acha que tem pessoas que falam mais bonito que outras?

---

<sup>43</sup> O agente de família trabalha com a orientação das famílias contempladas no PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. A criança estuda em terminado turno, no outro recebe reforço escolar.

**Inf.** Eu acho que tem.

**Doc.** Dessas pessoas que você conhece, desses lugares tem algum que você assim, pudesse destacar que fala mais bonito?

**Inf.** Lugares próximos?

**Inf.** Assim, Coité.

**Doc.** Coité. Então você acha que eles falam mais bonito?

**Inf.** **É falam mais bonito.**

**Doc.** E falam mais certo, também?

**Inf.** Assim, eh ... tipo aqui mesmo, **fala mais certo as pessoas que são estudadas**, pelo motivo de ter mais pessoas que estuda, **mais estudante lá eh ... pessoas eh ... qualificada nisso**, ele a já tem, porque aqui tem mais velho, né? E velho tem essa dificuldade e lá não, tem pessoas mais ... não, talvez seja até pelo motivo de lidá mais quando sai pra Coité, lidá mais com gente jovem, **a juventude aí eu acho mais, com mais facilidade maió de falá a linguagem.**

**Doc.** E entre ricos e pobres, o que que você acha? Quem é que fala melhó?

**Inf.** Os ricos e pobres? **O rico fala mais, fala melhó.**

**Doc.** Fala melhor? Porque?

**Inf.** Fala melhó porque pelo tempo que estuda tem eh ... a educação dele de qualidade, em estudá particulá e sempre eles procura mais, rico ele tem dinheiro, ele tem condição de ... de... de colocar seus filhos na escola, tem uma escola de qualidade, você tem uma certa ... quando você tem uma escola de qualidade. Quando você se forma, quando você é universitário, sempre você tem a vida mais fácil, você fala mais fácil, você então rico ele tem essa facilidade, ele tem, eh ... com pessoas grandes no ditado populá deles vai sempre tá lidando com a mídia, televisão, com rádio, então **eles tê sempre essa preocupação de estudá linguagem a fala melhó a fala sempre vai tá pessoas importantes próximo dele pra conversá.**

**Doc.** E você estudou quanto tempo em Coité?

**Inf.** Eu estudei três anos.

**Doc.** Quais foram as séries?

**Inf.** Três anos na mesma série, só que sempre desistino.

ADT nasceu na Comunidade, com seis anos foi morar no Município de Capim Grosso, retornando já rapaz. Vem tentando concluir o primeiro ano do segundo grau. Inicialmente estudou na Chapada, desistiu, foi para Almas, desistiu e voltou para Chapada.

(12)

**Doc.** os daqui [amigos] ou os de fora?

**Inf.** Atualmente os daqui.

**Doc.** Atualmente os daqui, certo, e os de fora são de que localidades?

**Inf.** Os de fora é de Almas, cansação, Chapada, Juazeiro.

[...]

**Doc.** E quem é que fala mais certo, os mais jovens ou os mais velhos?

**Inf.** Rapaz, eu acho assim se os mais jovens, **os mais velhos falam errado**, muitas vezes por num saber, se os mais jovens falam errado também é por falta de interesse, né? Que ta ... muitas vezes tem uma **palavra difícil** que você num sabe, vai logo corre e pergunta ao professor, então a mesma coisa do português, tem uma palavra difícil que você ver alguém falá, **compridona** e você conversa várias vezes pra fala você chega, você tem um bom convívio na sala de aula com os seus colegas, ou professor, tem na sala de **aula sempre tem colega mais inteligente** do que os outros, então você chega com seu colega e comenta aquilo ele já vai dizê logo ao professô que você tem uma certa dificuldade, fala pro professô, **o professô chega e explica a palavra.**

VNS Jovem de 21 anos, nascida na comunidade, cursou o segundo grau, residindo na casa do irmão casado que mora na sede do município, com a ajuda do pai que, na época, trabalhava em São Paulo para a manutenção da família. Terminado o segundo grau e sem oportunidade de trabalho, a Informante encontra-se na comunidade, trabalhando na roça, juntamente com a mãe e com o irmão, para o sustento da casa, uma vez que o pai se encontra doente<sup>44</sup> impossibilitado de trabalhar dentro ou fora da comunidade.

( 13)

**Doc.** Pra você ricos e pobres falam do mesmo jeito?

**Inf.** Não, realmente acho que não.

**Doc.** Qual a diferença que você nota?

**Inf.** Olha a diferença que eu noto que o rico e pobre por mais que o pobre more num lugar que num seja arrural ele não tem a mesma lin... uma mesma língua que tem o rico. Porquê?

---

<sup>44</sup>O pai encontra-se com insuficiência renal tendo que se submeter à diálise três vezes ao dia. A medicação e a orientação para o tratamento são fornecidos pelo governo.

Pelo **estudo que o rico leva e pelo estudo que o pobre leva**, por mais que um **pobre more com alguma pessoa rica ele nunca pega aquela, sei lá, aquela língua que tem o rico**, a finalidade que tem o rico, eu acho que num tem ...

**Doc.** Mesme ele morando lá desde pequeno?

**Inf.** É... agora sim.

**Doc.** Você conhece alguma pessoa que tenha algum caso ou de alguém que saiu daqui?

**Iinf.** Tudo bem, se alguém se tem uma pessoa que é de família pobre, mas ele não ... ele não se criou com a ... com a família pobre, e sim com a rica, tudo bem que ele num vai pegá o ritmo do rico, é lógico, né? Conheço sim. (...) num conheço aqui, mas conheço em Coité. Várias amigas que estudô comigo mesmo, elas falavam assim comigo 'Ói! VNS eu moro ... eu num moro com meus pais, meus pais já morrerou ou, então, meus pais num moram aqui, eu num conheço. Meus pais são pobre e eu moro com uma família rica', tendeu?

**Doc.** E aí você achava que eles falavam diferente do pessoal rural?

**Inf.** Com certeza. Eu tenho uma colega mesmo que o nome dela é BRN, ela num mora com o pai dela, **ela tem vergonha do pai né**, porque o pai dela é bem pobrinho, oh pobrezinho, eu num sei onde ele mora, mas ele mora por lado de Riachão, mas ele é bem pobrezinho. Quando ele chegava na casa dela, os patrões não, os pais chamava, **ela ficava morreno de vergonha pela linguagem dele**. Ela falava lin... ela falava uma coisa ... **ela disse que num entendia nada que ele falava**, porque ele mora num lugá ... assim ... rural, além de ser pobre mora num lugá rural que não, **não estudo. E ela não**, ela estuda particulá porque os pais [adotivos] têm condições de dá a ela, então ela me disse que tinha vergonha do pai, aquela realidade que podia encará ela num encarava, tendeu?

**Doc.** Ela tinha vergonha da língua que o pai ...

**Inf.** Como o pai falava é, com certeza.

**Doc.** Ah! Sei.

**Inf.** Isso acontece muito, num acho que só ela, isso acontece muito.

**Doc.** E TLS, você acha que existe alguma diferença do falar dela, pra o falar daqui das pessoas?

**Inf.** TLS. É acho sim. **Tanto no... no... no... no falá como no... no modo de tudo de TLS eu acho diferente da gente, da gente não, das pessoas daqui.**

[...] O jeito de TLS, o jeito dela financero, mesmo que não seja um que ela queira, mais eu acho que, ela pode não tê o podê financero que ela qué que tenha, mas eu acho que ela queria que ela tivesse, não é como o da gente.

**Doc.** Mas é muito melhor do que as pessoas, muitas pessoas das que estão aqui.

**Inf.** Ah! as daqui, muito melhor é ... [...] É acho que sim, na ... acho que sim, **o jeito dela falá dela é sim, o jeito de... dela se vesti, dela se comunicá de tudo eu acho que ela num é, ela num convive ... num é do jeito que é da gente aqui.**

**Doc.** Então você acha que o meio vai ter muita influência na fala das pessoas?

**Inf.** Olha, eu acho que o meio pode ter sim, o meio de convivência tem sim, influência.

**Doc.** Tá bom, e agora especificamente aqui no Maracujá né, você pode dizer que tem alguém que fala bem e alguém que não fala bem?

**Inf.** **Aqui no Maracujá pra falá a verdade quase ninguém fala bem**, não eu acho que não, eu acho que as pessoas que fala bem, aquelas pessoas aqui que enfrentaram uma escola aqui, aqui no nosso meio. **Muita gente num freqüentô escola, só freqüentô escola aqui do ... as pessoa que têm de trinta anos pra cá e ói lá**, trinta anos pra lá a maioria nenhuma freqüentô escola e se freqüentô **foi de primera série a segunda série**, no credi ... **essa série num vai pegá uma linguagem normal**, as pessoas aqui não são pessoas, são pessoas muitos, não é dizê assim, rudes, mas que moraro numa localidade onde **não tivero oportunidade, então num fala bem.**

**Doc.** Dessas poucas pessoas você pode citar algumas?

**Inf.** Que falam bem? Algumas assim que num fala muito errado?

**Doc.** Sim

**Inf.** Que estudaro e tudo mais, eu posso citá é as minhas amigas sim ...

**Doc.** Você.

**Inf.** Eu mesmo, eu num vô chegá e falá que eu sei, que sei jeito de falá certo, sei jeito de falá errado, **mas claro que eu vô falá certo que eu sei que tem o segundo grau. GVN aqui também num tem o segundo grau, mas uma pessoa andada e que estuda e ... e... trabalha e também num fala errado.**

**Doc.** Que tem mais contato com as pessoas de fora.

**Inf.** **Tem é com certeza. É LRS também é uma pessoa que num é ... uma pessoa assim intelectual que fale muito ... bem, mas também num fala errado não.** Uma pessoa que entende também muito da linguagem é **ELN também que é professora daqui também ela fala é uma pessoa que fala muito bem.**

**Doc.** ELN, ela é daqui mesmo do Maracujá? Ela mora aqui?

**Inf.** É... um lugá chamado Matinha mas é pertinho é tudo Maracujá mesmo, **é professora também tem segundo grau e num fala, eu num vejo ela falá ... ela fala muito bem, num fala errado, a linguagem dela é como de todas as pessoas.**

( ... )

**Doc.** E tirando essas pessoas outras pessoas que estudaram, fizeram até o segundo grau, mas que num tem muito contato fora daqui da comunidade?

**Inf.** Que é daqui?

**Doc.** Sim. Que é daqui que você acha que fale bem também.

**Inf.** Que tem o segundo grau?

**Doc.** Sim ...

**Inf.** Mas num tem.

**Doc.** Quem tem o segundo grau aqui? É só você?

**Inf.** Segundo grau aqui só tem eu e ELN.

**Doc.** Só você e ELN. E tem alguém fazendo o segundo grau?

**Inf.** Que esteja fazeno? Tem, tem só tem aqui a **minha irmã que tá no primero ano, mas num sei se vai conseguí terminá o segundo grau.**

**Doc.** Por que?

**Inf.** Dificuldades financera também

**Doc.** Ela faz em Coité [sede]?

**Inf.** Ela tá aqui na Chapada, mas dificuldade financera num sei se ela vai conseguí terminá, ela começô agora o primero ano, também, tem ali uma JNL também que tá no primero ano, o ADT também que tá no primero ano aqui, tem mais ou menos uns cinco a seis alunos do primero ano tentano concluí o segundo grau.

**Doc.** E seu irmão?

**Inf.** O meu irmão, ele parô na oitava série, ele num tem o segundo grau e o segundo grau até aqui só tem mesmo ...

**Doc.** Completo só você.

**Inf.** Só tem, TLS é daqui, mas num mora aqui, só tem eu e ELN mesmo.

**Doc.** ELN só.

**Inf.** ELN. Ah! Tem também ... eu tava esquecida, VLQ também tem o segundo grau, VLQ é uma menina da Vaje ali e [inint] do Domingo num mora aqui. Então tem nós três aqui que tem o segundo grau.

( ... )

**Doc.** tem mais alguma coisa, assim especial [na linguagem] que você nota de diferença?

**Inf.** É ... eu acho que tem muita diferença como a siora disse [inint] **então aqui também às vezes a gente fala assim é ... fulano aí eu caí, assim quem caiu é uma queda, né? Mas ele fala, fulano caiu uma queda, é errado muito, né? A gente fala, caiu fulano, sabe que é uma queda que caiu num tem como não sê uma queda, né?** E então e a ... a language aqui é muito diferente, tem um sinhô aqui mesmo que ele chega aqui ele conversa comigo, ele conta o caso todinho, eu só fico ali observano, mas você me pergunte o que foi que ele me contou que eu num sei, eu num sei de nada, eu num entendo nada do que ele fala. A fala dele é ... é ... é ... muito diferente, o jeito de falá, as palavra tudo, todos os [inint] das palavra tudo, pode sê de alimento, pode sê do que fô, né? Num é igual o da gente, no caso **ele chama o fejã, aqui o pessoal num chama fejã, é fejão, né? Num é fejã como chama, milho num é milho é mio, ele num chama milho, abóbora, num é abroba, num é abóbora, é ... até os nomes das pessoas aqui num é ... [...]. É num é janela é jinela ... telha num é telha pra ele é teia, é têa , num é nem teia é têa.**

**Doc.** E isso aqui [apontando pra lâmpada]

**Inf. Olhe eu ... eu ... a lampa num é lâmpada é lampa é.**

( ... )

**Inf.** Então é por isso que eu acuso muito o pessoal daqui falá errado é a escolaridade ...

**Doc.** Sobre o falá de Coité [sede] e o daqui do Maracujá, qual você acha mais feio, mais bonito, mais agradável?

**Inf.** Oh! O falá ... o falá ... da sede e o falá daqui do Maracujá se fosse pra mim compará, mais bonito sim, o que **palavras bem falada** é sempre mais bonito do que **palavras mal falada** ... tem ... tem palavras que ... como é que diz meu Deus ... pode sê transferida por outra, né? Tem várias palavras que você tá falano uma palavra e ali vai falá outra e tem o mesmo significad, tem o mesmo significado ...

**Doc.** Pode ser substituída ...

**Inf.** Pode substituí por outra e então, **aqui no Maracujá tem uma palavra fraca**, mais aqui na frente **tem uma palavra forte e bonita**, é o mesmo significado, mas lá na sede eles lhe elogia, aqui você foi eleogiada com essa palavra, chegô na sede você foi elogiada com aquela palavra que tem o **significado mais bonito, mais forte, acho que você fica mais elevada**, chega aqui você fica sei lá, alguém ... fala ...

(...)

**Inf.** É isso, você fica lá, sei lá, na sede alguém fala ... no caso alguém vem aqui, **daqui do Maracujá é dá uma reunião aí com aquelas palavras fraca, aquelas palavras sem sentido, aí você fica ninguém qué ouvi**, mas se vem alguém da sede, **alguém estudada, alguém que tem classe, chega aqui, cada palavra dele, você vai ... vai se elevano mais pra ouvi** aquela palestra dele porque são palavras ...

**Doc.** É mais agradável.

**Inf.** É mais agradável, são palavras ...

**Doc.** É mais bonito ...

**Inf.** É ... **palavas elogiada, palavra é bonito ... palavra bonito ... palavra forte ...**

**Doc.** Palavra forte ... Então [ pra ] você tem palavra fraca, palavra forte ...

**Inf.** Pra mim, eu acho que tem ...

**Doc.** As fracas são palavras as ...

**Inf.** São palavras que você acha que num tem sentido a pessoa falô ali ... tem aquelas na frente forte que tem muito significado aqui, mas aquela fraca que você falô ali, mermo que num tá falano nada se alguém falá ali é... é ... no caso, a pessoa fala, xô'vê um exemplo, aqui ... é ... **no caso ah! essa comida é mais boa, aí você diz, ah! essa comida é melhor, né? Então a mais boa, ela é uma palavra, assim fraca, agora aquela palavra é melhor é uma palavra mais bonita, mais elegante.** Ah! ela é mais isso, ela é melhó, ela é mais boa que fulano, ela é melhó que fulano [inint], **então eu acho que as palavras da sede comparano é mais classificada do que a da zona rural, classificano [incluindo] o**

**Maracujá. Num é só Maracujá, a zona rural por mais que tenha alguém, [inint] nem parece que é zona rural são pessoas que têm oportunidade de pegá a.. como se diz o caminho da escola.**

( ... )

**Doc. E GVN?**

Inf. GVN não, GVN num fala errado não, dificilmente GVN fala uma palavra errada e quando GVN fala uma palavra errada, entes de eu corrigi ela, ela volta [diz] ‘num corrigi não’ (risos) [inint]. GVN é uma pessoa estudada, uma pessoa que tem escolaridade alta, GVS é uma pessoa que convive com pessoa que tem escolaridade alta, que vive, convive [inint] depois do trabalho dela mesmo e também VNS trabalhô em Salvadô conviveu com pessoas ricas, pessoas que falavam bem e ... foi aprendendo, mas que num tenha aprendido dento de casa, mas o andá dela, quane ela andô e também o trabalho dela, ela já aprendeu muitas coisas, essas pessoas de escolaridade forte, mais ... que pessoas que até às vezes eu falo palavras erradas e ela [diz] ‘é VNS que palavra tu sortô, ne’. É mas eu sei que num é assim, a gente aqui, eu mesma eu tenho segundo grau, mas pelo modo de eu convivê aqui dentro, o mode de convivê aqui dentro eu num tô totalmente no ritmo do... do... da... da... da classe que eu tenho, do ... da ... da escolaridade de que eu tenho, no caso eu acho ... eu acho que TLS, Telma tem o mesmo segundo grau que eu tenho, mas TLS faz, né ... porque TLS faz curso faz aquilo, faz isso, eu acho, é ... é ... o nível de fala de TLS já é diferente do meu, num é igual ao meu, eu chego na casa de TLS, a gente conversano Telma solta palavras que até acho errado ela falá assim [digo] ‘TLS essas palavra tua, tu devia substituí por outra que tem essa palavra que dá pra substitui por essa. ‘Ah! VNS ... eu num gosto de falá assim a palavra certa’, eu digo essa palavra num tá errada. Ah! mas essa palavra aqui é baixo nível, eu gosto de falá palavras elevadas que tenha força ... palavra pobre, eu num gosto de falá palavra pobre’. Ela fala assim, eu gosto de palavra rica [ ela acrescenta], Ah! Béu ‘tu num é igual a mim’, eu digo é ‘eu num sô igual a você, a gente se criô ... a gente num se criô ... eu tenho um nível de escolaridade que você tem ... e posso tê mais, [entretanto], eu num tive a educação que você teve, se você se criasse com seus pais poderia ser que seu nível de fala [de] educação fosse muito pior que os meus’. Porque num é possível que os pais dela num são ... num têm educação, mas os pais de TLS num ... pelo menos minha mãe num é analfabeta é uma pessoa que ... que sabe falá também, é uma pessoa que fala errado assim, eu acho que a mãe dela num tem o mesmo nível de fala que a minha mãe tem. Acho que ela se ficasse dentro de casa da mãe dela, ela num tinha esse jeito de falá de maneira algum, mesmo que ela tivesse segundo grau, ela ... ela num ia tê, assim, esse hábito de falá assim, porque ela chegô na escola três anos da que estudô lá em Coité, ela ia tê esse hábito de falá tudo certinho? Não, é pelo convívio que ela teve e o convívio que ela tem.

Dos trechos acima, especificados, foram selecionados os segmentos 14 a 31 que versam sobre os seguintes assuntos.

- 1 - Características da fala da comunidade.
- 2 – Sujeitos da comunidade que ‘falam bem’.
- 3 – Diferenças entre ricos e pobres.
- 4 – Fatos estigmatizados na comunidade.
- 5 - Avaliação estética da língua.

### **1 – Características da fala da comunidade.**

( 14 )

**Doc.** Tá bom, e agora especificamente aqui no Maracujá né, você pode dizer que tem alguém que fala bem e alguém que não fala bem?

**Inf.** **Aqui no Maracujá pra falá a verdade quase ninguém fala bem**, não eu acho que não, eu acho que as pessoas que fala bem, aquelas pessoas aqui que enfrentaram uma escola aqui, aqui no nosso meio. **Muita gente num freqüento escola, só freqüento escola aqui do ... as pessoa que têm de trinta anos pra cá e ói lá**, trinta anos pra lá a maioria nenhuma freqüentô escola e se freqüentô **foi de primera série a segunda série**, no credi ... **essa série num vai pegá uma linguagem normal**, as pessoas aqui não são pessoas, são pessoas muitos, não é dizê assim, rudes, mas que moraro numa localidade onde **não tivero oportunidade, então num fala bem.** (VNS)

( 15 )

**Doc.** O que é que você acha da fala daqui da comunidade?

**Inf.** O pessoal daqui, **a maioria, fala muito errado, muito errado, fala faltando letras, puxa na letra**, porque minha tia ARL mesmo **ela puxa mesmo na letra.**

**Doc.** E você lembra de algumas palavras, ou algumas expressões assim que são mais marcantes na fala?

**Inf.** Ah! deixe eu ver, deixe eu ver, no momento eu num tô lembranno.

**Doc.** E você acha a fala daqui bonita, feia?

**Inf.** Não, **eu acho bonita, que cada um tem um sotaque**, nè? A de TSF, inclusive é diferente da minha **ela puxa mais um pouco**. (GVS)

(16)

**Doc.** Todas as pessoas falam igual [da mesma forma]?

**Inf.** Não.

**Doc.** Não? E porque falam diferente?

**Inf.** Olhe eu num sei se é assim por causa assim de problemas mesmo na fala ou se é por causa de de coisa assim hereditária, num é? De família. Porque eu tenho uma aluna mesmo que ela num **fala é verde ela fala vede, amarelo é amalelo**, e aí eu conversano com a mãe, a **mãe também fala dessa forma**.

**Doc.** Hum. Deve ter aprendido com a mãe.

**Inf.** Com a mãe e aí eu tento mudá é, por exemplo ... Eu já tô tentano mudá. **É arubu ela fala aribu. Arubu** [ diz ELN ] [inint] **num é aribu**. E aí ela já melhorô..

**Doc.** É certamente é como ela ouve falar. É o que você sabe sobre as diferenças de língua , de linguagem? De um lugá pra outro?

**Inf.** Olhe isso também depende da assim ... as pessoas que **lerem mais que têm acesso a livros sempre melhora** né? E outras não. Acho que é hábito mesmo, sabe?

**Doc.** Então tem umas que falam correto e outras que num falam?

[...]

É assim porque tem pessoas que **falam na nos seus pronunciamentos** né? Procura **palavras difícil** né? **Palavras diferentes**, né? E aí fica difícil até pra as pessoas que tão ali. ‘Que é que tu tá falano aí?’ Num é?

(17)

**Doc.** E quanto à língua daqui do Maracujá, você sente alguma diferença do pessoal de fora?

**Inf.** Existe uma diferença por aqui, como eu tava falando nesse instante, os alunos, **as pessoas que estudam ele tem uma maior facilidade de falá**, pelo motivo que geralmente eles tá com os livros, os professores, eles têm, eles vai pra algumas reuniões, participá de algumas palestra e observa mais o falá, o linguajá das pessoas e, com isso, têm mais **facilidade de conversá**, os velhos não, por não estudá, o motivo que num sai assim muito, não lida muito assim com as pessoas que sabem bem a língua aí tem certa **dificuldade de falá**, por esse motivo ( ... ) É pelo motivo pela facilidade do estudo, quando você é aluno você se preocupa a fala bem, bem falado, a fala o português legítimo. A gente sabe que a língua mais difícil que tem é a portuguesa, ela é bem difícil pelo motivo que sempre que tá

acontece mais coisas, a gente fala, mas sempre tem coisa renovando as coisas vai acontecendo dentro da língua e por isso há uma dificuldade com a gente saber tudo sobre a língua é difícil.

(18)

**Doc.** O que você acha da fala da comunidade?

**Inf.** Rapaz, eu acho assim se os mais jovens, **os mais velhos falam errado**, muitas vezes por num saber, se os mais jovens falam errado também é por falta de interesse, né? Que tá ... muitas vezes tem uma **palavra difícil** que você num sabe, vai logo corre e pergunta ao professor, então a mesma coisa do português, tem uma palavra difícil que você vê alguém falá, **compridona** e você conversa várias vezes pra falá você chega, você tem um bom convívio na sala de aula com os seus colegas, ou professor, tem na sala de **aula sempre tem colega mais inteligente** do que os outros, então você chega com seu colega e comenta aquilo ele já vai dizê logo ao professô que você tem uma certa dificuldade, fala pro professô, **o professo chega e explica a palavra.** (ADT)

(19)

**Doc.** Agora sobre a língua do Maracujá, Como é que? Se você sente alguma diferença da língua de como é falada no Maracujá e aqui em Coité?

**Inf.** Ói, por exemplo, a gente sente que existe **alguma diferença da língua pelo pessoal não tê um português afinado** e aí sente que eles **falam um monte de coisas errada**, mas só que é o seguinte tem que entendê que eles erram porque eles num pode acertá (...) **tenho a maior certeza que eles tinham vontade de falá as coisas ... a língua correta.** Mas pra eles quando eles tão falano errado, ali eles num percebem que errou. Eles falam errado sem sabê que tá errano (...).

**Doc.** E o que é uma língua afinada que você falou aí?

**Inf.** É, por exemplo, às vezes a gente vai falá, se a gente come o plural da letra, a gente acaba não acertano, em várias palavras que a gente qué falá, a gente acaba errano.

No conjunto de trechos (14), (15), (16) e (17), (18) (19) a avaliação da fala está relacionada aos ensinamentos da escola. Para os informantes, falar é uma habilidade que se adquire e desenvolve na escola. Assim em (14), VNS afirma que **‘quase ninguém fala bem’**, ela justifica que **‘só freqüentô a escola as pessoas de 30 anos prá cá’** as de **‘trinta**

**ano prá lá num frequentô a escola e, se frequêntô foi da primeira série a segunda série e esses séries não dá pra pegá uma língua, linguagem normal**'. A informante conclui que **'se num tivero oportunidade, então num fala bem'**.

No fragmento (15) pode se depreender que os contatos fora da comunidade levaram GVN a conhecer outros modos de falar, outras variantes da língua na região. Assim ela acredita que **'a maioria [dos moradores da FM] fala errado' fala faltando letra, puxa na letra**. Em (16), segundo ELN tem pessoas que **'falam em seus pronunciamentos'**, isto é, procuram palavras difíceis, diferentes.

No que diz respeito as diferentes formas de falar, em (16) a informante cita o fato da aluna que fala **'vede' 'amalelo'** sobre o qual tem dúvidas **'se é por problemas mesmo da fala ou se tem a ver com algo hereditário de família'**, pois ao falar com a mãe sobre o assunto, percebeu que ela fala do mesmo modo. Dessa situação, pode-se depreender, então, a falta de conhecimento lingüístico na formação da professora, necessário para compreender o processo da aquisição da língua, bem como para compreender e saber lidar com a heterogeneidade e com a variação como fenômenos inerentes à língua.

Por conseguinte, ao dizer que está tentando mudar a fala da aluna de **aribu** para **arubu** está substituindo uma variedade rural por outra também rural de uso mais comum na comunidade. E o papel da escola de ensinar a língua padrão? É possível que faltem os conhecimentos lingüísticos necessárias para capacitar o profissional do ensino do português brasileiro, principalmente, nas zonas rurais.

Em (17), ILD percebe que **'as pessoas que estudam têm mais facilidade'** [de falar], uma vez que **'a convivência com os livros, os professores, as palestras'** contribuem para o sujeito falar melhor. Acrescenta que a convivência com as pessoas no centro urbano é também um fator pode que levar o sujeito a ter **'facilidade de conversá'**.

Ao contrário, os velhos têm certa dificuldade de falar por não lidar com as pessoas que sabem falar. Na concepção de ADT (18), **‘os mais velhos fala errado’** por ignorância, por falta de oportunidade, entretanto, os mais jovens se falam errado é por falta de interesse. Se alguns percebem alguns fatores que levam os sujeitos a falar a variante culta, outros, atribuem o fato aos próprios sujeitos, seja pela dificuldade ou até mesmo a falta de interesse em falar a língua **‘correta’**. Em (19), para LRS os falantes da comunidade não tem **‘um português afinado’, falam um monte de coisas erradas’,** ou então, **eles falam errado sem saber que tá errano’**. No que diz respeito a estas avaliações que os sujeitos fazem sobre sua própria variante ou sobre a variante do outro, Milroy (2001, p. 537) supõe que

as pessoas não associam necessariamente estes julgamentos a preconceitos ou discriminação em termos de raça ou classe social. Acreditam que quaisquer que possam ser as características sociais dos falantes, essas pessoas simplesmente usam a língua de forma errada, acreditam ademais que a língua está disponível para elas aprenderem a falar corretamente. Se elas não o fazem, é devido a sua própria negligência como indivíduo qualquer que seja sua raça, cor, credo ou classe, uma vez que não faltam modelos disponíveis para o ‘bem falar’<sup>45</sup>.

## 2 – Os sujeitos da comunidade da FM que ‘sabem falar’.

(20)

**Doc.** Quem tem o segundo grau aqui? É só você?

**Inf.** Segundo grau aqui só tem eu e ELN.

**Doc.** Só você e ELN. E tem alguém fazendo o segundo grau?

---

<sup>45</sup> Traduzido de ‘People do not necessarily associate these judgements with prejudice or discrimination in terms of race or social class: they believe that, whatever the social characteristics of the speakers may be, these persons have simply used the language in a erroneous way and that it is open to them to learn to speak correctly. If they do not do this, it is their own fault as individuals, whatever their race, color, creed, or class: there are plenty ‘of models for them of ‘good speech’.

**Inf.** Que esteja fazeno? Tem, ... só tem aqui a **minha irmã que tá no primero ano, mas num sei vai conseqüi terminá o segundo grau.**

**Doc.** Por que?

**Inf.** Dificuldades financera também

**Doc.** Ela faz em Coité [sede]?

**Inf.** Ela tá aqui na Chapada, mas dificuldade financera num sei se ela vai conseqüi terminá, ela começô agora o primero ano, também, tem ali uma JNL também que tá no primero ano, o ADT também que tá no primero ano aqui, tem mais ou menos uns cinco a seis alunos do primero ano tentano concluí o segundo grau.

**Doc.** E seu irmão?

**Inf.** O meu irmão, ele parô na oitava série, ele num tem o segundo grau e o segundo grau até aqui só tem mesmo ...

**Doc.** Completo só você.

**Inf.** Só tem, TLS é daqui, mas num mora aqui, só tem eu e ELN mesmo.

**Doc.** ELN só.

**Inf.** EILN. Ah! Tem também ... eu tava esquecida, VLQ também tem o segundo grau, VLQ é uma menina da Vaje ali e [inint] do Domingo num mora aqui. Então tem nós três aqui que tem o segundo grau. VNS

(21)

**Doc.** Nessas poucas pessoas você pode citar algumas?

**Inf.** Que falam bem? Algumas assim que num fala muito errado?

**Doc.** Sim

**Inf.** Que estudaro e tudo mais, eu posso citá é as minhas amigas sim ...

**Doc.** Você.

**Inf.** Eu mesmo, eu num vô chegá e falá que eu sei, que sei jeito de falá certo, sei jeito de falá errado, **mas claro que eu vô falá certo que eu sei que tem o segundo grau. GVN aqui também num tem o segundo grau, mas uma pessoa andada e que estuda e ... e... trabalha e também num fala errado.**

**Doc.** Que tem mais contato com as pessoas de fora.

**Inf.** Tem é com certeza.

**Inf.** É LRS também é uma pessoa que num é ... uma pessoa assim intelectual que fale muito ... bem, mas também num fala errado não. Uma pessoa que entende também muito da linguagem é ELN também que é professora daqui também ela fala é uma pessoa que fala muito bem.

**Doc.** ELN, ela é daqui mesmo do Maracujá? Ela mora aqui? VNS

**Inf.** É... um lugá chamado Matinha mas é pertinho é tudo Maracujá mesmo, é **professora também tem o segundo grau e num fala, eu num vejo ela falá ... ela fala muito bem, num fala errado, a linguagem dela é como de todas as pessoas.** VNS

(22)

**Doc.** Daqui da comunidade quem você considera que fala bem, fala melhor a língua portuguesa?

**Inf.** Fala melhor, **aquelas pessoas mais jovens, eles falam mais correto**, porque eles estão estudando lá na escola eles estão vendo como é a prática, esse pessoal mais velho tipo minha mãe, minha tia, esse pessoal **eles falam incorreto**, eu acho.

**Doc.** E com essas pessoas mais jovens, é um número muito grande aqui na comunidade?

**Inf.** É um número grande, **ELN mesmo, ela fala correto.**

**Doc.** Então você acha que os mais jovens, porque estuda ...

**Inf.** **Porque estudam eles falam mais correto, se eles não estudassem eles estavam em [inint] os pais falando a mesma coisa.** (GVS)

(23)

**Inf.** GVN num fala errado não, dificilmente GVN fala uma palavra errada e quando GVN fala uma palavra errada, entes de eu corrigi ela, ela volta [diz] ‘num corrigi não’ (risos) [inint]. GVN é uma pessoa estudada, uma pessoa que tem escolaridade alta, GVN é uma pessoa que convive com pessoa que tem escolaridade alta, que vive, convive [inint] depois do trabalho dela mesmo e também GVN trabalhô em Salvadô conviveu com pessoas ricas, pessoas que falavam bem e ... foi aprendendo. Mais que num tenha aprendido dento de casa, mas o andá dela, quane ela andô e também o trabalho dela, ela já aprendeu muitas coisas, essas pessoas de escolaridade forte, mais ... que pessoas que até às vezes eu falo palavras erradas e ela [diz] ‘é VNS que palavra tu soltô, ne’. É, mas eu sei que num é assim, a gente aqui, eu mesma eu tenho segundo grau, mas pelo modo de eu convive aqui dentro, o mode de convivê aqui dentro eu num tô totalmente no ritmo do... da... classe que eu tenho, do ... da ... da escolaridade de que eu tenho, no caso eu acho ... eu acho que TLS tem o mesmo segundo grau que eu tenho, mas TLS faz, né ... porque TLS faz curso faz aquilo, faz isso, eu acho, é ... é ... o nível de fala de TLS já é diferente do meu, num é igual ao meu.

**Doc.** Tá bom, e agora especificamente aqui no Maracujá né, você pode dizer que tem alguém que fala bem e alguém que não fala bem?

(...)

**Inf.** Acho que ela se ficasse dentro de casa da mãe dela, ela num tinha esse jeito de falá de maneira algum, mesmo que ela tivesse segundo grau, ela ... ela num ia tê, assim, esse hábito de falá assim, **porque ela chegô na escola três anos da que estudo lá em Coité, ela ia tê esse hábito de falá tudo certinho? Não, é pelo convívio que ela teve e o convívio que ela tem.** (VNS) ( ...)

O fragmento em (20) aborda questões relacionadas à escolaridade que de certa forma têm a ver com os assuntos tratados nesse item. Vale lembrar que a escola, na comunidade, só tem uma sala de aula e o ensino atende apenas as séries iniciais (até a quarta série do ensino fundamental), a partir daí os alunos se deslocam para Almas para cursarem as demais séries (da 5ª a 8ª) do ensino fundamental. Sair para fazer o segundo grau é uma prática recente e ainda muito difícil para realizar. Observe em (20) o que a informante diz o assunto **‘minha irmã que tá no primeiro, mas não sei se vai consegui terminá o segundo grau’** já que falta transporte e, sobretudo, condições financeiras às famílias para manterem os jovens na escola.

Atualmente há três pessoas com segundo grau na comunidade: a informante, a professora e mais uma moradora. Há quatro jovens cursando o segundo grau na localidade da Chapada, entretanto, por dificuldades de locomoção entre, outras eles não sabem se vão concluir essa etapa dos estudos. Além desses, GVN estuda na Sede e enfrenta as mesmas dificuldades com deslocamento.

O conjunto de trechos (21), (22), (23) referem-se aos sujeitos que, na opinião dos informantes, ‘falam bem’ na comunidade FM.

A informante, em (23), considera que GVN, apesar de não ter o segundo grau, dificilmente fala uma palavra errada, quando isso acontece ‘antes de eu corrigi’, ela diz **‘não corrige não’**, ela mesma se corrige. VNS acredita que os fatores escolaridade e

convívio com pessoas ricas, pessoas que falam bem no período em que trabalhou em Salvador contribuiu para que ela aprendesse o que não aprendeu em casa.

Implícito à passagem, a seguir parece haver um conflito ‘**pelo modo de eu conviver aqui dentro eu num tô totalmente no ritmo da... da classe que eu tenho da escolaridade que eu tenho, no caso eu acho ... eu acho que TLS tem o mesmo segundo grau que eu tenho, mas TLS faz, né ... porque TLS faz curso faz aquilo, faz isso, eu acho é ... o nível de fala dela já é diferente do meu**’. De um lado estudar para ascender socialmente de outro não é só a escola. Mas que tipo de escola? Que tipo de vivência quais as experiências do sujeito para chegar a um determinado nível? Assim a informante, nascida e criada na comunidade, saiu apenas durante três anos, no período letivo, quando cursou o segundo grau. De outro lado, sua prima também nascida na comunidade, mas criada fora dela, com uma família da sede do município, onde estudou, fez o curso normal e hoje é professora do ensino fundamental do Município. A informante se questiona sobre se TLS estudasse apenas três anos na zona urbana ela teria esse modo de falar certinho? Acredita que não, e justifica o modo de falar da prima ‘**pelo convívio que ela teve fora do Maracujá**’, seu local de nascimento. A experiência ensinou a informante que, para se falar uma variante lingüística próxima do padrão da escola é necessário ter acesso a uma boa escola e/ou a uma exposição prolongada à norma culta. Para além disso, a experiência lhe ensinou que há segundo grau e ‘segundo grau’.

### 3 – Diferenças entre o modo de falar de ricos e pobres.

(24)

**Doc.** Pra você ricos e pobres falam do mesmo jeito?

**Inf.** Não, realmente acho que não.

**Doc.** Qual a diferença que você nota?

**Inf.** Olha a diferença que eu noto que o rico e pobre por mais que o pobre more num lugá que num seja arrural ele não tem a mesma lin... uma mesma língua que tem o rico, por quê? Pelo **estudo que o rico leva e pelo estudo que o pobre leva**, por mais que um **pobre more com alguma pessoa rica ele nunca pega aquela, sei lá, aquela língua que tem o rico**, a finalidade que tem o rico, eu acho que num tem ...

**Doc.**..Mesmo ele morando lá desde pequeno?

**Inf.** É... agora sim.

**Doc.** Você conhece alguma pessoa que tenha algum caso ou de alguém que saiu daqui?

**Inf.** Tudo bem, se alguém se tem uma pessoa que é de família pobre, mas ele não ... ele não se criou com a tur ... com a ... com a família pobre, e sim com a rica, tudo bem que ele num vai pegá o ritmo do rico, é lógico, né? Conheço sim. (...) Num conheço aqui, mas conheço na... em Coité. Várias amigas que estudô comigo mesmo, elas falavam assim comigo 'ói, VNS eu moro ... eu num moro com meus pais, meus pais já morrerou ou, então, meus pais num moram aqui, eu num conheço. Meus pais são pobre e eu moro com uma família rica', tendeu?

**Doc.** E aí você acha que eles falavam diferente do pessoal rural?

**Inf.** Com certeza. Eu tenho uma colega mesmo que o nome dela é BRN, ela num mora com o pai dela, **ela tem vergonha do pai né**, porque o pai dela é bem pobrinho, oh! pobrezinho, eu num sei onde ele mora, mas ele mora por lado de Riachão, mas ele é bem pobrezinho. Quando ele chegava na casa dela, os patrões não, os pais chamava, **ela ficava morreno de vergonha pela linguagem dele. Ela disse que num entendia nada que ele falava**, porque ele mora num lugá ... assim ... rural, além de ser pobre mora num lugá rural que não, **não estudô e ela não**, ela estuda particulá porque os pais [adotivos] têm condições de dá a ela, então ela me disse que tinha vergonha do pai, aquela realidade que podia encará ela num encarava, tendeu?

**Doc.** Ela tinha vergonha da língua que o pai ...

**Inf.** Isso acontece muito, num acho que só ela, isso acontece muito. (VNS)

(...)

**Doc.** Você acha que existe alguma diferença do falar dela, pra o falar daqui das pessoas?

**Inf.** TLS. É **acho sim. Tanto no... no falá como no... no modo de tudo de TLS eu acho diferente da gente, da gente não, das pessoas daqui.**

(...) O jeito de TLS, o jeito dela financero, mesmo que não seja um que ela queira, mais eu acho que, ela pode não tê o podê financero que ela qué que tenha, mas eu acho que ela queria que ela tivesse, não é como o da gente.

**Doc.** Mas é muito melhor do que as pessoas, muitas pessoas das que estão aqui.

**Inf.** Ah! as daqui, muito melhó é ... [...] É acho que sim, na ... acho que sim, **o jeito dela falá dela é sim, o jeito de ... de... dela se vesti, dela se comunicá de tudo eu acho que ela num é, ela num convive ... num é do jeito que é da gente aqui.**

**Doc.** Então você acha que o meio vai ter muita influência na fala das pessoas?

**Inf.** Olha, eu acho que o meio pode ter sim, o meio de convivência tem sim, influência.

(25)

**Doc.** Você acha possível distinguir o modo de falar de um rico e de um pobre?

**Inf.** Nem pode ser rico e nem ser pobre, como eu já **falei se ele é rico, ele não estudô, ele não vê aquelas pessoas falano correto**, não tem como falá correto, ele só tem que falá o que é incorreto, e o pobre da mesma forma, se ele estudou, ele tá conviveno ali com o correto, ele vai aprender o correto.

**Doc.** então vai depender muito da experiência dele.

**Inf.** Da experiência de cada uma das pessoas. (GVN)

(26)

**Doc.** E entre ricos e pobres, o que que você acha? Quem é que fala melhó?

**Inf.** Os ricos e pobres? **O rico fala mais, fala melhó.**

**Doc.** Fala melhor? Porque?

**Inf.** Fala melhó porque pelo tempo que estuda tem eh ... a educação dele de qualidade, em estudá particulá e sempre eles procura mais, rico ele tem dinheiro, ele tem condição de ... de... de colocar seus filhos na escola, tem uma escola de qualidade, você tem uma certa ... quando você tem uma escola de qualidade. Quando você se forma, quando você é universitário, sempre você tem a vida mais fácil, você fala mais fácil, você então rico ele tem essa facilidade, ele tem, eh ... com pessoas grandes no ditado populá deles vai sempre tá lidando com a mídia, televisão, com rádio, então **eles tê sempre essa preocupação de estudá linguagem, a fala melhó a fala sempre vai tá pessoas importantes próximo dele pra conversá.** (ILD)

Passa-se agora a discussão do conjunto de trechos (24) (25), (26), que dizem respeito ao modo de falar de pobres *versus* ricos de acordo com a avaliação dos informantes

da FM. Estes trechos apresentam também ponto comum com os anteriores: coloca o saber da escola no centro das discussões.

Assim, para VNS o rico fala bem **‘pelo estudo que leva’**, para ela mesmo o pobre morando com o rico **‘ele nunca pega aquela língua que tem o rico’**. Entretanto ela considera que pode haver exceções, a exemplo de BRN, sua colega, que foi criada por pais adotivos e estuda em escola particular. Como afirma VNS, BRN tem vergonha de seu pai biológico, que mora na roça, não estudou e por isso a filha fica **‘morrendo de vergonha pela linguagem dele’**, além disso, **‘num entendia nada que ele falava’**. A Informante acrescenta que isso [ter vergonha pelo modo de falar dos pais] acontece muito. Ao responder à pesquisadora sobre o modo de falar de TLS<sup>46</sup>, a Informante reconhece que não só o modo de falar como também **‘o jeito financeiro, o jeito dela se vesti, se comunicá’**, dessa forma pelo fato de ela **‘num convivê [na FM] num é do jeito que é da gente daqui’**.

Do ponto de vista de GVN (25), não importa se o sujeito é rico ou pobre, se ele não estudou não tem como falar correto, já se ele está convivendo com o correto, vai aprender o correto. Para ela, então, o aprendizado da Escola e a convivência com pessoas escolarizadas são fatores determinantes para adquirir a variante socialmente aceita.

Em (26), pelos mesmos motivos relacionados à educação, ILD afirma que os ricos falam melhor que os pobres, pela qualidade da educação, por estarem em contato com a mídia e pela preocupação de que **‘Estudá linguagem a falá melhó [pois] sempre vai tá pessoas importantes próximo dele pra conversa’**.

---

<sup>46</sup> M é também uma informante do Grupo III, ou seja, dos moradores da sede. Apesar de a informante ter nascido no Maracujá foi criada por uma família da sede desde os três anos de idade, só vindo a ter contato com os pais biológicos após aos dezenove anos.

## 5 - Fatos lingüísticos mais estigmatizados na comunidade.

(27)

**Doc.** tem mais alguma coisa, assim especial [na linguagem] que você nota de diferença?

**Inf.** É ... eu acho que tem muita diferença como a siora disse [inint] **então aqui também às vezes a gente fala assim é ... fulano aí eu caí, assim quem caiu é uma queda, né? Mas ele fala, fulano caiu uma queda, é errado muito, né? A gente fala, caiu fulano, sabe que é uma queda que caiu num tem como não sê uma queda, né?** E então e a ... a language aqui é muito diferente, tem um sinhô aqui mesmo que ele chega aqui ele conversa comigo, ele conta o caso todinho, eu só fico ali observano, mas você me pergunte o que foi que ele me contô que eu num sei, eu num sei de nada, eu num entendo nada do que ele fala. A fala dele é ... é ... é ... muito diferente, o jeito de falá, as palavra tudo, todos os [inint] das palavra tudo, pode sê de alimento, pode sê do que fô, né? Num é igual o da gente, no caso **ele chama o feijã, aqui o pessoal num chama feijã, é feijão, né? Num é feijã como chama, milho num é milho é mio, ele num chama milho, abóbora, num é abroba, num é abóbora, é ... até os nomes das pessoas aqui num é ... [...]. É num é janela é jinela ... telha num é telha pra ele é teia, é têa , num é nem teia é têa.**

**Doc.** E isso aqui [apontando pra lâmpada]

**Inf.** Olhe eu ... eu ... a lampa num é lâmpada é lampa é. (VNS)

(28)

**Doc.** [ ... ] Eh ... você acha que existe um modo de falá mais correto do que outro? Quem fala mais correto?

**Inf.** Tem pessoas que **fala mais correto**

**Doc.** E o que pra você o que significa falaá mais correto?

**Inf.** Falá correto? As palavras certas, porque tem gente aqui – Coité – **chama Coi [tj], e eu acredito que o correto é Coi[tj]é**, então a gente respeita as **crenças** das pessoas. (GVS)

( ... )

**Doc.** Por exemplo, como você fala aqui ...[mostrando o milho]

**Inf.** Milho

**Doc.** E as pessoas aqui do local, falam como?

**Inf.** Mio.

**Doc.** Isso, então há uma diferença, né? Entre os que estudaram e os que não estudaram, então quem não estudou, como é que fala o dia de hoje [sábado]?

**Inf.** Sabo.

**Doc** E os que estudaram?

**Inf.** Sábado. (GVS)

(29)

**Doc.** Certo, e você sabe assim que tipo de dificuldade assim mais visível?

**Inf.** Assim, no termo da língua mesmo, tem pessoas, eu vejo **velhos fala assim na ôta sumana ...** (ILD)

Os fragmentos (27), (28) e (29) apresentam os traços mais estigmatizados no local, entre eles os que chamam mais a atenção são os fonéticos, seguidos dos lexicais. Em (27), a informante aponta a construção ‘caiu uma queda’ como muito errado em ‘fulano caiu uma queda’. Em (27) e (28) pode-se observar as palavras citadas em variação na comunidade mio (milho), abroba (abobra), têa (telha) e lampa (lâmpada). A palatalização do fonema [t] e [d] como em Coi[**tj**]e cu[**dz**]do precedido de [i] é também estigmatizante. Vale acrescentar que esses fenômenos fonológicos apontados pelos informantes foram discutidos em 4.1 e são atestados nas diversas regiões rurais mais isoladas do país.

No que diz respeito ao léxico, em (27) a informante se refere a **jinela** palavra do português antigo ainda em uso em algumas comunidades rurais mais isoladas. Na comunidade a palavra é atestada em variação com **janela**. Em (29) ILD se refere à palavra **sumana** atestada na fala dos velhos

## 5 – avaliação estética em relação à fala.

(30)

**Doc.** E você acha a fala daqui bonita, feia?

**Inf.** Não, eu acho bonita, que **cada um tem um sotaque**, né? A de TSF, inclusive é diferente da minha ela **puxa mais um pouco**.

**Doc.** Então até mesmo dentro da comunidade você sente que há falares diferentes?

Inf. Tem falas diferentes, eu acho que isso vai de família, varia de família pra família.

(31)

**Doc.** Sobre o falá de Coité [sede] e o daqui do Maracujá, qual você acha mais feio, mais bonito, mais agradável?

**Inf.** Oh! O falá ... o falá ... da sede e o falá daqui do Maracujá se fosse pra mim compará, mais bonito sim, o que **palavras bem falada** é sempre mais bonito do que **palavras mal falada** se você é ... tem ... tem palavras que ... pode sê transferida por outra, né?

**Doc.** Pode ser substituída ...

**Inf.** Pode substituí por outra e então, **aqui no Maracujá tem uma palavra fraca**, mais aqui na frente **tem uma palavra forte e bonita**, é o mesmo significado, mas lá na sede eles lhe elogia, aqui você foi eleogiada com essa palavra, chegô na sede você foi elogiada com aquela palavra que tem **o significado mais bonito, mais forte, acho que você fica mais elevada**, chega aqui você fica sei lá, alguém ... fala ...

**Doc.** Hum.

**Inf.** É isso, você fica lá, sei lá, na sede alguém fala ... no caso alguém vem aqui, **daqui do Maracujá é dá uma reunião aí com aquelas palavras fraca, aquelas palavras sem sentido, aí você fica ninguém qué ouvi**, mas se vem alguém da sede, **alguém estudada, alguém que tem classe, chega aqui, cada palavra dele, você vai ... vai se elevano mais pra ouvi** aquela palestra dele porque são palavras ...

**Doc.** É mais agradável.

**Inf.** É ... **palavas elogiada, palavra é bonito ... palavra bonito ... palavra forte ...**

**Doc.** Palavra forte ... Então [ pra ] você tem palavra fraca, palavra forte ...

**Inf.** Pra mim, eu acho que tem ...

**Doc.** As fracas são palavras as ...

**Inf.** São palavras que você acha que num tem sentido a pessoa falô ali ... tem aquelas na frente forte que tem muito significado aqui, mas aquela fraca que você falô ali, mermo que num tá falano nada se alguém falá ali é... é ... No caso, a pessoa fala, xô 'vê um exemplo, aqui ... é ... **no caso ah! essa comida é mais boa, aí você diz, ah! essa comida é melhó, né? Então a mais boa, ela é uma palavra, assim fraca, agora aquela palavra é melhó é uma palavra mais bonita, mais elegante.** Ah! ela é mais isso, ela é melhó, ela é mais que fulano, ela é melhó que fulano [inint], **então eu acho que as palavras da sede comparano é mais classificada do que a da zona rural, classificando o Maracujá.** Num é só Maracujá, a zona rural por mais que tenha alguém, [inint] nem parece que é zona rural são pessoas que têm oportunidade de pegá a.. como se diz o caminho da escola e pra podê sê uma pessoa que fala bonito, elegalmente, legalmente e tem gente é ...

é ... também não [inint] tem gente que mora na roça nunca foi na escola, mas também fala igual pessoa que já foi até na faculdade, de ... fazê vestibulá, faculdade... (VNS)

( ... )

**Inf.** Eu chego na casa de TLS, a gente conversano TLS sorta palavras que até acho errado ela falá assim [digo] ‘TLS essas palavra tua, tu devia substituí por outra que tem essa palavra que dá pra substituí por essa’. ‘Ah! VNS ... eu num gosto de falá assim a palavra certa’, eu digo essa palavra num tá errada. Ah! **mas essa palavra aqui é baixo nível, eu gosto de falá palavras elevadas que tenha força ... palavra pobre, eu num gosto de falá palavra pobre**. Ela fala assim, eu gosto de palavra rica [ ela acrescenta], Ah! Bêu [apelido de VNS] ‘tu num é igual a mim’, eu digo é ‘eu num sô igual a você, a gente num se criô ... eu tenho um nível de escolaridade que você tem ... e posso tê mais, [entretanto], eu num tive a educação que você teve, se você se criasse com seus pais poderia ser que seu nível de fala [de] educação fosse muito pior que os meus’.VNS.

Em alguns trechos selecionados em geral, já discutidos, há avaliações sobre a variante da FM de forma explícita, tais como ‘falam mais bonito’ [sede] pelo motivo de ter pessoa que estuda, mais estudante lá eh ... qualificada nisso’. Para GVN (30), ‘alguns puxa na letra’ ela acha a diversidade da fala da FM bonita ‘cada um tem um sotaque, o de T mesmo inclusive é diferente do meu ‘ela puxa mais um pouco’.

Em (31) a discussão pode ser sintetizada, resumidamente, no quadro a seguir:

A VARIANTE DA FM	A VARIANTE DA SEDE
Palavras mal faladas, palavras fracas.	Palavras bem faladas, palavras mais bonitas, mais fortes. A pessoa fica mais elevada
Palavras sem sentido, ninguém quer ouvir.	Palavras de alguém que tem classe [as pessoas] vão se elevando [interessando] para ouvir.
	Palavras elogiadas (mais bonita, mais elegante).
	Palavras mais classificadas.

Expressões referentes à avaliação da fala da FM em comparação à fala da Sede.

De acordo com a comparação que a informante estabelece, a língua da FM apresenta uma avaliação negativa em relação à língua daqueles que ‘sabem falar’, particularmente, em relação aos sujeitos da zona urbana do município. Assim, as palavras da comunidade são ‘**mal faladas, sem sentido, fracas**, opondo-se às da sede que são **fortes, elevadas que têm nível**. Nesse sentido Bourdieu (1983, p. 166) postula que “*no nível dos grupos tomados em seu conjunto, uma língua vale o que valem aqueles que a falam, ao nível das interações entre os indivíduos, o discurso deve sempre uma parte muito importante de seu valor ao valor daqueles que o dominam*”. É possível que os valores advindos de um passado de escravidão e de isolamento sejam transferidos para os sujeitos e para sua fala.

Ainda de acordo com Bourdieu, “*a estruturada relação de forças simbólicas nunca é somente definida pela estrutura das competências propriamente lingüísticas*”, mas também do seu modo de produção e de distribuição. Não se pode separar a dimensão propriamente lingüística das produções lingüísticas.

Vimos que o GR2 é constituído por falantes que têm algum tipo de relação regular fora da comunidade e ou freqüentaram por algum período a escola na zona urbana do município. Esses sujeitos identificam traços de pouco prestígio social na fala da comunidade e fazem uma avaliação negativa da variante rural local. Para eles ‘os mais velhos não sabem falar’, ‘falam incorreto’, ‘não falam a língua legítima’. E os traços típicos estigmatizados passam a ser apreendidos como uma ‘qualidade diferencial’ suficiente para desqualificar a variante (GOFFMAN, 1982 p.51).

Assim, os informantes estão diretamente excluindo as formas da oralidade, e buscando conformidade com os preceitos da escola que se mostra como lugar privilegiado para a aceitação da produção da linguagem.

Analisando-se o discurso do Grupo 2, pode-se observar o valor dado ao saber da escola, reorganizado a partir de fragmentos do discurso prescritivo que circula na sociedade no seu próprio discurso a respeito da língua. Com efeito, segundo as representações desse grupo, saber falar é falar o padrão da escola.

Nesse sentido, como afirma Bourdieu (1998, p. 49), a sociologia da linguagem é logicamente indissociável de uma sociologia da educação, uma vez que a escola, como guardião da cultura legítima, encontra-se dominada pelos produtos lingüísticos da classe dominante, os quais podem ser adquiridos *“pela familiarização, ou seja por uma exposição mais ou menos prolongada à língua legítima e através de regras explícitas inculcadas pelo sistema escolar”*; a língua legítima é aquela dos grupos dominantes, e se converte em capital lingüístico, favorecendo a obtenção de lucros por aqueles que a detêm.

Assim, os informantes estão diretamente excluindo as formas rurais, não padrão e buscando conformidade com os preceitos escolares que envolvem o conhecimento sistematizado pela escola, como espaço privilegiado para a aceitação da produção da linguagem.

### **5.3 eles dizem que ...**

O grupo GR3' no Quadro I é constituído de seis informantes da sede do município, de diferentes ocupações, os três primeiros mantêm algum tipo de relacionamento com pessoas da da localidade. Os três últimos VLP, MVL e JSL, não conhecem a comunidade e têm no imaginário o que ouvem falar a respeito da mesma.

Quadro X – Grupo GR3'

Entrevista	Informante	Sexo	Idade
1	TLS	f	26 a
2	ORL	m	50 a
3	PDL	m	58 a
4	VLP	f	53 a
5	MVL	f	56 a
6	JSL	f	55 a

Informantes da sede do município

Pela falta de conhecimento das pessoas de fora a respeito da comunidade, os trechos a seguir apresentam algumas peculiaridades.

TLS além de ter uma visão ‘de fora’ da comunidade (informante da sede) convive com o local em virtude de seus laços familiares.

ORL e PDL dadas as suas atividades, têm algum vínculo com a comunidade, mas não o suficiente para conhecer particularidades de sua variante lingüística, por isso os trechos relacionados ao assunto são menores.

Retomando o item 3.2, vale lembrar que houve resistência das pessoas da sede procuradas para dar informações sobre a FM e seu seus moradores. Alguns, porque de fato não a conhecem, muito menos conhecem a sua variante lingüística; outros talvez se recusem a falar sobre o assunto em decorrência do silêncio constituído sócio historicamente na região em relação à escravidão e aos afrodescendentes. Diante dessa dificuldade, resolveu-se, então, complementar esse grupo com informantes que aceitaram falar a respeito do que os ‘outros’ dizem sobre a comunidade e os seus moradores.

TLS tem 26 anos, nasceu na comunidade do Maracujá, mas desde os três anos de idade foi criada por uma família da sede do Município. Concluiu o curso normal (preparação para o ensino fundamental), é professora do Município. Só após os dezessete

anos de idade veio saber quem eram seus pais biológicos quando, após um período de revolta, passou a lecionar na comunidade e morou algum tempo com os verdadeiros pais e conviveu com os seus parentes.

O trecho apresentado é parte da entrevista realizada com a informante e versa sobre a variante lingüística da FM.

(32)

DOC. É, pra você as pessoas do Maracujá falam da mesma maneira das daqui da sede?

INF. Não. Inclusive eu tenho um não sei... um sotaque, mas **falo discansado**, (inint) lá.

DOC. Ah!. Então o pessoal de lá fala discansado?

INF. É

DOC. Quer dizer tem uma entonação diferente?

INF. Diferente.

DOC. É e, além disso, o que mais que você já percebeu assim, que é marca da fala de lá e que você não vê aqui na sede, que é marca da fala de lá?

INF. Da fala? Ah, lá tem pessoas que falam **jinela**. É tem outra palavra **cuscuje [cuscuz]**, lá você ainda acha gente que fala. Hoje não porque o menino vai pra escola e lá a pró [professora] diz não é assim que fala. Daí foi mudando, mas tem coisa que não muda, no caso, eu saí de lá pequena e ainda **falo arrastado**.

DOC. Quer dizer que dá pra notar uma pessoa de lá, dá pra conhecer que não é daqui da sede?

INF. Dá pra conhecer.

DOC. (...) Pois é. E sobre a fala agora você não lembra mais de outras coisas assim que caracterizam, lá a região?

INF. Não. Só também falam digamos entre aspas 'errado' (inint).

DOC. (...) Dê um exemplo se for possível você lembrar.

INF. É. Aí agora não tô lembrano, mas fala errado. De chegar na escola e o professor reclamá mesmo que isso num tá ... Tipo **mais grande, mais maió**, essas coisas assim, que com tempo a criança vai ...

DOC. Certo. Depois se você lembrá de alguma coisa a gente vai voltaá. Viu? E agora o que você acha da fala de lá? Você acha uma fala bonita, feia, agradável, desagradável?

INF. É **eu** num acho feia não. Não sei porque são os meus parentes que falam, mas eu num acho feia. É tanto que quando eu tô lá eu **procuro num falá palavras difíceis**. Mesmo quando as pessoas me verem assim [dizem que] é metida. É não corrijo minha mãe, nem meus irmãos. Meu irmão, **ainda corrijo, não digo que tá feio**. Eu acho

**engraçado** quando minha mãe diz **cuscuje** e eu falo, **dô risada** quando ela **fala jinela**. Daí eu digo que não tem mais ninguém falano assim, ela ainda fala, mas reclamano mesmo não.

DOC. E se fosse fazê uma comparação entre o falá de lá e o falá aqui de Coité, qual que você acharia mais bonito?

INF. Sei lá. Num, num acho nenhum feio não.

Como se pode verificar pelo trecho da entrevista, TLS considera a fala da comunidade diferente da fala da sede, local onde ela mora, hoje, e a maior parte de sua vida. Para ela, as pessoas **‘falam errado entre aspas’**, em seguida, ela afirma que as pessoas **‘falam errado, de chegar na escola e o professor reclamá ...’**. Mais adiante, a Informante reforça a idéia do erro quando diz **‘não corrijo minha mãe nem meus irmãos’** e faz uma ressalva **‘meu irmão ainda corrijo’**. Pode-se inferir de sua avaliação que ela ignora a variação como um processo inerente à própria linguagem.

Além do mais, TLS diz que não considera a fala local feia **‘é eu num acho feia não, não sei porque são meus parentes que falam, mas eu num acho feia’**, parece, entretanto, que ela se contradiz ao dizer **‘meu irmão ainda corrijo, não digo que tá feio’**<sup>47</sup>.

Outro aspecto a ser considerado na entrevista diz respeito a palavras e expressões do tipo **mais grande, mais maió**, consideradas erradas, e palavras como **cuscuje** [cuscuz] e **jinela** que provocam risos, que a informante as considera engraçadas. Os risos que acompanham a alusão ao fato lingüístico confirmam o estereótipo, cujo valor social está afetado pelo estigma manifestado no humor e no chiste LABOV, (1972, p. 315). Apesar de essas palavras serem atestadas no meio rural, em outras regiões do país como se pode verificar no item 4.1 deste

---

<sup>47</sup> Considera-se o enunciado ambíguo. Acredita-se que se pode interpretar ‘não digo que tá feio’ porque a informante acha feio e não quer explicitar a sua opinião ou porque de fato a informante não acha feio. Na discussão optou-se pela primeira interpretação.

trabalho, elas se constituem estereótipos socialmente estigmatizados e, por isso sujeitas a desaparecer.

A informante já observa uma mudança em relação à fala dos meninos que freqüentam a escola, mas assegura que há aspectos da fala que não mudam, a exemplo do falar **arrastado, descansado**. Inclusive ela própria, apesar de não ter ‘**num sei um sotaque (...) tem coisa que num muda, no caso, eu saí de lá pequena e ainda falo arrastado**’. Amaral (1920, [1982, p. 15]) já se referia ao traço “*alongamento das vogais pretônicas*”, que transmite um “*traço de lentidão*,” considerando como influência das línguas africanas.

Vale ressaltar que essa informante tem uma visão ‘de fora’ e ‘de dentro’ da comunidade, fato que contribui para perceber com maior precisão as diferenças culturais, incluindo as diferenças lingüísticas entre a variante da comunidade e a de seu entorno.

ORL trabalha na FUNASA e, por isso, periodicamente, vai ao Maracujá para fazer orientação de como prevenir doenças do tipo malária, doenças de Chagas e outras doenças tropicais. É formado em Letras pela UNEB, campus IV, que fica no município. É um estudioso da história e da cultura da região; ele desenvolve pesquisas em arquivos sobre documentos da escravidão, posse de terra e outros de interesse para o resgate da história e da cultura da região.

A partir de suas pesquisas, escreveu o livro intitulado *Martinha, escrava, esposa, rainha*<sup>48</sup> que conta uma interessante história, diferente daquelas que se conhecem sobre a escravidão.

---

<sup>48</sup> Apresentado em forma de literatura de cordel, o autor conta a história de Martinha, jovem escrava comprada por um preço acima do valor que se compraria uma escrava com as características da mesma, por Manuel Tenda, fazendeiro da região, com a qual se casou e teve muitos filhos. O fato é todo documentado com pesquisa de arquivo (carta de compra da escrava, registro de casamento em cartório, inventário de partilha entre os filhos).

(33)

**Doc.** OK. É, e sobre a maneira deles falarem, você percebe alguma diferença com relação a sede?

**Inf.** Não. Não porque ... É na verdade nunca percebi muita diferença da fala do cidadão do Maracujá, porque **ele num tem sotaque carregado que diferencie muito de nós**. A única diferença que tem talvez seja na questão da instrução, ao se expressar eles, eles não usam o português num é? **Não usam a língua portuguesa com muito rigor, né?** Eles usam na **linguagem deles, de pessoas sem instrução**, mas num tenho notado nada assim em relação a grandes mudanças não. **É semelhante às pessoas sem instrução de qualquer parte do município**

PDL nascido em Juazeirinho, local próximo à Fazenda Maracujá, esteve fora do município para estudar e, posteriormente, como padre, serviu em outras localidades. Hoje é o pároco da igreja Nossa Senhora da Conceição de Coité, matriz da cidade.

(34)

**Doc.** E a impressão que as pessoas aqui da sede têm é a que você já falou, né?

**Inf.** É

**Doc.** Eh ... é de serem inferiores.

**Inf. Inferiores, pobreza máxima**, e isso sai assim espontaneamente, né? Não digo que sai como maldade, com menosprezo pra desprestigiar não, mas é uma coisa que sai naturalmente, né?

**Doc.** Certo. E sobre a fala deles?

**Inf.** Nunca percebi não.

**Doc.** nunca percebeu.

**Inf.** Nunca percebi diferença não. Talvez uma pessoa que chegue de fora que ... que vá com essa intenção, que tenha, que perceba, mas eu nunca percebi não, às vezes que vou lá, eu vou poucas vezes e o pessoal de lá que vem aqui não percebi não.

Como foi dito anteriormente, o relacionamento que GR3-2 e GR3-3 têm com a FM não é suficiente para conhecer particularidades de sua variedade lingüística, por isso os trechos recortados para discussão são menores.

Assim, no que se refere à linguagem, ORL observa que os moradores do Maracujá **‘não usam a língua com rigor, mas usam a língua semelhante à de pessoa sem instrução no município, sem grandes mudanças’**. PDL, como ele mesmo diz, conhece pouco a comunidade do Maracujá, vai poucas vezes a localidade e às vezes conversa com pessoas de lá que vão à Paróquia, de modo que o seu relacionamento com as pessoas não é suficiente para perceber a variação.

Destaca-se no trecho, relevante para os objetivos propostos, a imagem de **‘inferiores’** é de **‘pobreza máxima’** que os sujeitos da sede têm a respeito dos sujeitos da FM.

VLP tem 53 anos, nasceu no Município de Coité, na zona rural, mas mora na sede desde os três anos de idade. É católica, formada em Letras, trabalha no fórum local como serventuária da justiça.

(35)

**Doc.** Que localidades do município você conhece?

**Inf.** Conheço uma boa parte ... povoado de Bandiaçu ... um povoado perto da sede, um pessoal mais desenvolvido ... tem colégio, tem ginásio, tem capela de Nossa Senhora das Graças ... pessoal ligado à religião católica, um pessoal bom, de modo geral, um pessoal preocupado com a cultura do município.

**Doc.** E relação de trabalho? Você tem com outro, com outros municípios? Com outros municípios não, com outras localidades?

**Inf.** Ói ... relação de trabalho, a dependê de onde eu vô fazê, porque meu trabalho precisa de campo. Eu pego os mandados no fórum, no cartório do civil, no cartório do crime...a dependê da localização, me desloco da sede e vou até o local. Às vezes, não coincide sê na sede de Bandiaçu, Arueira ou Juazeirinho ou mesmo povoado de Maracujá... mas nas imediações.

(...)

**Doc.** Certo. E a comunidade do Maracujá? Você conhece?

**Inf.** Não conheço, mas de só **de ouvir falá**. Que são **pessoas pobres**, são **pessoas humildes**, **pessoas que estão abandonadas**, seja pelas autoridades... eh...municipais... ou otori...num

sei. Só sei dizê que o pessoal dessa região é **um pessoal pobre, pessoal humilde, e de cor**, e num sei... talvez, eu teja até enganada, mas eu acredito que o abandono maió seja por isso, **pela ignorância** e... **a cor**... não posso confirmar, porque é até perigoso, né? Por causa do preconceito... mas é **um pessoal sofrido**, segundo o qu'eu sei, que não conheço a comunidade em si, conheço só **de ouvi falá** e a única pessoa que eu lembro, que eu conheci foi a professora R, que já faleceu.

**Doc.** Você sabe alguma coisa sobre o modo de vida deles?

**Inf.** O que eu sei é do que **eu já ouvi falá**, com essa pobreza que eh ... eles vivem da agricultura, né? São trabalhadores rurais ... quando o tempo está bom comem ... quando não está ... A dificuldade é maió. Salvo aqueles que são ... com esse projeto do governo federal ... tem algum benefício, né? (...) Caso contrário, a vida é sofrida de acordo com o que eu sei ... o que **ouço falar** ... qu'eu mesmo num conheço, a vida é assim ...

**Doc.** E sobre a religião deles?

**Inf.** ... até onde eu tinha ligação [quando trabalhava no MOBREAL e se relacionava com a professora R do Maracujá] eu acredito que predominava a católica ...

(...)

**Doc.** E sobre a língua? ... De lá do Maracujá? Você acha que é diferente daqui de Coité [sede]?

**Inf.** Tem impressão, o pouco qu'eu sei, que **o modo de falar deles é um pouco truncado**.

**Doc.** O que quer dizer truncado?

**Inf. Truncado quer dizer o seguinte. As pessoas não têm desenvoltura para falar com clareza dado um problema do descaso, da cultura, do descaso econômico que eles levam**

**Doc.** E você acha que reflete também na fala?

**Inf.** Reflete na fala com certeza. **Não têm acesso a livros, num tem acesso a viagens, num tem acesso a programas de televisão**. Qué dizê a gente tá falando do Maracujá, mas isso aí falta em muitos locais, em muitas comunidade, né?

**Inf.** ( ... [a informante referindo-se a fala do coordenador encarregado das seções eleitorais] e aí ele enfatizou, né? Que a gente deveria lembrar que Maracujá era, era **uma parte do município** onde tinha muita gente ... que **as pessoas eram negras**, qué dizê não usou o termo “preto” **negras, pobres e com a cultura a desejar**. Foi mais ou menos isso que ele disse.

**Doc.** E você acha que essa impressão é de muitas pessoas daqui?

**Inf.** Não, não professora. Eu acredito que **as pessoas nem lembram, nem sabem que existe Maracujá**. E que o Maracujá ele foi divulgado, foi conhecido através de R no Maracujá, porque era religiosa, ela prestava ... ela dava curso de batismo [na comunidade], ela encaminhava as pessoas pra documentação, ela ensinava, era uma pessoa educada. Mas ninguém se lembra disso não.

MVL tem 56 anos, nasceu em Coité e mora na sede desde criança, é professora de biologia da rede estadual do município.

(36)

**Doc.** Quais as localidades do município que você conhece?

**Inf.** Ah! Eu conheço Santa Rosa, conheço Juazerinho, Onça, é ... Canta Galo, Sítio Tabuleiro Amorosa ...

**Doc.** E que tipo de relação você tem com esses ... essas localidades?

**Inf.** É relação de amizade ... É festas também, né? De santo mesmo, da padroeira .... essas coisas.

**Doc.** Você trabalha aqui mesmo?

**Inf.** Sim. Eu trabalhei em Santa Rosa, trabalhei também em Bandiaçu, quando me formei. E depois trabalhei aqui em Conceição do Coité [sede].

**Doc.** E a comunidade do Maraujá você conhece?

**Inf.** Não.

**Doc.** E o que você já ouviu falar a respeito dessa comunidade?

**Inf.** Assim que são **pessoas, assim com pouca cultura**. Não sei porque assim ... do município todo, não ... do Maracujá **eu nunca vi ninguém do Maracujá estudando aqui na sede**.

**Doc.** Você atribui isso a que?

**Inf.** Talvez a **ignorância**, num sei ... ser uma **comunidade assim fechada** ... né?

**Doc.** A que você atribui essa situação de isolamento dos moradores do Maracujá?

**Inf.** Olha ... num sei porque são municípios [localidade] assim esses municípios pra cá a gente ... não ... eu num tenho intimidade com ninguém.

**Doc.** E sobre a religião?

**Inf.** Num sei.

**Doc.** A língua?

**Inf.** Fala português né? **Português da roça**

**Doc.** É diferente do daqui da sede?

**Inf.** Não. Num achei não. Não é bem assim diferente ... porque as pessoas da roça fala todas a mesma linguagem, né? A ... não agora que ... as ... o pessoal da roça já estuda aqui na sede, já tem filhos formados, filhos que fazem faculdade, aí é diferente, mas o restante, o português é o mesmo ... **é tudo errado mesmo** ... sei lá se **é errado**.

**Doc.** Então você acha que eles falam da mesma maneira de Coité [sede]?

**Inf.** Sim. **Das pessoas que num tem cultura, né? Que num tem cultura, que num tem estudo ...**

**Doc.** E as impressões que as pessoas têm daqui da sede sobre a comunidade?

**Inf.** Num sei ... eu sei ... que é ... é ... eu diria assim ...**gente burra!** Ah! É num sei quem de Maracujá. **Deve ser do Maracujá.**

**Doc.** Então quando querem se referir a alguma pessoa burra ...

**Inf.** É eu já vi isso.

**Doc.** Aí tomam como comparação?

**Inf.** É ... **É digo os negros do Maracujá ... “nascem assim”.**

**Doc.** Então você acha que as pessoas são preconceituosas com eles?

**Inf.** Talvez ... assim ... não todo o mundo, né? Porque é, nem todo mundo conhece o Maracujá.

JSL tem 55 anos, formada em Letras em Conceição do Coité já ensinou em várias localidades do Município, hoje ensina em Salgadália, próximo da sede.

(37)

**Inf.** Quais são as localidades do município que você conhece?

**Doc.** Eu conheço várias localidades porque na época da política eu trabalhei muito e também na época do recenciamento – como agente de coleta Salgadália, onde eu trabalho hoje, Bandiaçu, Aroeira, Juazerinho, Santa Rosa, enfim são “n” localidades de Coité que eu conheço.

**Doc.** E a comunidade de Maracujá você conhece?

**Inf.** Não. Essa eu num tive oportunidade de conhecê-la.

**Doc.** O que você já ouviu a respeito dessa comunidade?

**Inf.** Eu num tenho assim lembrança a respeito dessa comunidade, porque eu num tive assim ... num tive contato com nenhum... com pessoas que moram lá e nunca me interessei a saber alguma coisa.

**Doc.** E a que você atribui essa situação de isolamento dos moradores de lá?

**Inf.** Fica difícil eu respondê porque eu num tenho assim nenhum contato com o pessoal da ... da região. Eu acho que é falta de interesse [público] em trabalhá melhó com essa comunidade. Mas eu num tenho assim nada de concreto pra falá sobre esse tipo de isolamento.

**Doc.** Você conhece ou já ouviu falar sobre alguma característica deles?

**Inf.** Já. São pessoas da ... **dos traços grossos ... grosseiros ... peles escuras ...** e são assim **uma comunidade quase semi-analfabeta ...** isso porque em época de política, quando abre

as urnas e que num partido sempre levava a maioria dos votos, os adversários sempre diziam ... **‘também só pode ser do Maracujá’**

**Doc.** E ‘porque só pode ser do Maracujá’?

**Inf.** Devido ao isolamento deles com as pessoas da cidade. É uma localidade que fica assim **sem muito contato social** e também **as pessoas dizem que no passado o Maracujá foi uma comunidade de escravos**, mas isso eu num tenho certeza. **Ouço as pessoas falar.**

**Doc.** E sobre vida ... o modo de vida deles?

**Inf.** Também num tenho, assim, nenhum conhecimento de que eles vivem? Como eles vivem? Qual é o produto, né ... que é desenvolvido no Maracujá, não tenho conhecimento nenhum.

**Doc.** E a religião?

**Inf.** Também num sei. Deve ser a católica, porque ela é predominante na região, porque ela é predominante como um todo. Mas sempre existe outros tipos de religião ... de religiões.

**Doc.** Você já ouviu falá alguma coisa sobre o candomblé?

**Inf.** – Especificamente lá não, mas no município sim existem pessoas que cultuam esse tipo de religião: Umbanda.

**Doc.** E sobre a língua?

**Inf.** Também num tenho conhecimento.

**Doc.** Mas você acha que eles falam da mesma maneira dos ... das pessoas daqui?

**Inf.** de falar eu acho que sim. **Não com tanta fluência.** Por ser uma localidade que fica isolada e não ter esse desenvolvimento social que Conceição de Coité hoje existe. É uma cidade desenvolvida, as pessoas estudam. O nível social é mais elevado ... então deve haver, assim, alguma diferença na ... na linguagem como na sua variante lingüística no município.

**Doc.** Por que eles se relacionam mais com as pessoal da Chapada, da Fazenda Cansanção?

**Inf.** Porque eles ... **o pessoal de Chapada e Riachão têm as mesmas características, mesma cor da pele, então eles têm se relacionam melhó com o pessoal de Chapada e de Cansanção, que com o pessoal de C. do Coité.**

**Doc.** E o que as pessoas falam aqui sobre eles?

**Inf.** O que as pessoas fala é ... retomando, o problema da política que no ... quando abre as urnas e que o candidato, ele é mais favorecido e diz “ **também só pode ser do Maracujá**”. “**Nego num pensa**”. Se fosse de outra localidade a gente não perdia tão feio como nessa região, mas como é do Maracujá ... **nego num pensa**, por isso é que nosso prefeito leva tanta vantagem com relação à votação.

**Doc.** Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar?

**Inf.** Não.

Devido à semelhança de abordagens das entrevistas, discutem-se a seguir as entrevistas de VLP, MVL e JSL conjuntamente. É óbvio que as informantes não podem

falar a respeito da língua da região, já que nada sabem sobre o local. Imaginam a partir das representações que circulam no local que eles falam ‘truncado’ no sentido de que eles não têm **‘desenvoltura pra falá, ‘devem falá o português da roça de modo geral, ‘nessa variante se fala ‘tudo errado mesmo’**. É a variante das pessoas que não **‘têm cultura que não tem estudo’** JSL, apesar de não saber nada sobre a variante em foco, acredita que eles falam não com tanta fluência *“Fazer julgamentos a respeito das pessoas de acordo com suas características lingüísticas é uma forma comum de estereotipar”* (SAVILLE-TROIKE 1998, p. 78).

As demais características a que as informantes se referem, podem ser agrupadas em físicas, sociais e de cognição. As que dizem respeito aos traços fenótipos são as seguintes **‘negros’, ‘de cor’, ‘são pessoas de traços grosseiros, peles escuras’**. Do ponto de vista da avaliação social, eles vivem **‘sem muito contato social’**, ou então dizem que no passado **‘Maracujá foi uma comunidade de escravos**. Em relação ao aspecto cognitivo, isto é, a inteligência, a avaliação é como **‘gente burra’**. Em situações que se quer estabelecer comparação sobre falta de inteligência, toma-se como parâmetro o sujeito do Maracujá, assim ouve-se dizer **‘deve ser do Maracujá’**, ou os **‘negros do Maracujá nascem assim’**. Ouve-se dizer ainda **‘só pode ser do Maracujá, negro não pensa’**.

Vale acrescentar que o fato de eles se relacionarem melhor com o pessoal de Cansação e da Chapada (município de Riachão de Jacuípe) pode ter a ver com a ascendência escrava uma vez que eles têm características físicas semelhantes e sofrem os mesmos preconceitos. Normalmente os jovens da FM, quando concluem o ensino fundamental, saem para estudar em localidades próximas, a exemplo de Almas e Chapada.

Acrescente-se, ademais, a observação feita por MVL **‘eu nunca vi ninguém do Maracujá estudá aqui’** [na sede de Coité]; compare-se ao fato vivenciado por VNS

[jovem da FM] **‘quando eu cheguei no polivalente pra estudá, uma professora gritou, ‘ah! Até que fim uma Maracujá aqui dentro’ (...) ‘ah, parabéns, até que fim eu vi ... ‘Então aquilo eu me senti sei lá, ao mesmo tempo elogiada e desprezada’.**

Portanto, o relacionamento dos moradores da FM fora da comunidade é ainda muito limitado. Como diz MVL “eu acredito que as pessoas nem lembram, nem sabem que existe Maracujá’. De acordo com Silva (2002, p. 56) *“os membros afetados real ou potencialmente pela discriminação racial tem de atrair círculos sociais mais amplos, visando à realização de mudanças sociais que possam, além de satisfazer as ciências materiais dar origem a novas soluções psicológicas ao sofrimento vivido pelos sujeitos que cotidianamente, são vítimas da discriminação e do preconceito racial”*.

#### **5.4 - Considerações**

Atitudes lingüísticas consistem em idéias e julgamentos, a partir dos quais uma língua e seus falantes são avaliados. A partir do pressuposto de que as atitudes são derivadas da ideologia, torna-se difícil, nos limites deste trabalho, separar atitudes e ideologias, já que as primeiras derivam das últimas, ambas podem levar a mudanças de formas estruturais e funções sociais da linguagem. A atitude lingüística, nesse caso, pode ser entendida como parte do sistema ideológico, que serve para organizar e relacionar valores e crenças um ao outro e ao comportamento, a um conjunto de julgamentos ético e estético. Assim, com relação a variante rural da FM, pergunta-se: Quais os atributos correlacionais à fala local? Quais os valores associados a esses atributos?

As tentativas feitas para se aproximar das atitudes como objeto de estudo têm apresentado problemas, ao interpretar a fala e o saber sobre a língua como algo homogêneo, quando, na verdade, para Schlieben-Lange (1993, p. 96), as enunciações sobre a língua se constituem de dois fenômenos distintos: ‘o saber sobre a língua’ e o ‘discurso público sobre a língua’. Ao foco deste trabalho, interessa, principalmente, o segundo fenômeno, sobre o qual a autora diz que o argumento do discurso público sobre as línguas apresenta a forma elementar de estereótipos e, assim, são facilmente disponíveis e incorporáveis. Tais discursos contêm, principalmente, avaliações, isto é, julgamentos sobre “bonito” e “feio”, “bom” e “ruim”, “eficiente” e “ineficiente” entre outros, que fazem parte do conhecimento popular constituído historicamente sobre a língua.

Assim, o discurso público que circula, na comunidade e na região, pode revelar as representações que diferentes sujeitos fazem da variante lingüística da FM. Essas representações podem ser agrupadas assim, para além da relação entre o indivíduo (o falante) e o objeto (a língua), existe um terceiro elemento de natureza social que são as representações das quais advêm as atitudes sobre o objeto representado.

Mencionado anteriormente, a ancoragem como um processo das representações, refere-se ao fato de qualquer tratamento da informação exigir pontos de referência. Assim, é a partir da experiência e dos esquemas já estabelecidos que o objeto de representação é pensado. (MOSCOVICI, 1961)

Dessa forma, na concepção de Moscovici (2003, p. 318/319) “*adquirir uma atitude em relação a um objeto significa que se deve ter uma representação dele, o que é parte de seu conhecimento cultural, ou do conhecimento popular, como também parte de sua cognição. É claro que se falamos em cognição aqui é em um sentido muito amplo, incluindo imagens, emoções, paixões, crenças e outros*”.

Ainda sobre as representações observe o que Minayo (2003, p. 109) acrescenta

As Representações Sociais não são necessariamente conscientes. Podem até ser elaboradas por ideólogos e filósofos de uma época, mas perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz a partir das estruturas e das próprias categorias de pensamento do coletivo ou dos grupos. Por isso, embora essas categorias apareçam como elaboradas teoricamente por algum filósofo, elas são uma mistura das elites, das grandes massas e também das filosofias correntes, a expressão das contradições vividas no plano das relações sociais de produção. Por isso mesmo, nelas estão presentes elementos tanto da dominação como da resistência, tanto das contradições e conflitos como do conformismo. (MINAYO, 2003, p. 109).

No que diz respeito à aprendizagem da língua, parte-se da concepção que o ser humano é pré-programado para adquirir e desenvolver a competência lingüística, a aprendizagem da língua materna ocorre de forma natural. Nesse sentido toda a atividade verbal se realiza a partir de padrões estabelecidos por uma gramática mesmo que os usuários da língua (...) não tenham conhecimento explícito das regras as que utilizam (MILROY, 2001, p.537).

Do conjunto de textos analisados pode-se depreender diferentes representações sociolingüísticas a partir das experiências vivenciadas por cada grupo um dos grupos (GR1, GR2 e GR3).

Com base nesses pressupostos, os sujeitos do GR1 adquiriram a gramática de sua língua de forma natural, assim como se aprende a andar. É possível que eles nunca tenham se questionado sobre os mecanismos necessários para andar, assim como, também não se devem ter questionado como aprenderam a falar. Segundo esses sujeitos: ‘só tenho esse jeito de convessá’, ‘uns fala de um jeito, ôtos fala de ôto’, ‘cada um tem seu modo de convessá’ ‘falo normal’ ‘a língua da gente é língua de nafabeto’. Isso não parece

incomodar a informante, uma vez que ela acrescenta que seus conhecimentos sobre a língua são suficientes para atender as suas necessidades da vida prática. Essas são as representações que eles têm da língua. Apesar de suspeitarem que há diferentes formas de falar não fazem avaliação quanto ao ‘certo’ ou ‘errado’. Além disso, têm uma atitude positiva a respeito de sua língua, de seu modo de falar.

Analisando-se o discurso do GR2, pode-se observar que o valor dado à língua está relacionado com o saber adquirido na escola, reorganizado a partir de fragmentos do discurso prescritivo que circula na sociedade, no seu próprio discurso a respeito da língua. Com efeito, segundo suas representações, saber falar está estritamente relacionado a aprendizagem do padrão da escola.

Por conseguinte, a aquisição da língua materna, que ocorre de forma natural, antes da idade escolar, é confundida com as normas prescritivas, ou seja, as “*formas canônicas de sua própria língua materna que as crianças devem aprender na escola por aqueles que sabem as regras da ‘gramática’, o significado das palavras, a pronúncia correta*” (MILROY, 2001, p. 537).

Dessa concepção, acredita-se que as regras e as normas sobre o aprendizado da língua estão fora do falante (na escola, na gramática), daí advêm as representações do senso comum sobre a língua que, segundo Boyer (1990:103), “*se a representação serve para agir sobre o mundo e sobre o outro, este caráter prático faz com que ela seja uma reconstrução do objeto (...) que ocasiona uma ancoragem com o seu referente. Esta ancoragem pode ser devida a igualmente a intervenção especificante de valores e códigos coletivos de implicações pessoais e engajamento sociais dos indivíduos*”<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Traduzido de “... si la représentation sert à agir sur le monde et autrui”, ce “caractère pratique, le fait [qu’elle] soit une reconstruction de l’objet [...] entraînent un décalage avec son référent”. Ce décalage peut

No que diz respeito ‘as pessoas que ‘falam bem’ ‘que num fala muito errado’ na comunidade pode-se sintetizar assim ‘ as pessoas que estudam têm mais facilidade [de falar]’ ‘fala certo quem estuda, ‘os mais jovens falam mais correto’ ‘quando você é aluno [estudante] você se preocupa em falá o português bem falado, a falá o português legítimo, ‘O rico fala mais, fala melhó pela educação dele de qualidade em estudá partícula’. Do ponto de vista estético ‘fala mais bonito quem tem facilidade de estuda.

Tomando-se o discurso das pessoas não escolarizadas, na visão do GR2 pode-se observar que o valor dado ao saber da escola se encontra em relação dialógica com aquele que menospreza e desqualifica a variante rural da comunidade, o que remete à questão dialógica dos discursos sobre as representações sociolingüísticas que, segundo a constatação de Boyer (1990, p. 113), “*se cultiva ostensivamente em terreno polêmico e conflitual (...) O discurso veiculado abertamente por portadores de representações sociolingüísticas é sempre de natureza dialógica e polifônica*”<sup>50</sup>. *Elas afloram ou se exibem na interação através de reticências ou de resistências, contradições e distanciamentos*<sup>51</sup>.

Para esse grupo a fala dos não escolarizados ‘é incorreta’, ‘quase ninguém fala bem, ‘[as pessoas] de trinta prá lá não frequentô a escola, se frequentô foi dá primeira série e segunda série. ‘Essas série não dá pá pegá uma língua normal (...) se num tivero oportunidade, então num fala bem’; ‘os velho não por num estudá, o motivo que num sai,

---

éter dû également à l’intervention spécifiante des valeurs et codes collectifs, des implications personnelles et des engagements sociaux des individus”.

<sup>50</sup> Polifonia, conceito elaborado inicialmente por Bakhtin e desenvolvido depois por Althier-Revuz postula que todo discurso é heterogêneo, pois incorpora diferentes vozes sociais e nos remete a polifonia. Assim, todo discurso tem dentro dele outro(s) discurso(s); tudo que é dito é um “já dito”. Em outras palavras: esse sujeito descentrado, porque essencialmente histórico e social, situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. (...) O discurso do sujeito se tece, assim, polifonicamente, num jogo de vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias.

<sup>51</sup> Traduzido de “se cultive ostensiblement em terrain polemique, conflituel (...) Le discours ouvertement porté par / porteur de(s) representations sociolinguistiques est toujours de nature dialogique, polyphonique. Elles affleurent ou s’exhibent dans l’interaction à travers réticences ou résistances, contradictions e distanciations.

assim, muito, nem lida muito assim com as pessoas que sabem bem a língua aí tem certa dificuldade de falá’. Do ponto de vista estético, as palavras são ‘mal faladas’, ‘fracas’ ‘sem sentido’.

Dessas representações decorre a crença de que *“quando há duas ou mais variantes de uma mesma palavra ou construção, apenas uma delas está correta”* (MILROY, 2001, p 535); ignora-se o fato de que uma língua só existe como um conjunto de variedades e o padrão da escola passa a constituir a referência a partir da qual os falantes dão sentido à realidade lingüística. Dessa perspectiva, algumas variedades são certas, outras são erradas.

Embora as informações do GR3 não acrescentem dados significativos sobre a variação lingüística na comunidade, acrescentam dados do contexto sócio-histórico, necessários à compreensão da construção histórica do isolamento e da segregação ainda muito presente nas comunidades negras da região sisaleira, em particular, a FM.

Ainda hoje a representação que fazem dos moradores é com base em seus atributos físicos ‘de cor’, ‘traços grosseiros’, em sua capacidade cognitiva ‘gente burra’, ‘so pode ser do Maracujá, negro não pensa’ [sem inteligência] entre outros.

Nesse sentido, Pereira (2002, p. 65) afirma que *“não é na cor da pele nem nos demais traços fenotípicos de um grupo que reside a sua identidade. São, antes, as interpretações social e cultural dadas a essas características biológicas que criam simbolicamente a identidade do grupo”*.

As entrevistas desse grupo, para além de refletir a visão que as pessoas da zona urbana têm da FM, trazem dados para a compreensão da discriminação, constituída historicamente desde a colonização da região, ao ‘mito de fundação’ do município que silenciou sobre a participação do negro na sociedade e o isolou.

Voltando às questões sobre a língua, objeto de estudo desse trabalho, como já se discutiu em GR2, os informantes do GR3 também desconhecem que qualquer língua é constituída por um conjunto de variantes e que a variação é inerente à própria língua; e consideram como legítima, autorizada apenas aquela mais próxima do padrão idealizado pelos mais conservadores, e pela escola. Os usuários das demais variantes lingüísticas, como diz MVL, referindo-se aos falantes do português da roça, ‘fala é tudo errado mesmo’.

Segundo a concepção de Bourdieu, as formas variadas de uso da língua oficial, caracterizadas pela estrutura sociocultural de cada comunidade de fala passa a ser a marca de identificação de um grupo de falantes, como nem todas as variantes lingüísticas possuem o mesmo valor no mercado lingüístico. A variante cujas características lingüísticas correspondem às posições econômicas e sociais privilegiadas é avaliada positivamente.

Com efeito, as variantes lingüísticas das regiões e das periferias são avaliadas como expressões viciosas e de erros de pronúncia, “*reduzidas ao estatuto de jargões idiomáticos ou vulgares*” (BOURDIEU, 1998: 40/41), igualmente impróprios em ocasiões oficiais, os usos populares da língua oficial sofrem uma sistemática desvalorização.

Longe do acesso aos meios de produção da variante padrão (oficial), as classes menos favorecidas se vêem condenadas às sanções negativas escolares e sua exclusão do capital lingüístico e, em conseqüência, dos bens materiais e simbólicos. (*op. cit* p. 49/50).

## VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos propostos de apreender as crenças, os valores e as atitudes nas representações sociolingüísticas que os falantes fazem de sua língua, partiu-se de um corpus de fala que permitiu levantar as características lingüísticas da FM e compará-las a estudos realizados sobre outras variantes rurais de outras regiões rurais do país.

Separou-se entre elas as de uso mais geral que já estão incorporadas às variantes de diversas regiões do país daquelas que caracterizam o falar rural local. O que se pode perceber da análise é que não há na variedade aqui descrita, qualquer peculiaridade que possa caracterizar a FM, que possa individualizá-la diferenciá-la de outras comunidades rurais. Como dizem os informantes ORL [a linguagem deles] ‘é semelhante as das pessoas sem instrução de qualquer parte do município’ ou MVL, ‘o português da roça’ Verificou-se, desse modo, que tais características são encontradas nas diversas variantes rurais, sobretudo, nas mais isoladas o que permitiu confirmar a primeira hipótese desta pesquisa.

Ao invés de marcas lingüísticas específicas, pode-se verificar um conjunto de traços inovadores e conservadores, alguns já estabilizados na fala local e por isso não mais estigmatizantes; outros usados pelos mais velhos, pelos menos escolarizados e, talvez por isso, ainda muito discriminados socialmente.

No que diz respeito à influência das línguas africanas no cotidiano da comunidade, os resultados desta pesquisa permitem afirmar que o uso de palavras e expressões oriundas dos falares africanos, diferente da expectativa inicial que motivou esta pesquisa, são reduzidas e, além do mais, seus usos são de ampla circulação no português brasileiro,

particularmente no recôncavo baiano. As de uso religioso são restritas às celebrações do candomblé, às relações com seus pares e pouco se utilizam fora da esfera religiosa.

Do estudo sobre os aspectos fonético e morfossintático, articulado à análise do ponto de vista das representações sociolinguísticas, desenvolvido na segunda parte deste trabalho, supõe-se que a variação e a mudança subjazem mecanismos mais complexos e por isso devem ser estudados em conjunto com outros elementos de natureza sócio-cultural. A análise das atitudes e a avaliação manifestadas sobre a língua refletem diferentes percepções quanto ao uso que o falante faz de sua língua, verificou-se uma visão preconceituosa e estereotipada que confunde a fluência natural que cada falante tem de sua língua natural com a avaliação feita com base em um padrão idealizado, tomando-se como parâmetro a variante, enquanto forma de expressão das classes social e economicamente prestigiada como a única reconhecidamente legítima. Os usuários das demais variantes falam ‘errado’ desvalorizam e corrompem a língua. Assim um fator determinante do estigma é a noção de ‘correção’ lingüística disseminada principalmente pela escola.

Nesse sentido, os informantes que não utilizam a variante da escola – que pelo seu prestígio enquanto forma de expressão dos escolarizados passa a valer pela língua inteira. Por conseguinte, ignoram-se a capacidade que eles têm de se expressar, a fluência que têm em sua variante e passam a ser avaliados pelos de ‘fora’, pelos sujeitos da sede por suas características físicas e sua condição de ex-escravos é transferida para a sua variante lingüística.

Hoje, para mudar esse quadro os grupos afrodescendentes estão se organizando em busca de seu lugar na sociedade, entretanto é preciso que essa organização se estenda a esses grupos minoritários isolados em muitas regiões do país.

## VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, T. Sociolingüística. In: MUSSOULIN, Fernanda e BENTES, Ana Cristina (Orgs.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001b.

AMARAL, A. [1920] *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: O livro, 1920.

ASSIS VEADO, R. M. A. *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMA/PROED, 1982.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV)[1929]. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

BAXTER, A & LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil, In REVISTA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 19, 1997. p. 65-83.

BONVINI, E. & PETTER, M. Taddoni. Portugais du Brésil et langues africaines. In LANGUAGE 130, 1998, p. 68-83.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. In Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática, 1983, p. 156-83.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1998.

BOYER, H.. Matériaux pour une approche des représentations sociolinguistiques. Langue française, Paris, 85: 82-101, fev. 1990.

CALLOU, D; MORAES, J; LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. In DELTA, vol 14, nº especial, 1998 p. 61-72.

CERTEAU, M de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL – CAR (BA). Programa de desenvolvimento regional sustentável: Nordeste da Bahia – Salvador 1999.

COSTA, S. B. B. Adverbiais. In MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, 1966 p. 195-212.

COUTINHO, I. L. Gramática histórica. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In ROBERTS, I & KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

FASOLD, J. A. *The Sociolinguistics of society*. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1984

FISHMAN, J. A. *The Sociology of Language: an interdisciplinary social approach to language in society*. Newbury house publishers: Rowley, Massachusetts, 1972

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2001.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

GUMPERZ, John J. & DELL HYMES. *Directions in sociolinguistics: The ethnography of Communication*. Holt, Rinehart and Winston. Inc. 1972a.

GUMPERZ, Jonh J. & DELL HYMES. Social Meaning in Linguistic Structures: Code-Switching in Norway. In GUMPERZ & HYMES. *Directions in sociolingüistics: The ethnography of Communication*. Holt, Rinehart and Winston. Inc. 1972b.

GUMPERZ, John J. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2002.

HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. N. York: Cambidge University Press, 1980.

HYMES, D. *Language in culture and society*. New York, 1964.

JORDELET, D. Os processos de exclusão. In SAWAIA, Barder (Org.). *As artmanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

JORDELET, D. *Les représentations sociales*. 6. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

KATO, M. A. *Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança*. ATAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS. Lisboa, 1994, p. 209-237.

LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, M. e NEVES, M. (orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977 [1972].

LARA, G. M. P.. A imagem da língua portuguesa no discurso de sujeitos escolarizados. São Paulo, 1999. TESE DE DOUTORAMENTO EM LINGÜÍSTICA, Universidade de São Paulo.

LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In TEMPO BRASILEIRO, nº 53/54, Rio de Janeiro, 1978.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

MATTOSO CÂMARA, Jr. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

MELO, G. C. *A Língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1935.

MILROY, L. *Language and social networkers*. Oxford: B. Blackwell, 1989.

MILROY, J. Language ideologies and the consequences of standardization. *Journal of Sociolinguistics*. Oxford (UK), vol. 5, n. 4, p. 530-555. Blackwell Publishers, 2001.

MINAYO, M. C. O conceito de representações sociais dentro da sociolinguística. In GUARESCHI & JOVCHELOVITCH (orgs.). 8a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. *La Psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF. 1961.

NARO, A & SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. In DELTA, vol. 09, nº especial, 1993 p. 437-454.

- NASCENTE, A. *O linguajar carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- NEVES, E. F. *Uma Comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio* (um estudo da história regional). Salvador: Edufba, 1998.
- PEREIRA, J. B. B. SEYFERTH, G. et al. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, ABONG, 2002, p. 65-71.
- PESSOA DE CASTRO. Y. Línguas africanas e realidade brasileira. *Revista da FAEEBA*, Salvador, nº 15, p. 83-91, jan/jun 2001.
- POSSENTI. S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas SP: Mercado de Letras, 2006.
- POVOAS. R. C. *A linguagem do Candomblé*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.
- RIOS, I. N. A. *Nossa Senhora da Conceição do Coité: poder e política no século XIX*. Salvador: 2003. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. Universidade Federal da Bahia.
- SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication. an introduction*. 2 ed. Oxford, Blackwell, 1989 [1982].
- SEYFERTH, G., et al. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Peiropólis, ABONG, 2002.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da lingüística*. Trad. Fernando Tarallo. Campinas: SP: Ed. UNICAMP, 1993.

SILVA, M. P. da. Identidade e consciência racial brasileira. In SEYFERTH, G., et al. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Peiropólis, ABONG, 2002, p. 53-64.

SMITH, D. M. Language Speech and ideology: a conceptual framework. In Shuy W. Roger and FASOLD, Ralf W. (eds.). *Language attitudes: current trends and prospects*. Washington, D.C. Georgetown University Press, 1973.

TOMANIN, C. R. Fotografias da fala de Alto Araguaia MT. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. Campinas: UNICAMP, 2003.

VIANNA FILHO, L. *O negro na Bahia*. Rio de Janeiro: José Olympio editora. 1946.

WOLFRAM, Walt & FASOLD, Ralf W. Field Methods in the study of social dialects. In: COUPLAND, Nikolas & JAWORSKI, Adm (eds.) *Sociolinguistics: a reader*. N. York: St Martin's Press, 1974, p. 88-115.

YAGUELLO, M. Não mexe com a minha língua! In Bagno, M. (org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 279-283.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AZEVEDO, E. *Raça: conceito e preconceito*. São Paulo: Ática. 1987.

ALKMIM, T. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. III: novos Estudos. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001a.

BAGNO, M. (Org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001.

BAGNO, M. (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2001.

BONVINI, E. Tradition orale afro brésilienne. In CALAME-GRIAULE, Geneviève. (Orgs.). *Grainées de parole*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1989.

CARNEIRO, E. *Religiões Negras – Negros Bantos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In GONÇALVES, José Reginaldo Santos (Orgs.). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ, p. 17-62.

FOUCOULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. de Sírio Possenti. Ijuí, FIDENE, 1973.

FRANCO, Tasso. *Serrinha: A colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia*. Salvador: EGBA/ Assembléia Legislativa do Estado, 1996.

FREITAS, M. T. de Assunção. Abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Rio de Janeiro. Fundação Carlos Chagas. CADERNOS DE PESQUISA n. 116, julho, 2002.

FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. 19. Ed. José Olympio, 1978

FRANCHI, C. 'Linguagem – atividade constitutiva'. Almanaque – CADERNOS DE LITERATURA E ENSAIO. São Paulo, Brasiliense, n° 5 pp. 9-27, 1977.

GADET, F. Variation et hétérogénéité. In \_\_\_\_\_ (Org.). Variation et hétérogénéité: Labov, un bilan. Langages, 108, 1992 p. 5-15.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 12. ed. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Centro de Cultura, 1988.

HYMES, D. *Sociolinguistics and Ethnography of Speaking*. E. Ardener ed. Social Anthropology and language, London, 1971.

ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LANE, S. T. M. “Linguagem, pensamento e representações sociais”. In LANE & CODO. (Orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 32-9.

LÓPEZ, L. A. *A língua de Camões com Iemanjá: formas e funções da linguagem do candomblé*. Stockholm, 2004. TESE DE DOUTORAMENTO. Stockholm University.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004a.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS, H. M. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000.

NEVES, M. de F. R. *Documentos sobre a escravidão no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PERINI, M. A. *Sofrendo a gramática: exercícios de linguagem*. São Paulo: Ática, 1997.

PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks. Academia de Letras, 2001a.

RAMOS, A. *O negro brasileiro: etnografia religiosa*. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

REY, A. Usos, julgamentos e prescrições lingüísticas. In: Bagno, M. (org.). *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001 p. 115-144.

RIBEIRO, Branca Teles e GARCEZ, Pedro (Orgs.). *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

RIBEIRO, I. Quais as faces do português culto brasileiro?. In ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. III: novos Estudos. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002, p. 359-81.

RIBEIRO, I. A mudança sintática do PB é mudança em relação a que gramática? In CASTILHO, A. *Para a história do português brasileiro*. Vol. 1. São Paulo: Primeiras idéias.

RODRIGUES, N. *Os africanos no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.

ROMUALDO, J. de A. Entrevistador – entrevistado. *Relações assimétricas no discurso*. Comunicarte, Campinas, PUCAMP. Nº 11/12, p. 58-68, 1988.

SILVA NETO, S. A Língua portuguesa no Brasil: problemas. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

SILVA NETO, S. Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. 2. ed. (aumentada e revista pelo autor). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1963.

TEYSSIER, P. História da língua portuguesa. Traduzido por Celso Cunha. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

VALA, J. Sobre as Representações sociais: para uma epistemologia do senso comum. *Cadernos de Ciências Sociais* (Porto/Portugal) nº 4 p. 5-30.

## **ANEXOS**

**PESQUISA FAZENDA MARACUJÁ**

Município: Conceição do Coité  
Zona rural

Dados do informante \_\_\_\_\_

Nome

\_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_ sexo F ( ) M ( )

Pais

\_\_\_\_\_

Avós

\_\_\_\_\_

Escolaridade

\_\_\_\_\_

Ainda estuda ( ) estudou na infância ( ) já adulto ( )

Profissão \_\_\_\_\_ Trabalha fora da comunidade? Onde?

\_\_\_\_\_

Religião \_\_\_\_\_

Estuda fora da comunidade? Onde? \_\_\_\_\_

Esteve fora da comunidade? Por quanto tempo? \_\_\_\_\_

Qual o motivo? \_\_\_\_\_

Mídia:

( ) rádio ( ) TV livros/jornal ( )

Quais os programa preferidos:

\_\_\_\_\_

Observações:

### Guia de Entrevista 1

Entrevistado \_\_\_\_\_

Local de Nascimento \_\_\_\_\_

Data de Nascimento \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

1. Entre seus amigos há mais pessoas daqui ou de fora?
2. Quais as tradições daqui? Quais as festas?
3. E a religião predominante?
4. Como você caracteriza a fala do Maracujá?
5. Você acha que existe um modo de falar mais correto e mais bonito que outro?
6. Das pessoas que moram aqui quem você poderia dizer que fala bem? Como elas falam?
7. E sobre o seu modo de falar o que você acha?
8. Há diferenças entre o modo de falar dos mais jovens ou dos mais velhos?
9. Quem fala engraçado? Como essa pessoa fala?
10. Você acha que pode distinguir um rico de um pobre pelo seu modo de falar?

Observações:

## **Guia de Entrevista 2**

Entrevistado: \_\_\_\_\_

Local de nascimento \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_

Tempo Fora da Comunidade \_\_\_\_\_

1. Há quanto tempo você reside em Conceição do Coité?
2. Quais as localidades do Município que você conhece?
3. Que tipo de relacionamentos você mantém com essas comunidades?
4. E a comunidade do Maracujá você conhece? Se não conhece, o que já ouviu falar a respeito?
5. Além dessa comunidade existem outras no município constituída predominantemente de negros?
6. Você conhece algum fato de violência que envolva os moradores do Maracujá?
7. Quais as impressões que as pessoas aqui da sede têm sobre a comunidade.
8. E sobre a fala deles, o que as pessoas de fora acham? Há alguma característica particular?
9. Quais os fatores que podem contribuir para o isolamento daquela comunidade?
10. Quanto à religião, há alguma característica em particular?
11. Você conhece alguma tradição cultural da comunidade? Qual?
12. Quais as impressões que as pessoas aqui da sede têm a respeito da comunidade?

